



UNICAMP

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO**

THIAGO FERREIRA BASILIO

**INTERVALO FILOSÓFICO: PROPOSTA RADIOFÔNICA DE
SISTEMATIZAÇÃO DO ENSINO DE FILOSOFIA PARA
CRIANÇAS**

**CAMPINAS,
2017**

THIAGO FERREIRA BASILIO

**INTERVALO FILOSÓFICO: PROPOSTA RADIOFÔNICA DE
SISTEMATIZAÇÃO DO ENSINO DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem e ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Divulgação Científica e Cultural na área de Divulgação Científica e Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Cesar da Silva Teles

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pelo aluno Thiago Ferreira Basilio e orientado pelo Professor Dr. Paulo Cesar da Silva Teles.

**CAMPINAS,
2017**

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

B292i Basilio, Thiago Ferreira, 1992-
Intervalo filosófico : proposta radiofônica de sistematização do ensino de filosofia para crianças / Thiago Ferreira Basilio. – Campinas, SP : [s.n.], 2017.

Orientador: Paulo Cesar da Silva Teles.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Rádio – Programas para crianças. 2. Rádio e crianças – Linguagem. 3. Radioteatro. 4. Comunicação e educação. 5. Filosofia (Ensino fundamental). 6. Estudantes do ensino fundamental. I. Teles, Paulo César da Silva, 1965-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Intervalo filosófico : a radiophonic proposal of systematized philosophy teaching for children

Palavras-chave em inglês:

Radio programs for children

Radio and children - Language

Radio plays

Communication and education

Philosophy (Elementary education)

School children

Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural

Titulação: Mestre em Divulgação Científica e Cultural

Banca examinadora:

Paulo Cesar da Silva Teles [Orientador]

Patrícia Horta Alves

Marciel Aparecido Consani

Data de defesa: 30-08-2017

Programa de Pós-Graduação: Divulgação Científica e Cultural



BANCA EXAMINADORA

Paulo Cesar da Silva Teles

Patrícia Horta Alves

Marciel Aparecido Consani

**IEL/UNICAMP
2017**

Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA – Sistema de Gestão Acadêmica.

**A Deus por sua fonte inesgotável de conhecimento
À minha mãe pelo amor e apoio incondicionais**

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida e a manutenção abençoada dos meus dias até este momento. Se este projeto está concluído a glória é toda d'Ele.

À minha amada mãe, Rita, que sempre priorizou a educação dos filhos em seus investimentos de tempo e financeiros. O local que hoje alcancei tem uma grande parcela dessa dedicação incondicional expressa nas preocupações cotidianas, orações preocupadas e alentos recorrentes nos momentos de aflição da vida.

Ao meu pai, Alcione, que me apoiou em todas as ideias e aventuras na minha jornada acadêmica.

À tia Mirian que sempre foi a minha maior inspiração acadêmica. Muito obrigado pelas experiências compartilhadas e pelo carinho sempre expresso nas sutilezas da vida.

À minha avó, Antônia, pelo amor, preocupação, orações e talento em, generosamente, compartilhar afetos nos momentos complicados da vida.

Ao meu irmão, Guilherme, pelo apoio e disposição.

À minha amiga Andreia Moura, que sempre acreditou em minhas potencialidades acadêmicas, dando apoio, mostrando caminhos esclarecidos da existência, compartilhando momentos inesquecíveis mundo afora.

Ao meu orientador, professor Dr. Paulo Teles, sua paciência, sabedoria e conselhos foram fundamentais para este projeto ser possível. Guardarei muitos deles para a vida. Obrigado por ter acreditado neste estudo.

Aos amigos da vida, André Rodrigues, Anne Seixas, Carlos Daniel, Douglas Pessoa, Guilherme Zehetmeyr, Henrique Tohnes, Inajara Guerrero, Iones Moura, Jairo Junior, Kim Dias, Nathália Lima, Nina Amado, Renan Freitas e Ruben Santana, que estiveram presentes em momentos importantes da rotina, sempre dando suporte e alegria em minhas empreitadas.

Aos amigos da Editora Unaspress, Mauren; Ana Paula; Fran; Valéria; Marcio; Felipe; Ellyssandro; Fábio; Helena; Giulia e Vinícius (que também me ajudou muito com a normatização desta dissertação); Kemelly; Timóteo; Evelyn; Jonathas; e, em especial, ao meu chefe e amigo Rodrigo Follis, que teve a paciência de compreender as ausências e contratempos gerados pelo ritmo de produção deste trabalho.

Aos solidários acadêmicos que se dispuseram em contribuir com essa produção, nomeadamente a professora Me. Rebeca Pizza, o professor Dr. Marciel Consani e o

professor Dr. Antônio Adami. Muito obrigado pelos conselhos e diretrizes fundamentais para a conclusão desta pesquisa.

Ao Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), instituição responsável por minha graduação, da qual atualmente sou colaborador, por ter acreditado e investido nesta etapa de “mestrando”.

À Unicamp, por meio do Labjor, pela oportunidade de, através da sua estrutura e professores, representar um crescimento tão importante em minha trajetória.

Aos parentes, amigos, alunos e professores que me acompanharam nessa jornada de vida, me ajudando a descobrir que as oportunidades podem ser encontradas por todos os cantos deste intimamente explorado universo.

A todos, o meu sincero e emocionado muito obrigado!

RESUMO

O *Intervalo Filosófico* foi um programa produzido por estudantes em nível de graduação do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). Sua proposta, à época, era um tanto desafiadora: através de um formato de radiodramaturgia, transmitido por meio de uma emissora online (a Rádio Unasp), falar de filosofia para crianças de 8 a 11 anos.

Sem muitas referências ou estudos prévios para compreender ou situar questões básicas relacionadas à linguagem e a forma de abordagem mais adequada do tema para esse público, foi utilizada a intuição dos estudantes na tentativa de alcançar o objetivo da proposta que era o de falar sobre filosofia de forma simples, divertida e educativa.

Após três anos da sua execução, o projeto já pronto (44 episódios) foi analisado por esta dissertação, que vai desdobrar seu estudo a partir de questões fundamentais para aferir a possibilidade de utilização do material para o ensino da filosofia ao público proposto: a linguagem radiofônica como meio potencialmente educativo (resgatando aspectos históricos, exemplos de destaque e questões relativas ao gênero de radiodramaturgia); a importância de se introduzir a filosofia ainda na infância (possibilitando o saber como potencial protagonista no fomento da formação de cidadãos alteros e intelectualmente emancipados); e a aprendizagem e desenvolvimento da criança (trazendo uma abordagem pedagógica sobre como funciona os processos que levam a um ensino eficiente no contexto da infância).

Essas informações articuladas sob a visão de importantes teóricos que concentram seus estudos em áreas como linguagem radiofônica; rádio educativa; comunicação e educação; filosofia; educação filosófica; e pedagogia, somadas e articuladas com entrevistas em profundidade realizadas com o público proposto ao projeto e especialista foram norteadoras para a análise do programa *Intervalo Filosófico*, observações que geraram importantes pareceres sobre o projeto.

Isso possibilitou que as conclusões do estudo com diagnósticos sobre as três áreas que precisam ser compreendidas para maior efetividade de tal proposta (retomando, linguagem radiofônica, a filosofia na infância e aprendizagem e desenvolvimento da criança), gerasse uma estrutura conceitual suficiente para sistematizar uma ideia que,

atendendo às constatações do estudo, se torne viável, seguindo objetivo inicial do projeto: ensinar filosofia a crianças, utilizando a linguagem radiofônica. Mas, além disso, explorar espaços mais abrangentes para que tal conhecimento chegue e fale de forma adequada ao público verdadeiramente potencial.

ABSTRACT

The "Intervalo Filosófico" was a program produced by undergraduate students of the Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). By that time its aim was quite challenging: to speak about philosophy to children between 8 and 11 years old through a radiodrama format broadcasted by an online radio channel (Rádio Unasp).

The students involved used their intuition, with no previous references or studies to comprehend or locate basic matters related to the language and format of the approach, as a attempt to reach the goal, which was to speak about philosophy in a more simple, fun and educational way.

Three years after the execution of the program, the final project (its 44 episodes) was analyzed in this thesis, objectifying to unravel it's study parting from fundamental questions to assess the possibility of using this material to reach philosophy to the aimed target group: the radiophonic language as a potentially educational medium (rescuing historical aspects, examples of highlights and matters related to the radiodrama genre); the importance of introducing philosophy during childhood (making the knowledge possible as a potential protagonist in the development of citizens filled with otherness and who are intellectually emancipated); the learning process and child development (bringing a pedagogical approach about the processes which lead to an efficient teaching in the infant context).

These factors were articulated under the view of important theorists which concentrate their studies in areas such as radiophonic language; educational radio; communication and education; philosophy; philosophical education; and pedagogy. Putting them all together and doing in-depth interviews carried out with the project's proposed target and the specialists of the fields in question were the guidelines to the analysis of the program "Intervalo Filosófico", as they brought important feedbacks about the project. Thus, it was made possible that the conclusions of the study with diagnoses about the three areas which needed to be understood for more effectiveness of the aim (remembering, radiophonic language, philosophy during childhood, and the learning process and development of the child) lead to a conceptual structure enough to codify an idea which can follow up to the initial goals of the project - teach philosophy to children using radiophonic language - making use of the discoveries found in this

study. However, beyond this aim, we hope this proposal might explore larger spaces so that such knowledge gets to its truly potential public and speaks to it adequately.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. A RÁDIO EDUCATIVA NO BRASIL: CARACTERÍSTICAS E REFERÊNCIAS HISTÓRICO-AFETIVAS	20
1.1 Aspectos históricos e <i>sui generis</i> da linguagem radiofônica brasileira	21
1.2 Educação, comunicação e rádio: exemplos bem-sucedidos.....	24
1.3 O formato da radiodramaturgia como facilitador na comunicação educativa radiofônica	31
2. O TABU DA FILOSOFIA E A APRENDIZAGEM E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.....	37
2.1 “Filosofar” e ensinar filosofia	42
2.2 A importância de se ensinar filosofia	45
2.3 Aprendizagem e desenvolvimento segundo Vigotskii	48
3. CONTEXTOS CONJUNTURAIS E DE PRODUÇÃO DO INTERVALO FILOSÓFICO	53
3.1 A Rádio Unasp	53
3.2 O Intervalo Filosófico	55
3.3 Episódios resumidos.....	61
4. ANÁLISE DAS LINGUAGENS, ABORDAGENS FILOSÓFICAS E EFETIVIDADE EDUCATIVA AO PÚBLICO PROPOSTO PELO INTERVALO FILOSÓFICO.....	83
4.1 Linguagem radiofônica.....	85
4.1.1 Cenário sonoro.....	86
4.1.2 Vozes da emoção	89
4.2 Linguagem filosófica	92
4.2.1 Aspectos técnicos.....	93
4.2.2 Aspectos de abordagem.....	94
4.3 Linguagem educativa	101
4.4 Intervalo Filosófico na escola	103
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
6. REFERÊNCIAS.....	109
ANEXO 1 – ENTREVISTA.....	113
ANEXO 2 – ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE COM ESPECIALISTA	116
ANEXO 3 – ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE COM PÚBLICO PROPOSTO (CRIANÇAS COM IDADE ENTRE 9 E 11 ANOS).....	125
ANEXO 4 – ACESSO AOS PROGRAMAS DO INTERVALO FILOSÓFICO	142

INTRODUÇÃO

A máxima socrática “só sei que nada sei” legitima muito mais que uma simplista “pseudo-humildade”. Diante da arrogância humana de se achar suficiente na sistematização e absorção de conhecimentos do mundo e das coisas que o compõe, Sócrates se mostrou extremamente equilibrado e igualmente sábio ao diagnosticar que o intelecto só é capaz de se estabelecer em plenitude quando a aptidão de reconhecer limitações é colocada em primeiro plano.

Por mais imaterial que pareça, a consciência de que o infinito talvez seja a única forma de medir o tamanho do saber existente no universo é, muitas vezes, um exercício pouco realizado por quem se declara ou é declarado referência de sabedoria. Ao longo da história, a filosofia sempre foi segregada a sortudos que regiam ou desafiavam as leis de sua sociedade, isso fez com que tal ciência atravessasse os milênios de forma extremamente restringida.

Na atualidade, é muito relevante fomentar o envolvimento social para que as questões de importância coletiva sejam acessíveis a todos. Candotti (2002: p. 21) acredita que a classe “intelectual” possui uma responsabilidade de educar a população “para entender e transformar o mundo. Para torná-lo mais justo e igualitário”, além de “ensinar aos jovens como manter viva a chama da curiosidade”.

O ensino da filosofia proporciona “a satisfação de chegar a crenças e ideias por meio do nosso próprio raciocínio, e não por imposição da sociedade, da religião, da escola ou mesmo dos filósofos consagrados” (ATKINSON, 2011: p. 17). Portanto, parece lógico procurar tornar tais conteúdos acessíveis o mais cedo possível na vida do indivíduo.

Explicar a crianças conceitos filosóficos se mostra relevante pois é necessário revelar aos pequenos que “até as ideias fantasiosas de um sonhador às vezes são formuladas e transformam-se em conceitos que têm consequências enormes” (SPROUL, 2009: p. 11).

Ensinar filosofia não pode ser sinônimo, por exemplo, de segmentar esse saber a um público adulto ou com madures acadêmica “suficiente” para “desmistificar” os significados racionalizados por célebres nomes.

É neste contexto, na tentativa de produzir material deste calibre que atinja a faixa infantil, que surge o *Intervalo Filosófico*. O programa é um projeto criado em 2010 por estudantes de Comunicação Social estagiários da Rádio Unasp¹ e ambicionava contribuir com o desenvolvimento de crianças de 8 a 11 anos, objetivando tornar a filosofia uma área do saber de fácil compreensão e, acima de tudo, mostrar para os pequenos a importância dessa ciência para se entender as pessoas, a sociedade e a nós mesmos, refutando a equivocada resistência de muitos que não enxergam a filosofia com bons olhos. Para alcançar a criança de forma eficiente e atrativa, é necessário praticar técnicas utilizadas pela pedagogia em suas mais variadas correntes de pensamento.

Contrariando credences empregadas frequentemente para desqualificar o alcance e eficiência do rádio, utilizar esse canal para idealização de projetos como o *Intervalo Filosófico* é sinônimo de inovação, pois “a oralidade radiofônica amplia o acesso potencial a todos os indivíduos, independentemente do nível de alfabetização e educação” (SOUZA, 1996: p. 50). Em função disso, o programa pretende transformar o estudo da ciência que sistematiza o pensamento humano em um momento acessível, didático e lúdico.

A falta de espaço para crianças nos atuais veículos de comunicação deve ser uma preocupação constante para os profissionais da área. Isso se torna ainda mais grave quando se avalia a questionada qualidade dos produtos que estão “no ar”. Os meios protagonizam um papel determinante na formação infantil.

Devemos ou não usar os meios no processo educacional ou procurar estratégias de educação para os meios? [...]. Trata-se, agora, de constatar que eles são também educadores, uma outra agência de socialização, e por eles passa também a construção da cidadania. É desse lugar, o qual procura colocar em sintonia mídia e escola, aceitando que a escola já não é mais o único *lugar do saber*, que devemos relacionar-nos com os meios. E é esse lugar em que temos de esclarecer que modalidade de programação da mídia queremos para pavimentar as mudanças sociais no sentido da construção efetiva da cidadania (BACCEGA, 2011: p. 32).

A comunicação social pode ser utilizada para tornar saberes acessíveis. Por isso, o *Intervalo Filosófico* foi concebido para simplificar, humanizar e tornar acessível

¹ Emissora do Centro Universitário Adventista de São Paulo – Campus Engenheiro Coelho (Unasp-EC).

o conhecimento. Zamboni (2001: p. 49) acredita ser necessário levar a ciência às diversas camadas sociais para que conquistemos uma sociedade menos desigual.

é preciso chegar ao homem comum, mantido distanciado e, por isso, alienado do mundo cada vez mais especializado das ciências; e é preciso vencer “ruptura cultural” instalada entre uma elite à qual se outorgou o direito de saber e uma massa relegada à exclusão do saber (muitos, inclusive, excluídos até da aprendizagem das primeiras letras e da aritmética mais elementar) (ZAMBONI, 2001: p. 49).

E é exatamente essa “exclusão” que o projeto propõe diminuir, criando, por meio do rádio, um programa no qual crianças tenham contato com a filosofia, confluindo a educação com a comunicação, parceria tão comentada na atualidade, mas que nem sempre é praticada de forma adequada.

Antes mesmo da popularização do termo “educomunicação”, Paulo Freire relatou que “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação do significado” (FREIRE, 1992: p. 69). O *Intervalo Filosófico* possui essa ambição.

Piletti (2003: p. 26) argumenta que o ser humano está em um constante processo de aprendizagem. “Não é só na sala de aula que se aprende ou que se ensina. Em casa, na rua, no trabalho, no lazer, em contato com os produtos da tecnologia ou em contato com a natureza, enfim, em todos os ambiente e situações podemos aprender e ensinar”. Por isso, o *Intervalo Filosófico* agregou ao seu formato uma possibilidade de aprendizagem, promovendo uma abordagem utilizando conceitos pedagógicos. Orofino (2005: p. 138) assegura que

A pedagogia dos meios, na medida em que se solicita o uso de vários códigos de linguagem em texto, imagem e som, exige um novo apelo à produção do conhecimento que pode muito contribuir para a ruptura das fronteiras entre conhecimento elaborado, saberes populares, arte e ciência. (OROFINO, 2005: p. 138)

Partindo desse pressuposto, a utilização do rádio como meio de produção e difusão (no projeto *Intervalo Filosófico*) foi utilizada acreditando em duas suposições: resgate da exploração da dramaturgia em ambiente radiofônico (como uma experimentação, utilizando dinâmicas atuais de produção) e o envolvimento histórico que o rádio proporciona a quem tem contato com suas mensagens.

Adami (2013) lembra como esse veículo foi determinante nas mediações culturais do Brasil após suas primeiras transmissões, falando com diferentes públicos

de forma clara e simples (se levar em consideração a facilidade das emissões e o baixo custo de produção).

a mídia rádio surge nos anos 1920, e até hoje no Brasil é um vetor da cultura popular, como meio de comunicação em massa irradiando a diversos públicos, em longínquas regiões, às vezes trata-se de um público local, outras vezes também nacional e global (ADAMI, 2013: p. 511, tradução livre).²

Nem o advento da TV (a partir de 1950) foi capaz de anular esse cenário, por levarmos em nosso cotidiano a cultura de escutar rádio. Adami (2013) exemplifica resgatando a conhecida história da pessoa que vai ao estádio de futebol assistir a um jogo e, mesmo vendo de perto a partida, leva consigo um aparelho de rádio para que possa ouvir os comentários e pareceres que a narração radiofônica proporciona.

A relação do rádio com a cultura nacional favoreceu o conhecimento do seu povo com as diversas facetas do país, a partir da divulgação de realidades indígenas, afrodescendentes, portuguesa, italiana, espanhola, a cultura da elite, da classe trabalhadora, da miscigenação, do litoral, das capitais urbanas. Tudo de forma complexa, intrigante e contraditória, como a multiculturalidade brasileira é em sua essência de país continental, que abarca a construção social dessas e tantas outras marcas, mediadas pela radiodifusão ao longo da história (ADAMI, 2013). Característica capaz de construir uma unidade identitária como nação.

Martin-Barbero (1997: p. 229) acrescenta que, muito além da sua “organização industrial” ou “conteúdos ideológicos” os meios (principalmente entre as décadas de 1920 e 1950) tendiam a fomentar na população um sentimento de “apropriação” e “reconhecimento”. “O cinema em alguns países, e o rádio, em quase todos, proporcionaram aos moradores das regiões e províncias mais diversas uma primeira vivência cotidiana da Nação” (MARTÍN-BARBERO, 1997: p. 230).

Por esse e outros motivos que a rádio se consagrou, desde a sua era de ouro, entre os anos 1940 e 1950, como aspecto fundamental em mudanças nas mais variadas estruturas sociais, sejam elas culturais, políticas ou mesmo comunicacionais (ADAMI, 2003: p. 507). “O rádio no Brasil é um meio que pode mover as massas, levar

² El medio radio surge en los años 1920, y hasta hoy en Brasil, es un vector de la cultura popular, como medio de comunicación de masa irradiando para diferentes públicos, en diferentes regiones, a veces tratase de un público local, otras veces en también nacional o global.

e trazer a informação, arte e cultura aos rincões mais distantes” (ADAMI, 2003: p. 507, tradução livre)³.

Essas motivações tornam a utilização da linguagem radiofônica atual e potencialmente eficiente para fazer com que os seus ouvintes cunhem em sua imaginação marcas “palpáveis” dos personagens e cenários propostos pelo *Intervalo Filosófico*.

Esses conceitos serão utilizados para avaliar a forma como foi construído o programa, que é o objeto de estudo deste trabalho. Para entender melhor a estrutura do “*Intervalo*”, cada episódio retrata um filósofo ou uma corrente filosófica em formato de radiodramaturgia. Os diálogos são construídos tendo como referência programas do gênero que fazem ou fizeram sucesso na TV. Castelo Rá-Tim-Bum⁴, Sítio do Pica-Pau Amarelo⁵ e Cocoricó⁶ são alguns deles. O produto conta com duas figuras dramáticas permanentes e outras semanais ou eventuais:

- **Thiago** – Tutor da coruja Sofia. Muitas vezes é intolerante e desinteressado em filosofia. Estressa-se facilmente, reclama de tudo e não compreende o fascínio do seu animal de estimação pela ciência, mas, ao vivenciar diversas aventuras com inúmeros pensadores, passa, lentamente, a se interessar pelo tema.
- **Sofia** – A coruja é o símbolo do conhecimento, por isso, o animal foi escolhido para fazer parte do “elenco” do projeto. O nome “Sofia” é uma clara referência à composição grega da palavra “filosofia” – “phileo” significa “amigo”, e “sophia” traduz “sabedoria” (AFANASIEV, 1968). O animal falante, “sabichão” e atrapalhado ama filosofia e viagens. Cheio de bordões e hábitos domesticados, o bicho de estimação de Thiago dá o tom muitas vezes engraçado do programa.
- **Personagem semanal** – Cada edição recebe a participação de um filósofo. Esse aparece na trajetória dos personagens fixos de diferentes formas. A corujinha Sofia aproveita para “sugar” o máximo de conhecimento do “convidado especial”.

³ La radio en Brasil es el medio que puede mover las masas, llevar y traer la información, arte y cultura a los rincones más lejanos.

⁴ Programa infantil educativo produzido (entre os anos de 1994 e 1997) e exibido pela TV Cultura em parceria com a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).

⁵ Programa infantil baseado nas obras de Monteiro Lobato exibido e produzido (entre os anos de 1977 e 1986; e 2001 e 2007) pela Rede Globo de Televisão.

⁶ Programa infantil exibido e produzido (entre os anos de 1996 e 2013) pela TV Cultura.

Existe também o “*Filosofês*”, quadro que “descomplica o que parece complicado”. Uma palavra do linguajar filosófico é selecionada para ser desvendada e explicada (na maioria das vezes é utilizado algum termo relacionado ao filósofo ou corrente filosófica explorada no episódio) ao público.

Todas essas estruturas exploradas pelo projeto experimental foram analisadas (dentro de metodologias e teorias que devem ser discutidas para sustentarem a sua afetividade). A partir disso, o objetivo geral do trabalho é o de verificar possibilidades do ensino de Filosofia a crianças através da linguagem radiofônica utilizada pelo *Intervalo Filosófico*, e compreender, analisando o projeto a partir de entrevistas em profundidade e articulações teóricas, como seria possível levar o ensino de filosofia a crianças, através do programa.

Para tanto, é necessário resgatar aspectos conceituais da linguagem radiofônica; verificar a importância de se ensinar filosofia para crianças; entender como funciona a aprendizagem e desenvolvimento da criança; Observar processos utilizados pelo *Intervalo Filosófico* como alternativa ao ensino desta ciência.

As questões que este trabalho quer discutir são: Como a linguagem radiofônica e o gênero radiodramaturgia podem favorecer o ensino da filosofia a crianças? Qual a importância de a criança ser iniciada à filosofia? Como é estimulada a aprendizagem e o desenvolvimento infantil? É possível, com base no exemplo do *Intervalo Filosófico*, sistematizar possibilidades para o ensino desta ciência ao referido público?

A hipótese precocemente trabalhada é a de que, se utilizando de uma linguagem radiofônica, dentro de um formato de radiodramaturgia, é possível trabalhar conceitos de filosofia com crianças entre 8 e 11 anos, empregando de técnicas sistematizadas e defendidas pela educação e comunicação e se aproveitando da histórica capacidade comunicativa que o rádio representa na sociedade brasileira.

As constatações serão, passo a passo, verificadas ao longo dos capítulos deste trabalho.

No Capítulo 1 buscamos resgatar alguns aspectos da história da rádio no Brasil e a sua função mediadora e mediatizadora na construção da nossa sociedade, abordando também o papel da rádio com função educativa, trazendo exemplos históricos da utilização do meio para esse fim. Além disso, é analisado a radiodramaturgia em suas construções de cenários e interpretação.

O Capítulo 2 procuramos justificar a importância de se levar o conhecimento filosófico a todas as pessoas, em todas as idades como estímulo à emancipação cidadã e intelectual do indivíduo, além de abordar e compreender como se dá a aprendizagem e o desenvolvimento da criança, um viés seguindo estudos de Vigotskii.

O capítulo 3 abordará o contexto em que o Intervalo Filosófico foi produzido, mostrando aspectos institucionais e conjunturais da produção, traçando um panorama resumido dos episódios da atração.

O capítulo 4 analisa os aspectos relacionados à linguagem radiofônica, linguagem filosófica e linguagem educativa do programa, utilizando detalhes dos conceitos abordados anteriormente, articulando ideias e observações geradas a partir das entrevistas e percepções visualizadas no programa estudado.

As considerações finais concluem toda a trajetória e constatações da análise, sugerindo propostas e possibilidades de aplicação do Intervalo Filosófico dentro das realidades estudadas.

Feito esse panorama, o leitor fica agora à vontade para conhecer, compreender e se inspirar com esse projeto que representou importância tão marcante na trajetória de seus idealizadores e produtores. Boa leitura!

1. A RÁDIO EDUCATIVA NO BRASIL: CARACTERÍSTICAS E REFERÊNCIAS HISTÓRICO-AFETIVAS

A história do Brasil, assim como a de todo o mundo, foi construída a partir de mediações. Mediações articuladas pela cultura, por diversos contextos e, obviamente, também pela mídia. Nossa história foi contada de diferentes formas ao longo dos anos. Claro que o avanço da tecnologia colaborou com as mudanças e eventos que impactaram nossa formação e identidade.

Mas tudo isso se intensificou no século 20. Se antes a informação se limitava ao papel e à tinta das populares prensas de até então, uma nova fase seria inaugurada. Uma força mediática diferente entrava em cena, protagonizando uma massificação da informação, do poder e da cultura. A era do “aqui” e do “agora”.

O mundo passaria a acompanhar e a fazer a história de forma revolucionária, como nunca antes. O historiador Eric Hobsbawm (1995) observa que esse novo contexto pode ser comparado ao que chamou de “tríptico ou sanduíche histórico”, composto por uma “Era de catástrofe”, com conflitos devastadores; uma “Era de ouro”, momento em que a economia e a sociedade global experimentaram avanços e crescimentos muito acelerados; e um “Desmoronamento”, com o fim do socialismo, e evidenciamento do “terceiro mundo”. Um período histórico movimentado com eventos determinantes para a configuração geopolítica e socioeconômica da atualidade, que foi ouvido atentamente através das ondas comunicativas da radiodifusão (HOBSBAWM, 1995).

O rádio foi o meio que protagonizou um papel fundamental na massificação da informação, da cultura e de ideologias em momentos muito importantes da história contemporânea. Ele marcou também o início de um avanço acelerado da comunicação no mundo que, pouco tempo depois, foi ampliada com a televisão e “descontrolada” com o alcance da internet.

Ainda assim, o rádio desempenhou e desempenha uma função muito importante na comunicação social, dada a sua facilidade de produção, alcance e simplicidade na linguagem caracteristicamente coloquial e direta (FERRARETTO, 1965: p. 205). Tudo isso faz com que, mesmo os habitantes de lugares mais longínquos de uma nação (que não recebem sinal de TV ou internet) conseguem se conectar às suas ondas que levam a milhões, e por que não afirmar, bilhões de pessoas, uma ligação muito próxima com mundos e vivências tão distantes. Esse

universo, lembrado por Ronaldo Conde Aguiar (2007) como “caldeamento de fantasias e alegrias”; recordado por Renato Murce (1976) como “a voz do infinito”; e definido por Adami (2014) como um meio poderoso de “difusão, comunicação e expressão”, sempre levou importantes saberes aos lugares mais inesperados do globo terrestre. Por esse e outros motivos, ele ainda hoje deve desempenhar um papel de responsabilidade social, ao tornar suas técnicas de produção e emissão instrumentos de propagação do saber.

1.1 Aspectos históricos e *sui generis* da linguagem radiofônica brasileira

Quando o físico alemão Heinrich Hertz conseguiu comprovar a teoria de James Maxwell sobre a existência de ondas eletromagnéticas, provavelmente não vislumbrasse que seu arrojado trabalho fosse resultar em uma verdadeira revolução no planeta nos séculos seguintes. Apesar de não ter vivido o suficiente para conhecer os “produtos” derivados da sua descoberta (morreu aos 37 anos em consequência de uma bacteremia), seu feito é lembrado até hoje quando nos referimos às ondas batizadas com seu nome. E são exatamente essas ondas que possibilitaram o rádio a transmitir seu conteúdo e programação.

Muitos estudiosos atribuem a importante fase embrionária e conceptiva do rádio como a conhecemos hoje ao padre brasileiro Roberto Landell de Moura, que faz evoluir os estudos da radiocomunicação no Brasil e no mundo. Nascido no Rio Grande do Sul, mas radicado em São Paulo, fez as suas primeiras experiências utilizando as ondas do rádio na capital Paulista, em Campinas e Santos. Chamado por muitos como feiticeiro, louco e padre renegado, Moura se destacou, na verdade, como um cientista de vanguarda, contribuindo para o fomento de uma verdadeira revolução no mundo. Em 1893 expôs publicamente em São Paulo aparelhos de rádio que construiu (ADAMI, 2014).

Desde que a carta escrita e enviada ao rei Dom Manuel de Portugal por Pero Vaz de Caminha, a mando de Pedro Alvares Cabral, conseguiu cruzar o Atlântico para informar os detalhes da chegada dos velejadores ao novo mundo, muita coisa mudou na comunicação global. Na ocasião, em 1500, detalhes da viagem, do encontro com os nativos, da fauna, flora e riquezas de Pindorama (que passaria a ser conhecida entre os europeus como Terra de Vera Cruz) foram tematizados naquele que ficaria conhecido pela história como o primeiro registro nacional propositando levar

informações além-mar, a mais de 6,5 mil quilômetros⁷. Nessa época, Pero Vaz nem imaginava as facilidades que a comunicação reservaria ao futuro.

No Brasil existem diversos relatos que apontam a primeira transmissão sendo feita em Recife pela Rádio Clube de Pernambuco, em 1919, mas a história oficial registra o centenário da independência do país, em 7 de setembro de 1922, como a verdadeira inauguração, sendo transmitido um discurso do então presidente Epitácio Pessoa à Nação.

Em 20 de abril de 1923 Edgard Roquete Pinto em parceria com Henrique Morize inauguraram de fato a primeira rádio do Brasil, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, com o prefixo PRA-A. Pouco tempo depois surgia a Rádio Clube do Brasil (PRA-B) e, no mesmo ano, também fundou-se a Rádio Clube de Pernambuco. Muito desafios rondavam o ofício do “fazer rádio” naquela época, seja pela dificuldade em alcançar as pessoas, já que os preços dos receptores importados eram segregadores, possibilitando apenas poucos endinheirados a adquiri-los, ou mesmo pelas dificuldades do contexto em que o país vivia. Em um retrospecto panorâmico sobre as fases do rádio no país e o seu desenvolvimento, Adami (2014: p. 40) constata que:

os anos 1930 são de expansão do rádio na Pauliceia e em todo o Brasil. São dezenas e dezenas de emissoras fundadas nessa década, que começaram a operar já profissionalmente, com amplos estúdios, *casting* de alto nível, grandes auditórios e, inclusive radioauditórios e até radiocine. Algumas destas rádios têm finos restaurantes e bailes dançantes, transmitidos ao vivo. Os anos 1940 são os anos de ouro do rádio, já como um grande negócio (ADAMI, 2014: p. 40).

Após os anos de implementação e uma gradual popularização do rádio, aos poucos as opções de emissoras foram se espalhando. Em 1934 surgia a Rádio Nacional, que pouco tempo depois tornou-se uma emissora pública. Passando para a União, a Rádio Nacional foi reconduzida a atuar com um propósito muito claro: disseminar e fortalecer a cultura brasileira através das ondas de rádio na formação da identidade nacional. Era uma estratégia político-governamental que Aguiar (2007: p. 22) detalha como objetivo de:

levar a vários e longínquos pontos do país um conjunto de mensagens, influenciando, assim, a formação de uma identidade nacional. É isso, mais ou menos, o que explica o fato de que a emissora estatal

⁷ Carta completa de Pero Vaz de Caminha. Disponível em: <https://goo.gl/4qykHn>.

procurou, desde logo, tornar-se um veículo de divulgação de autores nacionais e da música popular brasileira para dentro e para fora do país. Dito de outra maneira: para dentro, a Nacional atuaria no sentido da integração nacional; para fora, buscaria fixar uma imagem positiva do Brasil no exterior (AGUIAR, 2007: p. 22).

Parafraseando Adalto Novaes, Jesús Martín-Barbero (1997: p. 217) explica os efeitos práticos do que chama de “cultura nacional”.

A nação incorpora o povo, transformando ‘a multiplicidade dos desejos das diversas culturas [...] num único desejo: participar do sentimento nacional’. Sob esta forma, a diversidade legitima a insubstituível *unidade* da Nação. Trabalhar pela Nação é antes de mais nada torna-la *una*, superar as fragmentações que originaram as lutas regionais ou federais no século XIX, tornando-lhe possível a *comunicação* entre várias regiões – rodovias, estradas de ferro, telégrafos, telefones e rádio – mas acima de tudo *das regiões com o centro*, com a capital (BARBERO, 1997: p. 217).

Getúlio Vargas, então presidente da época, se inteirou de todos esses contextos, e, a partir de uma emissora situada na capital do país (na época, Rio de Janeiro), trabalhar em diferentes frentes para enaltecer e formar a identidade e a cultura nacional, além de evocar e priorizar o desenvolvimento baseado em políticas econômicas nacionalistas e protecionistas.

Adami (2013) pondera também que:

o rádio é o meio que soube incluir as massas, falar com o povo. Trata-se assim, de entender um pouco mais das raízes da cultura popular e o rádio, que se encontram na música popular brasileira - música esta que se estende e se conhece no Brasil a partir da chegada do rádio (ADAMI, 2013: p. 509, tradução livre).⁸

Ao analisarmos os anos de ouro desse meio (nomeadamente décadas de 1940 e 1950), podemos observar que a programação das grandes rádios era pautada em música, revelando ritmos de diferentes cantos do país; informando os acontecimentos do Brasil e do mundo, nos noticiários; e ainda com a divulgação da literatura através de radionovelas que, muitas vezes, adaptava histórias de grandes clássicos até mesmo internacionais.

Esses conteúdos levavam por toda a parte do país conhecimentos por vezes inéditos uma grande parcela da população (em um contexto onde os índices de

⁸ la radio es el medio que supe incorporar las masas, hablar con la gente. Tratando así de entender un poco más de las raíces de la cultura popular y la radio, que se encuentran en la música popular brasileña – música esta que se extiende y se conoce en Brasil a partir de la llegada de la radio.

analfabetismo eram enormes e a educação formal alcançava uma fração pequena de brasileiros), mesmo que o caráter primordial das emissoras fosse o entretenimento. Tudo isso dentro das facilidades relacionadas às formas de produção, linguagem e alcance, que favorecem e favoreceram a esse meio possibilidades se aliar de forma mais sistematizada com o propósito de educar.

1.2 Educação, comunicação e rádio: exemplos bem-sucedidos

Os pilares da educação e comunicação como conhecemos hoje no Brasil estão sustentados basicamente nas ideias de dois importantes nomes pensadores latino-americanos: Paulo Freire, pedagogo brasileiro que, dentre outras bandeiras, defendia a Educação Popular como elemento emancipatório e libertador; e Mário Kaplún, comunicador argentino estabelecido no Uruguai que em seu discurso e escritos sinalizava a liberdade de expressão e o combate à repressão como sendo determinantes para uma educação efetiva (SOARES, 2010: p. 116). Esses conceitos foram responsáveis por impulsionar um movimento social na direção de utilização da rádio como um meio potencialmente favorável ao fomento e divulgação da educação.

Através da rádio, por exemplo, surgiu um importante projeto (talvez um dos primeiros e mais eficientes do país nesses moldes), o “Movimento de Educação Base” (MEB), foi desenvolvido em uma parceria entre o Governo Federal (sob comando de Jânio Quadros) e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) com intuito de levar educação e alfabetização aos interiores do país por meio do rádio. Foi um projeto grandioso que se estendeu entre os anos de 1961 e 1966 (nesse formato, o movimento em si existe ainda na atualidade), usando, inclusive, metodologias propostas e já utilizadas por Freire em outras realidades, em que “seus agentes de Educação popular empregavam técnicas, métodos e recursos, muitas vezes simples e artesanais, mas bastante criativos, quanto à comunicação com o povo” (FILHO, 2010: p. 23). Para se alcançar os resultados esperados eram utilizadas histórias e questões envolvendo a própria comunidade para que o resultado fosse o mais eficiente possível. Tudo isso tendo instrumento pedagógico o rádio:

que possibilitou, em função das suas características, o desenvolvimento de atividades que buscavam, ao mesmo tempo, o uso das técnicas de comunicação, consideradas avançadas para a época, numa perspectiva de fazer Educação a distância, mas também a sua interação com as atividades locais, dentro das salas de aula e nas comunidades (FILHO, 2010: p. 23).

Um projeto de tamanhas proporções certamente teve um forte e importante impacto no país e foi o primeiro grande movimento por utilizar esse meio com um propósito intencionalmente educativo. Mais para frente, outro importante agente no fomento do rádio como ferramenta de disseminação da educação é o advento das rádios comunitárias, que possibilitaram uma participação mais próxima e democrática do indivíduo nos processos de produção comunicativa, trazendo para discussão questões que são efetivamente de interesse social, além de possibilitar que o sistema de mídias seja reinventado,

desconstruindo a pragmática que nos é imposta de cima, verticalmente, já a partir da concepção de tecnologia. Ao mesmo tempo, reintegrá-lo de forma sadia na vida da comunidade, para que ele seja instrumento de criatividade coletiva e não a prisão do imaginário (MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1986: p. 33).

É exatamente esse trabalho libertador e emancipatório que a comunicação e a educação, conjuntamente, estabelecem. Nesse sentido, Soares (2000) analisa que “os dois comunicadores - Freire e Kaplún – vinculam os espaços do contexto sociocultural, da educação e da comunicação como uma relação, não como uma área que deva ter seu objeto disputado”.

Baccega (2000) vai além, ao afirmar que “o encontro comunicação/educação leva a nova metassignificação, ressemantizando os sentidos, exigindo, cada vez mais, a capacidade de pensar criticamente a realidade, de conseguir selecionar informação (disponível em número cada vez maior graças à tecnologia, Internet, por exemplo) e de inter-relacionar conhecimentos” (BACCEGA, 2000: p. 9). Essa é uma possibilidade permitida à realidade da rádio comunitária, pois a sociedade de determinada região, muito mais do que consumir rádio começa a produzir e pautar a programação de modo que esse processo possibilita também a ampliação de conhecimentos históricos, sociológicos, filosóficos, técnicos, além de alargar saberes sobre os seus direitos (PERUZZO, 2010: p. 86).

A rádio comunitária surgiu no Brasil a partir de movimentos sociais ainda utilizando o conceito de “rádio-poste” (ou autofalantes). Os registros históricos apontam a Rádio Paranóica (de Vitória-ES) como sendo a primeira do Brasil, em outubro de 1970. A partir de então outras emissoras passaram lentamente a surgir em

diferentes estados como uma forma de garantir um acesso da população comum às vozes massivas da opinião pública.

É importante ponderar que desde o início desse movimento de criação de rádios comunitárias até a regulamentação desse tipo emissora passaram-se 28 anos, pois só em 1998 foi promulgada a lei de radiodifusão de baixa potência. Antes disso, todas as rádios que não conseguiam outro tipo de concessão eram taxadas de ilegais ou piratas.

Na verdade, nunca se teve, por parte do governo, uma grande disposição em ampliar o acesso da população a esse tipo de comunicação. Mesmo com o Decreto 2.615/98, responsável por instituir o serviço de Radiodifusão Comunitária, tem sido muito complicado legalizar e estabelecer uma emissora dentro das infundáveis regras e adequações exigidas por inúmeros órgãos reguladores que se envolvem nos processos de legalização. Fator este que faz muitas rádios permanecerem na condição de “piratas”, sem motivação para se instituir e iniciar operação. Mas, ainda assim, foi um importante passo na formalização dessa participação social nos processos de produção comunicativa com o cunho educativo no país.

Para melhor entender esse tipo de transmissão radiofônica é necessário categorizar os modelos de rádios educativas existentes na atualidade e como cada um deles atua dentro de suas propostas. Marcelo Mendonça Teixeira, Juan José Páez e Mariana Gonçalves Daher Teixeira (2010) utilizam os estudos do professor Arturo Merayo Pérez para sistematizar essas categorias. Merayo (2000) analisa que, assim como a cultura possui uma natureza “indefinível”, é complexo também definir o que seria uma rádio educativa. Mas ele parte de um pressuposto elementar que envolve os interesses operacionais da emissora. Para ser educativa a rádio deve ter um caráter sem vínculos e propósitos comerciais e zelar pelo compromisso social. Seguindo essa linha, são divididas em cinco categorias: emissoras formativas, emissoras socioformativas, programas educativos, edu-webs radiofônicas e emissoras de centros educativos.

- **Emissoras formativas** – são caracterizadas por seu conteúdo voltado à formação, ao ensino, com marcas docentes muito presentes e facilmente diagnosticadas. Exemplo: ministração de cursos, formação profissional, aulas abertas etc.

- **Emissoras socioformativas** – são rádios que ocupam seus espaços com uma educação que envolve questões mais voltadas à sociedade, pautando temas como a educação de valores, saúde, identidade cultural etc. Esse é o trabalho das estações comunitárias, por exemplo, que, como já dito anteriormente, cumprem um papel de dar voz aos que não têm acesso à grande mídia. A sede brasileira da Associação Mundial de Rádios Comunitárias (Amarc Brasil) informa em seu site⁹ que atualmente reúne mais de 50 rádios, projetos e entidades “pela defesa e exercício do direito à comunicação, com foco na radiodifusão comunitária. São eles e elas que fazem a gestão da rede com o objetivo de incidir em processos de democratização”. Dentre as emissoras que propõe protagonizar essas diretrizes está a Rádio Favela, muito conhecida por sua história marcante de resistência na periferia de Belo Horizonte (MG), pautando temas e questões relevantes do seu contexto desde a década de 1980. Entre diversas mudanças, perseguições políticas e falta de estrutura, em 2007 foi concedida formalmente a outorga definitiva da emissora das mãos do próprio ministro das Comunicações, Helio Costa. Esse caso brasileiro ganhou o mundo como exemplo da força e da importância que a democratização dos meios pode exercer na sociedade.
- **Programas educativos** – uma das possibilidades de se construir programas com esse viés (mesmo que exibidos em emissoras de cunho comercial) é a conversa com o público infantil (no qual esta pesquisa se foca). Apesar de possibilidades tão promissoras e vastas, é um tipo de produção cada dia menos encontrada nas transmissões radiofônicas da atualidade. E, na maioria das vezes, “as escassas produções infantis se restringem às emissoras públicas ou de caráter educativo” (FERNANDES, 2016: p. 109). Além das relações comerciais (audiência/venda de publicidade/resultado para o anunciante), o autor considera que a construção narrativa linear da produção radiofônica conserva traços muito parecidos de décadas atrás, faz

⁹ Site da Associação Mundial de Rádios Comunitárias (Amarc Brasil). Disponível em: <http://bit.ly/2vXJF4o>.

com que o “rádio deixa de exercer em sua plenitude a função de meio de experimentações sonoras e construções coletivas de conhecimento. Soma-se a essa problemática, o fato do rádio concorrer diretamente com a televisão pela atenção dos consumidores, incluindo os ‘consumidores-mirins’” (FERNANDES, 2016: p. 109). Mas existem bons exemplos de programas educativos no Brasil. Um deles é o “Rádio Maluca” da Rádio Nacional. O programa foi inaugurado em 2004 com a apresentação de “Zé Zuca”, o radialista José Carlos de Souza, e o músico Mariano, que recebiam um auditório infantil que também participava do programa. O espaço resgatava músicas folclóricas, contava com a participação do público de casa, recebia convidados e contava histórias de literatura infantil brasileira.

A dupla de apresentadores convida as crianças a participarem do programa através dos buraquinhos da caixa de som, dizendo que a Rádio Maluca é o “programa que você vê pelo rádio”. Assim, as crianças são estimuladas em sua imaginação, trabalhando na criação de imagens endógenas. Essas imagens estão repletas das memórias afetivas das crianças e são resultado de um aprendizado corporal, para além das atividades puramente mentais (FERNANDES, 2016: p. 109).

Todo esse envolvimento trazia ao rádio uma atração que dava a crianças um espaço educativo e importante em dias que a internet e a televisão oferecem uma gama muito maior de opções para esse público.

- **Edu-webs radiofônicas** – iniciativas que utilizam a internet como plataforma de transmissão. É uma forma de ter acesso menos burocrático à transmissão radiofônica, já que não é preciso lidar com os inúmeros processos regulamentais. A internet também tem protagonizado a ascensão de um movimento de postagem de produções radiofônicas, os chamados *podcasts*, que são arquivos em áudios hospedados e disponibilizados na internet para que as pessoas tenham acesso a determinado conteúdo e informação. As edu-webs radiofônicas têm crescido, principalmente pela possibilidade de segmentação e maior liberdade nas abordagens discutidas.
- **Emissoras de centros educativos** – como o nome sugere, essas são estações que surgem no contexto de um centro de ensino (sejam escolas de educação básica, formação técnica ou a nível universitário). Muitas dessas

rádios funcionam e transmitem através da internet e aproveitam dos saberes produzidos na instituição. Esse tipo de rádio também é caracterizado pela possibilidade experimental (propriedade inerente a um espaço de formação) e a gama enorme de assuntos abordados utilizando diferentes formatos. No Brasil observa-se vários exemplos, principalmente no que diz respeito às rádios universitárias. A Universidade de São Paulo (USP), maior universidade do país, possui uma emissora, a Rádio USP 93,7 FM e, ao ouvir suas transmissões, fica bem claro o caráter plural das temáticas abordadas em consonância com as inúmeras áreas de estudo concentradas no centro de ensino. O site da emissora¹⁰ destaca alguns prêmios conquistados pela estação.

Ao longo de seus 39 anos, a emissora recebeu diversos prêmios por sua linha de trabalho diferenciada. Em 2000, a Rádio USP recebeu o prêmio da APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte) como melhor programação musical. Destacam-se da mesma maneira as premiações pela melhor programação de cultura geral, melhor programa de variedades, conferidos também pela APCA, o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro e o Terceiro Concurso Internacional de Programas de Rádio promovido pela Rádio Cubana (vencido pelo Clíp Atualidades).

Com relação à programação, observam-se atrações que falam sobre arte, história, saúde, comunicação, biologia, cultura, meio ambiente etc. Sempre com a colaboração e participação de professores, pesquisadores, alunos e colaboradores da universidade, funcionando como um espaço de divulgação do conhecimento acadêmico às regiões da capital paulista e Ribeirão Preto. Outra experiência, que, inclusive, faz parte do corpus do estudo deste trabalho, é o da Rádio Unasp (entre os anos de 2010 e 2012), que também se insere no contexto das edu-webs radiofônicas e dos programas educativos, emissora do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), que à época utilizava a internet para transmissão e mantinha uma programação educativa em sua grade, contemplando debate de temas atuais, cultura, história, esportes, filosofia etc., sempre contando com o apoio de docentes, colaboradores e uma força muito grande de discentes que participavam ativamente

¹⁰ Site da rádio USP. Disponível em: <http://bit.ly/2fZlqPu>.

de toda a produção da emissora (no capítulo 3 será detalhado o funcionamento da rádio dentro do contexto de produção do *Intervalo Filosófico*).

E é exatamente o contexto universitário que permite também que projetos sejam desenvolvidos e experimentados em diferentes níveis. Sob um argumento de que a linguagem do rádio, através das suas formas de produção, estimula diversas habilidades importantes do desenvolvimento dos estudantes, como a expressão oral, escrita, desenvolvimento do pensamento complexo, capacidade de trabalhar em equipe, assimilação de processos comunicativos, ampliação do universo cultural etc. (CONSANI, 2007), uma iniciativa do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (USP), entre os anos de 2001 e 2004, em parceria com o poder público do município de São Paulo, possibilitou capacitar professores da rede pública (as comunidades escolares) para trabalhar com os seus alunos a linguagem radiofônica (em seus diferentes aspectos de ordem conceitual e técnica) e instituir rádios em ambiente escolar.

O objetivo era o de estimular as capacidades supracitadas que esse meio e seus processos de produção e comunicação proporciona. Para alcançar tais objetivos, o Educom.Rádio promoveu palestras de educomunicação, de eixo temático, workshops, oficinas e reuniões de área na formação dos cursistas, a partir de um projeto de extensão.

Dessa maneira, o Programa **EDUCOM.RÁDIO** destinou-se a capacitar a **comunidade escolar**, reunida em pólos de formação – as escolas-pólos, facilitando a aquisição dos conhecimentos e das habilidades indispensáveis para a promoção de uma prática dialógica, solidária e participativa no ambiente escolar (ALVES, 2007: p. 184).

Esse foi um exemplo muito estudado e com resultados positivos ao inserir o contexto escolar, capacitando professores para o trabalho com estudantes no conceito de ser introduzir a linguagem radiofônica como um potencial aliado no ensino.

Diante todos esses importantes exemplos, o Intervalo Filosófico, utilizando a linguagem radiofônica, pode mostrar-se um espaço importante para a abordagem da filosofia. Mas, existe uma variável de gênero que precisa também ser observada: o contexto da radiodramaturgia. Por isso, é importante também entender e analisar aspectos técnicos, históricos e reflexivos desse formato que mexe tanto com a capacidade criativa dos ouvintes.

1.3 O formato da radiodramaturgia como facilitador na comunicação educativa radiofônica

Os primeiros passos da radiodramaturgia no Brasil foram explorados de forma tímida ainda antes mesmo do advento da radionovela. Pequenos esquetes humorísticos ou que relatavam histórias de amor já frequentavam a programação. O primeiro a ser apresentado na PRE-8 foi *Namorado capaz de tudo* (de Genolino Amado), estrelado por Celso Guimarães e Amélia de Oliveira. Um texto melodramático de uma história de amor carregado de juras e declarações intensas e palavras eruditas, quanto mais convincente as declarações de amor, mais pareciam verdadeiras aos ouvidos do público.

Foi nesse sentido que se desenvolveu, posteriormente, os grandes sucessos da radionovela, iniciado por “Em busca da felicidade”, produção baseada na obra do cubano Leandro Blanco e que introduziu o sucesso desse gênero no Brasil tanto nos períodos áureos do rádio quanto, posteriormente, com a ascensão da TV na exibição de telenovelas.

A radiodramaturgia levou ao rádio uma nova dimensão narrativa que possibilitava ao ouvinte um envolvimento mais próximo, passando a se materializar histórias, através de cenários arquitetados exclusivamente com os sons, responsáveis por compor os cenários sonoros radiofônicos na produção desse gênero que fez história.

Para entender a importância dos cenários sonoros, é importante compreender a ideia de paisagem sonora. O conceito de paisagem sonora foi sistematizado por Murray Shafer (2001), que definiu como “qualquer campo de estudo acústico. Podemos referir-nos a uma composição musical, a um programa de rádio ou mesmo a um ambiente acústico como *paisagens sonoras*” (SHAFER, 2001: p. 23). Em suma, “uma paisagem sonora consiste em eventos *ouvidos* e não em objetos *vistos*”. Adami (2014) observa que “os ruídos, o silêncio, os sons da natureza e os criados pelos homens são elementos da linguagem radiofônica, que, quando são usadas em uma produção, podem criar paisagens sonoras” (tradução livre)¹¹. Para se construir uma narrativa em radiodramaturgia, é necessário observar alguns aspectos

¹¹ os ruidos, el silencio, los sonidos de la naturaleza y los creados por el hombre, son elementos del lenguaje radiofónico, que, cuando se usa en una producción, pueden crear paisajes sonoros.

desse conceito para analisarmos diferentes pontos da construção da popularidade da radiodramaturgia.

Para dar corpo a esse estudo, é essencial distinguir a paisagem sonora em três: os *sons fundamentais*, os *sinais* e as *marcas sonoras*.

- **Sons Fundamentais**

Como uma definição simplificada, pode-se entender como os sons produzidos pela natureza, “sons criados por sua geografia e clima: água, vento, planícies, pássaros, insetos e animais” (SHAFER, 2001: p. 26). São tão elementares em nosso cotidiano que, muitas vezes, não os percebidos conscientemente.

O psicólogo da percepção visual fala de ‘figura’ e ‘fundo’. A figura é vista, enquanto o fundo só existe para dar à figura o seu contorno e sua massa. Mas a figura não pode existir sem o fundo; subtrai-se o fundo, e a figura se tornará sem forma, inexistente (SHAFER, 2001: p. 27).

Um exemplo dessa questão, transferido a uma realidade de produção de radiodrama, seria uma cena em que se falasse que um casal está fazendo um piquenique no campo, ou em um jardim, e, nos sons explorados, inexistir a presença de pássaros cantando, árvores balançando e a brisa eventualmente soprando.

Nesse sentido, a voz dos atores interpretando o momento, acompanhado por sons de talheres e outros componentes que indicassem que estão comendo, soaria como se flutuassem em um cenário branco, composto por uma toalha xadrez vermelha, que sobre ela se acomodam algumas frutas, biscoitos e confeitados com duas pessoas conversando diante desses elementos, sem que o pano de fundo fosse explorado adequadamente.

Talvez, a presença de sons fundamentais não se evidenciasse como papel principal na cena, mas, no caso de sua completa ausência, causa um certo desconforto, fica incompleto, já que a ideia é a de situar o ouvinte dentro de um piquenique ao ar livre. Ou seja, eles precisam se fazer presentes para dar base ao cenário e ser plenamente construído e “decodificado” na imaginação do ouvinte.

- **Sinais**

Diferentemente dos sons fundamentais, os sinais são sons ouvidos de forma consciente, eles “precisam ser ouvidos porque são recursos de avisos acústicos: sino, apitos, buzinas e sirenes” (SHAFER, 2001: p. 26). Se formos considerar os primeiros

sinos que margearam a história, principalmente a ocidental, percebemos a atuação dos sinos, que funcionavam como som de alerta para sua frequente comunhão e devoção a Deus e à igreja.

Mais tarde, veio mais um importante sinal frequentar o cotidiano social das comunidades europeias: o relógio mecânico. Não se fazia mais necessário manter um contato visual com o objeto responsável por calcular o tempo, bastava ouvir as badaladas para se saber o horário indicado. Bastou pouco tempo para o relógio e o sino se associarem em função da atuação da igreja.

A associação entre relógios e sinos de igreja não foi absolutamente fortuita, pois o cristianismo desenvolveu a ideia retilínea de tempo como progresso, ainda que progresso espiritual, com um ponto inicial (a criação), um indicador (Cristo) e uma profética conclusão (o Apocalipse). Já no século VII foi decretado em uma bula do papa Sabiniano que os sinos dos monastérios deveriam ser tangidos sete vezes por dia, e essas pontuações eram conhecidas como horas canônicas. O tempo está sempre se esgotando no sistema cristão, e a batida do relógio pontua esse fato. Seus carrilhões são sinais acústicos, mas mesmo em um nível subliminar o ritmo incessante de seu tique-taque forma uma tônica de significado inevitável na vida do homem ocidental. Os relógios penetram o recesso da noite para lembrar ao homem sua mortalidade (SHAFFER, 2001: p. 89).

Os sons, como percebemos, carregam muita história em suas ondas. São essas histórias que possibilitam a exploração das paisagens sonoras no rádio, essas que são capazes de formar os cenários tão importantes à narrativa do radiodrama. Nesse contexto, os sinais podem ser utilizados como uma forma eficiente de se passar determinadas mensagens, como, por exemplo, quando se quer construir a ideia de que se chegou a hora esperada, ou de que um trem se aproxima, ou, ainda, de urgência, ao reproduzir o som de uma sirene, por exemplo.

- **Marca sonora**

Uma das definições fornecidas pelo dicionário Aurélio para a palavra “marca” é “distinguir-se”. Dentro do universo da paisagem sonora, é nesse sentido que vamos significar o termo “marca sonora”, que são características peculiares e que geram distinções claras com relação a outras realidades.

“Se refere a um som da comunidade que seja único ou que possua determinadas qualidades que o tornem especialmente significativo ou notado pelo povo daquele lugar” (SHAFFER, 2001: p. 27). Em suma, é a capacidade de se

reconhecer determinados locais através de marcas sonoras muito peculiares e fortemente atrelada às características de uma comunidade.

Shafer (2001) utiliza um exemplo de um estudante nova-iorquino que saiu de sua cidade natal e veio para o Rio de Janeiro, aqui no Brasil. Voltando de sua viagem, ele relatou a paisagem sonora da Cidade Maravilhosa, onde registrou mais que o dobro de percepções, se comparadas às que ele mesmo fez da sua própria cidade.

Cada comunidade tem suas particularidades, e isso é muito notado por ouvidos que não estão acostumados à rotina sonora daquele local. Provavelmente quando ouvir novamente sons da paisagem sonora carioca sua memória vai associar automaticamente à capital fluminense.

Em uma produção de radiodrama, é necessário trabalhar com esses elementos que são marcas sonoras de determinada região, com intuito de possibilitar que, assim como na televisão os elementos visuais de uma produção tentam se assemelhar ao máximo da “realidade”, a produção radiofônica também deve criar mecanismos apropriados para se construir.

Através dos cenários sonoros, articulados por meio da sonoplastia e edição de som, a história construída passa a explorar uma experiência narrativa mais complexa possível ao ouvido humano. Esse é um campo de estudo que envolve diversos elementos e conceitos e serve como base para a observação dos “cenários sonoros” (músicas, efeitos, sons para além da interpretação de radioatores), cunhado para análise deste estudo. Tudo isso já é observado há muitos anos na produção radiofônica.

Fazendo um breve resgate à produção de radiodramaturgia, já se encontra nas primeiras esquetes e novelas a preocupação de se produzir o que Sperber (1989) chama de “fundos sonoros” (mesmo que artificiais) para a formação dos cenários. Como as produções eram transmitidas ao vivo, os sons que seriam utilizados para compor a cena eram feitos ali mesmo, com uma equipe responsável por produzir efeitos sonoros com intuito de atribuir mais verdade à narrativa.

Um avião a jato pode ser imitado com um secador de cabelos; um trem, pelo friccionar rítmico de duas folhas de lixa; o trote de cavalos, batendo-se duas meias cascas de coco vazias; o fogo, amassando papel celofane perto do microfone; e finalmente, a chuva cai sobre um peneira fina de arame (SPERBER, 1980: p. 53).

Com o passar do tempo, o processo se facilitou. O advento da gravação possibilitou a captação dos sons originais, aplicando esses efeitos durante a edição do material e não mais ao vivo, como era feito no início. Depois veio o computador e atualmente temos uma infinidade de possibilidades para criar esses contextos, utilizando diferentes sonoridades compostas por sons fundamentais, sinais e marcas sonoras. Tudo isso para “dar vida” aos cenários sonoros das narrativas contadas em formato de radiodrama.

- **Interpretação**

Juntam-se a esses elementos, outras importantes composições para dar corpo, fluidez (com sentido de “naturalidade” e “espontaneidade”) e dinamismo à história a ser contada. Adami (2014), falando sobre a adaptação literária em ambiente radiofônico utilizando das possibilidades da dramaturgia, ressalta que “na rádio, o som exerce a imaginação do ouvinte. A interpretação dos radioatores, mais os elementos de som incorporados, tornam-se um todo que pode elevar tanto o trabalho original quanto sua nova construção” (tradução livre¹²).

Dois importantes elementos que devem coexistir na realidade do radiodrama: a interpretação dos atores (e nesse tópico também é relevante apontar o texto que norteia o sucesso desse tipo de produção) somado aos elementos de som incorporados para se contar a história. Esses são responsáveis por tornar a narrativa cativante, despertando o interesse e a atenção do ouvinte.

Ainda sobre a interpretação, Adami (2014) observa que a palavra interpretada tem características muito claras, originais, marcantes, e, porquê não dizer, melódicas.

a palavra radiodramatizada segue uma melodia própria, uma harmonia e um ritmo que liga todos os elementos do radiodrama: o ritmo das pausas, ritmo melódico, ritmo harmônico. A “melodia da palavra radiofônica” expressa o drama da realidade, a realidade dramática que o rádio transmite ao ouvinte. A melodia descreve a realidade completa, incluindo movimentos afetivos. Não há dúvida de que na rádio a palavra pode transmitir, como a melodia, muito carinho (ADAMI, 2014, tradução livre).¹³

¹² En la radio, el sonido ejercita la imaginación del oyente. La interpretación de los radio-actores más los elementos sonoros incorporados, se convierten en un todo que puede elevar tanto la obra original como su nueva construcción.

¹³ La palabra radiodramatizada sigue una melodía propia, una armonía y un ritmo que conecta todos los elementos del radiodrama: el ritmo de las pausas, el ritmo melódico, el ritmo armónico. La “melodía de la palabra radiofónica” expresa el drama de la realidad, la realidad espectacular que la radio transmite al oyente. La melodía describe la realidad completa, inclusive los movimientos afectivos. No hay duda que en la radio la palabra puede transmitir, como la melodía, un gran afecto.

E é exatamente esse vínculo afetivo desenvolvido ao longo da história na relação “rádio x ouvinte” que foi responsável por tornar a rádio uma mídia tão marcante e responsável por protagonizar e/ou mediar grandes eventos da era moderna e contemporânea.

Todo esse panorama aqui apresentado - resgatando elementos histórico-culturais desempenhados pelo rádio na sociedade brasileira ao longo das décadas, bem como o importante papel social das rádios educativas ao longo dos anos e conceitos importantes do formato de radiodramaturgia utilizados até hoje - podem revelar que essa mídia ainda resguarda potencialidades técnicas eficientes e com uma gama inimaginável de possibilidades, explorando a imaginação e a criatividade.

Como observou Kaplun (1999: p. 22), “todo programa educa de alguma maneira” (tradução livre)¹⁴. Seja em atrações que têm de fato em seu propósito a educação, ou mesmo em comerciais, espaços musicais, transmissões esportivas etc. “Todos influem na formação de valores e nas pautas de comportamento do público” (tradução livre)¹⁵. Portanto, esse pode ser um espaço democrático onde a educação e os seus transformadores saberes sejam “sonorizados” e divulgados a ouvidos que escutam atentamente o que, no futuro, pode determinar emancipação cidadã e social.

¹⁴ todo programa educa de alguna manera.

¹⁵ todos influyen en la formación de valores y en las pautas de comportamiento del público.

2. O TABU DA FILOSOFIA E A APRENDIZAGEM E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

O primeiro ponto a ser pensado no desenvolvimento dos tópicos propostos para este capítulo se concentra na possibilidade de responder a um importante questionamento: o que é Filosofia? Em um segundo momento, estas reflexões se voltam à busca por soluções ao desdobramento da primeira questão. Para que serve a Filosofia? A principal dificuldade na resolução de ambas as perguntas consiste na existência de uma grande variedade de explicações possíveis e uma diversidade igual de posturas em relação ao tema. Para alguns, Filosofia é um importante campo de estudo, mas extremamente complicado e destinado apenas aos que, notoriamente, se destaquem em sapiência intelectual. Para outros, é uma ocupação inútil, própria dos ociosos ou sonhadores. Há ainda aqueles que acreditam ser a Filosofia um assunto de interesse geral e que, portanto, deveria ser “sistematizado” em termos simples e práticos a uma ampla gama de pessoas. Por último estão aqueles que, sequer, a enxergam como digna de consideração, taxando-a como pura perda de tempo.

Autores como Costa (2013) e Murcho (2008) enfatizam que no imaginário social predomina a ideia de que a Filosofia é atividade daqueles que procuram uma espécie de “fuga da realidade”. Seria o filósofo, neste caso, alguém com dificuldades para focar-se no que está diante do próprio nariz. De que adianta buscar explicações para fenômenos distantes, pouco práticos quando há tanto nas proximidades a ser entendido, quando há coisas que precisam de alguém que as torne funcionais? Costa (2013), para exemplificar este ponto, conta a história de Tales de Mileto (considerado o mais antigo dos filósofos gregos) e uma de suas empregadas. A jovem, incapaz de entender a linha reflexiva de seu patrão, debocha do fato de ele ter caído em um poço enquanto caminhava observando as estrelas. Para ela, parecia inaceitável o pensador passar seus dias tentando entender o mistério dos “céus”, quando havia questões mais urgentes a serem tratadas na rotina diária.

Chauí (2000) aponta outro detalhe importante para a construção desta visão pouco lisonjeira destinada a Filosofia. O fato de que a dificuldade de se entender o que significa Filosofia ou sua importância, além de se relacionar com a amplitude das definições possíveis que ela agrega, é sua inconclusividade. A ausência de “definitivos” em seu campo de investigação. Murcho (2008) brinca com estas

constatações ao afirmar que a Filosofia se dedica à especulação e, portanto, “lida com problemas que ninguém sabe resolver” (p. 80). Sim, a maioria dos problemas centrais da filosofia continuam “abertos”. A “indefinição” acoplada a este universo de estudo (e a consequente resistência que isso produz na população quanto ao tema) nasce da eterna (e necessária – veremos mais a frente) discordância entre os protagonistas deste campo (os filósofos). Dissenso quanto aos problemas abordados e ângulos pelos quais devem ser abordados.

Para Costa (2013) isso coloca a Filosofia em uma delicada posição frente a outros campos de investigação que costumam apresentar resultados quantificáveis (comprovados) e progresso linear de conquistas em prol da evolução e enriquecimento da humanidade. “Há problemas em aberto em todas as disciplinas, mas no caso da Filosofia temos muitíssimos mais problemas em aberto do que resultados consensuais” (MURCHO, 2008: p. 80). Nenhuma de suas conclusões, por sinal, deixou de ser confrontada por novas teorias. Não fosse o inconveniente de sua constante indefinição, há ainda um fato observado por todos os autores supracitados. A Filosofia carrega (historicamente) uma linguagem obscura e hermética. Inegável ponto de inacessibilidade e entendimento. O rechaço nasce, igualmente, da incapacidade das pessoas de entenderem o que é dito pela Filosofia.

Estabelecidos estes pontos é hora de voltar à primeira pergunta apresentada neste tópico. No fim das contas, o que é Filosofia? A definição inicial, talvez, deva ser a etimológica. Conta-se que o primeiro a utilizar o termo “filósofo” como explicação de sua atividade foi Pitágoras. Na ocasião alguém o classificou como “sábio”. Em resposta ao elogio ele teria dito: “não sou um sábio, sou apenas um ‘amigo da sabedoria’. A sabedoria é própria dos deuses”. Do grego “filos” (amigo), e “sofia” (sabedoria). Filosofia seria, portanto, amizade pela sabedoria. Amor e respeito em relação ao saber. Já o termo “filósofo” determinaria aquele que ama a sabedoria, que deseja saber. Chauí (2000) reflete que, neste sentido, Filosofia representa um estado de espírito. Daquele que anseia pelo conhecimento, ama a busca e respeita o saber, como veremos

Costa (2013) observa que esta primeira significação (a da Filosofia como amizade pelo saber e sua busca) já expressa sentido muito diferente daquele que determina a Filosofia como universo dos extraordinariamente inteligentes. Pitágoras se classificou como “amigo do saber” por se considerar incapaz de possuir a

sabedoria, pertencente aos deuses. A Filosofia, deste prisma, é uma atitude de humildade frente à imensidão de conhecimentos possíveis e o constante anseio de aproximar-se deles, de desvendá-los, ao menos um pouco. Essa modesta postura assumida por Pitágoras foi eternizada por Sócrates anos depois. O Oráculo de Delphos¹⁶ definiu o pensador ateniense como o homem mais sábio entre os gregos. Sócrates não recusou o título. Afirmou que a declaração do Oráculo era verdadeira, simplesmente pelo fato de ser ele o único a reconhecer a própria ignorância. Daí a máxima “só sei que nada sei”. “A essência da Filosofia é a busca pela verdade e não sua posse” (COSTA, 2013: p. 21).

Logo, sua indefinição, sua incapacidade de entregar resultados e provas, não representa, necessariamente, seu “calcanhar de Aquiles”. Ao contrário, é a fonte de toda a sua prática, sua essência epistemológica. No entanto, parece estranho à humanidade a existência de algo que não se deixa definir. Tal independência conceitual incomoda de forma tão intensa que não foram poucos os que tentaram colocar cercas a este universo, contê-lo dentro de significações dadas, de parâmetros de sistematização. Costa (2013) e Chauí (2000) enumeram algumas fórmulas que já foram utilizadas com estes fins.

Filosofia já foi categorizada de várias formas, utilizando diversos conceitos e tentativas frustradas de sistematizá-la, pois muitos estudiosos concluíram que Filosofia não é passível de uma definição fechada por ser experiência fluída. É atitude, indagação, vivência, é incontingente. E, como “caminhar constante na busca da verdade, suas perguntas são mais importantes do que suas respostas, porque estas sempre suscitam novas perguntas” (COSTA, 2013: p. 22). Portanto, se há mais perguntas que respostas, obviamente, faltam definições que consigam abranger o que deveria considerar-se no contato com este campo.

Parece que todas estas questões transformaram a Filosofia em tabu. O tema como assunto ininteligível, como campo de inutilidade, como “ciência” da complicação, como a “coisa” que não se explica, sempre será o argumento dos críticos que consideram “utilidade” como critério para emissão de juízo de valor, como critério para atribuição de importância. De fato, com Filosofia não se pode evitar a queda em um poço ou fixar tábuas de madeira na parede. Faltam-lhe as tais atribuições “funcionais”.

¹⁶ Em Delphos, Grécia, havia um templo construído e dedicado a Apolo. No local, várias sacerdotisas faziam predições, profecias que eram consideradas “verdades absolutas”. Este grupo de mulheres era conhecido como “Oráculo de Delphos”.

O ponto a ser compreendido é o equívoco que significa reduzir a Filosofia a esta categoria tão simplista do “instrumental”. Suas nuances, sua “utilidade”, encerram camadas muito mais profundas. Emerge, então, o segundo questionamento que este tópico propôs lá no início. Para que serve a Filosofia? Se não há utilidade aparente ou entendimento possível nela?

Chauí (2000), em seu exercício reflexivo de encontrar o espaço de atuação/efeito deste campo, afirma que Filosofia é “a decisão de não aceitar como óbvias e evidentes as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana; jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido” (p. 9). Partindo desse pressuposto, é possível ver a Filosofia como a tal experiência que flui, tendo sua utilidade no exercício de dar sentido (razão de ser) a todas as práticas e crenças aceitas e estabelecidas, os paradigmas da tradição, da história, do senso comum.

Atribui-se o estabelecimento da Filosofia, exatamente, à “suposta” passagem do homem do estágio do “*Mythos*” para o estágio do “*Logos*”. Do grego, “mythos” – mito; “logos” – pensamento racional. Portanto, da quebra com um entendimento (do mundo e de si) construída pelo homem a partir de explicações “sagradas”, ritualísticas, sobrenaturais; para um questionamento racional de todas as coisas com fins de encontrar explicações lógicas¹⁷ ao fluxo da vida. Costa (2013) aponta esta ruptura (iniciada pelos pré-socráticos) como o “milagre grego”. O mito, espécie de narrativa sacralizada, instituiu entidades sobrenaturais que (por suas práticas, experimentações, pecados e decisões) estabeleceriam os padrões explicativos para o porquê de as coisas serem como são. “A primeira e principal função do mito, é a de proporcionar modelos exemplares dos ritos e atividades mais importantes para o ser humano como o trabalho, a alimentação, o matrimônio, a educação, a arte e a sabedoria” (COSTA, 2013: p. 25).

A quebra com a aceitação deste tipo de entendimento das coisas abre espaço ao novo formato de “compreensão” que se deriva do pensamento racional. Pensamento nascido do constante questionamento a que Chauí (2000) chama de “atitude filosófica”. A autora enfatiza que a primeira característica desta atitude é o que poderia ser denominado de “negação”. Um dizer “não” ao senso comum, a todo

¹⁷Com lógica, neste caso, refere-se a toda operação intelectual que visa a determinar o que é verdadeiro ou não.

pré-conceito, pré-juízo, fatos e ideias da experiência cotidiana, enfim, ao estabelecido, ao solidificado pelos "mitos". O segundo momento desta "atitude filosófica" receberia o nome de "ação positiva". É quando se passa a interrogar o que seria, então, verdadeiramente, tudo o que se acaba de negar. O que são as coisas, as ideias, os fatos, as situações, comportamentos, os valores, o próprio homem?

Este rompimento com a visão "mítica" do mundo e a adesão ao questionamento que provém de um exercício mental racional é o que Chauí (2000) chama de origem do "pensamento crítico". Toda Filosofia só é possível por meio do pensamento crítico. Ela (a Filosofia) começa dizendo "não" a todas as crenças e a tudo que se imaginava saber, saindo em busca das verdadeiras significações (se é que, de fato, existem) daquilo que foi rechaçado. E, embora fuja de definições contingentes, como já explorado neste texto, Filosofia agrega a seu redor importantes características que permitem seu reconhecimento como campo de estudo, como exercício do pensamento. A tentativa de responder "o que é Filosofia?", portanto, se resume à identificação de um determinado conjunto de particularidades que se colam à sua prática e que, permitem ao homem localizar a existência deste "universo" de estudo no fluxo da vida.

Sendo Filosofia um ambiente tão aberto de significações, existiria resposta ao segundo questionamento proposto por este texto? É possível identificar a utilidade do exercício da Filosofia? Murcho (2008) argumenta que, independentemente da inconclusividade do campo, e até mesmo por tal indefinição, o homem continua insistentemente procurando por resultados consensuais nele. O autor enfatiza que é esta persistência naquilo que já se provou inconclusivo que promove a constante progressão da humanidade como civilização. Seria ela útil porque nos permite progredir?

A maioria dos grandes nomes da Filosofia, tentando encontrar definições que lhe coubessem (à Filosofia), acabaram apenas conseguindo enumerar suas potencialidades. Platão definiu Filosofia como o verdadeiro saber a ser utilizado em benefício do homem. Descartes a explicou como o estudo da sabedoria, o perfeito conhecimento de coisas que a humanidade pode utilizar para a manutenção da vida, da saúde; para a invenção das técnicas e artes. Kant, por sua vez, afirmou ser a Filosofia o conhecimento que a razão adquire de si mesma, a consciência que constrói de si, permitindo, portanto, que o homem encontre a felicidade. Merleau-Ponty

classificou Filosofia como o despertar que permite ao homem mudar o mundo. Espinosa declarou a Filosofia como árduo caminho de todo aquele que deseja felicidade e libertação.

Saber elementar que garante o bem-estar humano; origem das técnicas e artes; mãe da felicidade; empoderamento para mudar a realidade; objeto de libertação. Eis a "utilidade" da Filosofia. Representar a origem de toda emancipação.

Se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum for útil; se não se deixar guiar pela submissão às ideias dominantes e aos poderes estabelecidos for útil; se buscar compreender a significação do mundo, da cultura, da história for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política for útil; se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos for útil, então podemos dizer que a Filosofia é o mais útil de todos os saberes de que os seres humanos são capazes (CHAUÍ, 2000: p. 17).

Filosofia é, portanto, sua própria razão de ser. Ou seja, sua utilidade e seu conceito protagonizam o mesmo roteiro. Filósofa-se porque esta é uma das maneiras de tornar úteis as coisas que rodeiam o homem. Filósofa-se porque para evoluir é preciso compreender. Filósofa-se porque compreender é libertar-se. Filósofa-se porque libertação produz tolerância e reconhecer a alteridade produz felicidade.

Retomando conceito (já citado neste trabalho) explorado por Chauí (2000), Filosofar é um estado de espírito. Tal estado de espírito se pode ser ensinado? Se deve ser ensinado? Qual a importância de ensiná-lo?

2.1 “Filosofar” e ensinar filosofia

Em uma análise superficial é possível constatar que a rotina humana se organiza em torno de uma dezena de comportamentos repetitivos. Afirmar, desejar, negar, aceitar, perguntar etc. Situações que se repetem diariamente, vez após vez e se materializam nas manifestações orais do homem. "Que dia é hoje?"; "Maria está mais bonita que Joana"; "Você está mentando"; "onde há fumaça, há fogo"; "que horas são?"; "Aquela moça é tão legal!"; "Que homem louco"; "Ela está sonhando"; são frases que encerram em sua essência, por exemplo, uma série de crenças que moldam a sociedade em que estamos inseridos.

Quando observadas de perto, as frases citadas acima revelam importantes elementos. Mostram que a humanidade acredita na existência do tempo e no fato de que ele passa, que pode ser medido, que as coisas podem ser esquecidas e lembradas, que há passado e futuro. Que no mundo existem relações de causalidade, ou seja, que se uma coisa acontece é porque outra anterior a ela já ocorreu. Acredita que coisas, pessoas, situações, fatos, podem ser avaliados, julgados pela qualidade. Podem ser comparados.

"Como se pode notar, nossa vida cotidiana é toda feita de crenças silenciosas, da aceitação tácita de evidências que nunca questionamos porque nos parecem naturais, óbvias" (CHAUÍ, 2000: p. 8). Quando alguém começa a questionar as crenças por trás destas manifestações, quando passa a perguntar-se, por exemplo, o que seria o tempo, a verdade, a loucura, a realidade, o sonho, o impossível, está assumindo uma postura de distanciamento do cotidiano e de si mesmo a fim de encontrar-se com aquilo que alimenta a própria existência. Uma atitude como essa implica em uma emancipação social e em capacitação para engendramento de raciocínios complexos. A complexidade de pensamento (aos moldes pregados por Edgar Morin - tema que será abordado mais a frente) representa, também, o refinamento desse homem. Ele se torna habilitado a novos níveis de relação (com as coisas e com seus pares), de compreensão, de sinapses. Em uma síntese simplista, cria-se um indivíduo autônomo com "melhor qualidade humana".

Seria esse questionar seguido de distanciamento o ato a que se pode chamar de "filosofar"? Aspis (2004), em referência ao trabalho de Kant e citando Guillermo Obiols, escreveu

aprender a filosofar só pode ser feito estabelecendo um diálogo crítico com a filosofia. Do que resulta que se aprende a filosofar aprendendo filosofia de um modo crítico, quer dizer, que o desenvolvimento dos talentos filosóficos de cada um se realiza pondo-os à prova na atividade de compreender e criticar com a maior seriedade a filosofia do passado ou do presente (OBIOLS apud ASPIS, 2004: p. 307).

Portanto, mais que questionar-se sobre as profundas camadas que embasam as crenças de seu cotidiano, mais que ultrapassar o degrau do conformismo procurando refletir em "porquês" pouco explorados, seria preciso colocar tais questionamentos em perspectiva com o que outros, anteriores e contemporâneos ao exercício pretendido, questionaram/pensaram sobre o mesmo. Da perspectiva de

Kant, a verdadeira complexidade de pensamento, a real emancipação - sentido do "filosofar" - só poderia ser observada/construída frente a um sistemático contato com o descoberto por outros anteriormente.

Para Kant, Filosofia, sequer, pode ser ensinada. O que se poderia ensinar, segundo ele, é esta já descrita atividade do "filosofar". Aspís (2008), comenta que a visão de Kant sobre o tema nasce da compreensão do filósofo de que Filosofia é campo em constante movimento, portanto sempre incompleto, que precisa ser eternamente revisto e nunca poderá ser capturado. Dada a incompletude de seu universo, Filosofia nunca chegaria a "existir" de fato. Como ensinar o que não existe? Em contradição que buscava agregar, Hegel também se manifestou quanto ao tema. Para ele, Filosofia se ensina sim, e isso se dá por meio do próprio ato de "filosofar".

Hegel afirma que ao conhecer o conteúdo da Filosofia (sistemizado no decorrer da história) não apenas se está aprendendo a filosofar, mas tal exercício já é estar, essencialmente, filosofando. Portanto, não "é possível ensinar a Filosofia sem ensinar a filosofar, assim como não é possível ensinar a filosofar sem ensinar a Filosofia" (ASPIS, 2004: p. 307). A autora enfatiza que a prática da Filosofia (filosofar) carrega, invariavelmente, seu produto (Filosofia). Um não se faz (ou se entende) sem o outro. O ato de ensinar a Filosofia (na visão de Hegel e de tantos outros) não se limitaria, por exemplo, ao ato de consumir as palavras dos filósofos do passado e presente tal qual uma fórmula de matemática, mas sim fazer deste exercício de ensino uma leitura. Como se lê poesia. Ressignificando, revivendo, reinventando, encarnando.

Ensinar Filosofia requer entendimento e prática do processo gerador. Ou seja, para ensiná-la (ou aprendê-la) é necessário conhecer o processo que a forma, as técnicas geradoras, os passos já sistematizados de sua concepção. (Para ensinar o processo, por sua vez, é necessário fazer conhecido o produto resultante de tentativas anteriores). Aspís (2004) ilustra a questão ao afirmar que ela se assemelha ao ato de tricotar. A malha tricotada só existe porque houve o ato de tricotar. No entanto, o leigo (aquele que nunca tricotou nem teve acesso ao processo de tricotar em sua existência) não entende esse "tricotar" na malha. Não saberia reproduzi-lo. Mas uma tricoteira, conhecedora de cada ponto, frente ao produto final, pela observação poderia reproduzi-lo.

A realidade do ensino de Filosofia, principalmente dentro do sistema educacional institucionalizado, é bastante discutida por outros autores. Alguns até citados neste trabalho. Há certa polêmica sobre a efetividade de trabalhar este universo dentro da escola. Seria aproveitável? Faria efeito? A maior parte dos medos e do descrédito quanto ao ensino deste campo vem do fato de que não se entende o fluxo da vida, o cotidiano, a rotina, como local onde a Filosofia se efetiva todo o tempo. Aspis (2004) observa que a mesma Filosofia que se busca confinar nos livros e explanar em poucos e simples passos nas escassas aulas é elemento da construção de nossa própria história. Atua no presente, é contemporânea. Para a autora, o problema é que não se pratica filosofia no cotidiano.

Em síntese, vive-se da aceitação implícita de todos aqueles pressupostos (citados no início deste tópico), por exemplo, sem jamais dar-se um passo em direção ao degrau seguinte. "A postura do senso comum com relação ao conhecimento é mais de crença na ideologia da ciência, das tradições, da lógica da indústria que de construção autônoma e crítica de si e do mundo" (ASPIS, 2004: p. 309). Portanto, não se consegue compreender a importância de ensinar Filosofia, seu porquê no ensino, e pior, como ensiná-la.

2.2 A importância de se ensinar filosofia

O ponto principal de reflexão quanto a estes questionamentos se foca no fato de que é preciso formar cidadãos autônomos. O contato com a Filosofia, pelo ato de filosofar, tem caráter emancipatório e transformador. Articula a construção da complexidade de pensamento permitindo que o processo educacional seja "justo". Neste sentido, justo se resume a sua capacidade de tocar a criança a fim de transformá-la, capacidade de propiciar a oportunidade da transformação. "Justo é educar para oferecer condições de conquista do pensamento autônomo" (ASPIS, 2004: p. 309). Espécie de pensamento que conhece suas razões, que seleciona seus próprios critérios, que é responsável, consciente, aberto a mudança, criativo, capaz de rir de si mesmo, que exerce constantemente a busca pelo conhecimento, enfim, que atinja a complexidade possível.

Sobre o tema, Gallina (2004) faz interessante observação. O ensino da Filosofia, concebido no próprio ato de filosofar, está submetido devires. Se efetivado seguindo o princípio do questionar (rejeitando o "doutrinação" tão comum à

disciplina institucionalizada), seu efeito operará silenciosamente. Quando a Filosofia e o filosofar se encontram com as multiplicidades dos sujeitos, ocorre uma experimentação que não se furta à transformação.

Importa estudar e ensinar Filosofia porque esse ato, quando submetido ao verdadeiro exercício a que convida, é 100% transformador. A única ressalva a ser apontada, quanto ao tema do ensino de Filosofia, se remete ao fato de que a prática (no Brasil) está institucionalizada (existe dentro da escola formal, apenas) e direcionada a séries avançadas (Ensino Médio). Se a prática educativa da Filosofia transforma a sociedade, emancipa e cria indivíduos orientados a uma complexidade de pensamento, o que aconteceria se ela fosse direcionada a crianças? O que aconteceria se estivesse voltada à infância?

Quando Edgar Morin escreveu sobre "pensamento complexo" estabeleceu alguns pontos balizadores no entendimento da expressão. Etimologicamente, complexidade, do latim, deriva de *complectare*. Por sua vez, provinda da raiz *plectare* que significa "trançar", "entrelaçar". Ao adicionar o prefixo "com", agrega-se também sentido de dualidade. De elementos que, embora opostos, se entrelacem intimamente sem anular o dual. Nas diversas línguas latinas a palavra e seus derivados acabam por indicar sentidos similares ou complementares. Abraçar, amalgamar, conjunto, ligação. Morin (2003), antes de tudo, procura estabelecer que "complexidade" e "complicação" (no sentido por ele pretendido) nada tem a ver. Embora a tradição reducionista, herdada do determinismo, direcione a esta equivocada interpretação.

O conceito de "pensamento complexo" desenvolvido pelo autor remete, portanto, a uma série de características.

- Ele habita na região do devir não redutível. Ou seja, está em constante movimento e transformação, sempre passível a reconfiguração, a abertura de espaços e significações;
- Ele rejeita a simplificação, mas não o simples. Apenas a ideia de que é possível reduzir e sistematizar toda a existência e interações humanas a microunidades perfeitamente compreensíveis;
- É dialógico. Está sempre em processo de sinapse com o visto, ouvido, absorvido - seja no passado ou presente. Portanto, nele nada há de concebido. Está em constante concepção. "Trata-se de um espaço mental no qual não se obstaculiza, mas se revela e desvela a incerteza" (MORIN et al., 2003);

- Herda de Adorno a percepção de que a totalidade não é verdade, que generalização é mito;
- Reconhece que movimento e imprecisão são mais potente que estabilidade.
- É dual. Considera-se lógico sem desprezar a imaginação. Não rejeita a linearidade, embora se organize diagramaticamente. Trabalha macroconceitos advindos de relações impensadas, sem desconsiderar os micros independentes e formadores.

Morin, Ciurana e Motta (2003) ressaltam a importância de uma educação que busque o desenvolvimento desta ampla gama de potencialidades. Seria, segundo os autores, a única educação possível em tempos "pós-modernos". O caminho viável para a construção de autonomia e respeito a alteridade em uma sociedade cada vez mais deteriorada por práticas mediocrizantes, por tecnologias condicionantes e manipuladoras, rotinas mais e mais robotizadas, alienadas. Também, uma resposta à falência de uma sociedade voltada a organização e pensamento cartesiano. Falou-se anteriormente, neste trabalho, sobre as possibilidades da Filosofia no desenvolvimento do pensamento complexo e a relação de ambos com a autonomia, a emancipação social. Como aplicar estas percepções e potencialidades no ambiente da infância?

Marchão (2016), observa que o passo inicial rumo a uma infância de indivíduos autônomos e críticos é o ato de considerá-los cidadãos. Dar-lhes voz. Processo possível dentro da escola, por exemplo, quando as crianças são, a todo tempo instigadas na proposição de questionamentos e na apresentação de argumentos responsivos, quando são agregadas como participantes das decisões que lhes afetam. O ato de filosofar, já explorado anteriormente, abre espaço para a construção de uma dinâmica educativa que conduza a criança na direção destas atitudes. E também à uma conseqüente complexidade de pensamento.

Mello (2007) fala de uma educação voltada à humanização. Um processo em que o objetivo central seria o desenvolvimento máximo de inúmeras dimensões humanas. Na educação proposta por ambas as autoras o ponto a ser explorado é sempre a intenção de construir indivíduos emancipados, sensíveis ao outro (entendedores da alteridade) e capazes de (pelo pensamento crítico) de manterem relações de sucesso (pessoais e profissionais).

Estas são concepções que facilmente se ligam a ideia de um pensamento complexo. E mais tangencialmente, à possibilidade de terem na Filosofia alicerces que sustentem esse exercício.

2.3 Aprendizagem e desenvolvimento segundo Vigotskii

Em diferentes teorias sobre o surgimento da humanidade, a educação, em variados níveis, se mostrou presente, seja para postergar conhecimentos de sobrevivência, principalmente no que diz respeito aos primeiros povos, ou mesmo, em contextos mais recentes quando a sociedade começou a sistematizar os saberes que seriam repassados às gerações vindouras.

Entender os melhores e mais eficientes métodos pedagógicos e compreender como é o processo de desenvolvimento humano para que excelentes métodos na educação sejam utilizados é realmente uma busca incessante da humanidade. Incontáveis pesquisadores, inúmeras correntes de pensamento são estudadas há milênios na tentativa de afinar esses saberes à inimaginável capacidade humana de, a cada experiência e fase da sua trajetória, se desenvolver.

Já que esta dissertação analisa uma possibilidade de utilizar um produto que fala de filosofia, constituído em um veículo de comunicação, para o contexto escolar, é importante analisar e buscar referências na educação para que se entenda melhor como é o processo de desenvolvimento e aprendizagem do ser humano.

Nesse sentido, existem diversas correntes que partem de variados pressupostos para compreensão desses mecanismos. Já que estamos falando de uma proposta de comunicação e educação é mais adequado partir de uma corrente que acredita em um desenvolvimento mais inclinado aos contextos sociais e às condições de vida que a criança se insere, tendo, falando de contexto escolar, o professor como peça fundamental na mediação desse crescimento.

Para sustentar esses conceitos, serão abordadas ideias do autor russo Lev Vigotskii (1988) sobre *aprendizagem e desenvolvimento*. Dando início ao entendimento da questão, é importante dimensionar onde cada aspecto desses dois termos se situa nesta discussão. O primeiro ponto a ser desmistificado é o de que ambos processos começam a ser explorados antes mesmo do momento em que a criança é matriculada na escola. No período “pré-escolar” ela já vivenciou e até mesmo se deparou, por exemplo, com alguma situação que nada mais é do que uma

espécie de introdução prática daquilo que será esmiuçado e trabalhado de forma mais complexa na escola.

A aprendizagem escolar nunca parte do zero. Toda a aprendizagem da criança na escola tem uma pré-história. Por exemplo, a criança começa a estudar aritmética, mas já muito antes de ir à escola adquiriu determinada experiência referente à quantidade, encontrou já várias operações de divisão e adição, complexas e simples; portanto, a criança teve uma pré-escola de aritmética, e o psicólogo que ignora este fato está cego (VIGOTSKII, 1988: p. 109).

Isso não quer dizer, por exemplo, que a aprendizagem escolar seja necessariamente uma continuação do desenvolvimento pré-escolar da criança. Mas é um sinal de que a criança não chega à escola como uma taboa rasa “zerada”. Ela já teve contato, de forma menos sistematizada e formal, com inúmeros princípios dos saberes que aprenderá a partir de então. Dizendo em outras palavras, “aprendizagem e desenvolvimento não entram em contato pela primeira vez na idade escolar, portanto, mas estão ligadas entre si desde os primeiros dias da vida da criança” (VIGOTSKII, 1988: p. 110).

Para compreender melhor as relações entre “aprendizado e desenvolvimento” é importante considerar a *teoria da área de desenvolvimento potencial*. Essa linha de pensamento toma como ponto de partida a elementar ideia de que existe sim uma relação entre determinado nível de desenvolvimento e a capacidade potencial de aprendizagem. Mas a forma a ser ponderada é que o parâmetro responsável por determinar a aprendizagem e o desenvolvimento se limite a apenas um único grau de desenvolvimento. Para tanto, dois níveis precisam ser observados:

- Desenvolvimento efetivo da criança – a idade mental do indivíduo (estabelecida por meio de testes).
- Área de desenvolvimento potencial – é o espaço entre o desenvolvimento efetivo e o que a criança consegue alcançar quando auxiliada por um adulto.

Isto significa que, com o auxílio deste método, podemos medir não só o processo de desenvolvimento até o presente momento e os processos de maturação que já se produziram, mas também os processos que estão ainda ocorrendo, que só agora estão amadurecendo e desenvolvendo-se (VIGOTSKII, 1988: p. 112)

Antes dessa abordagem, acreditava-se fortemente que, com o diagnóstico de testes que indicassem o nível de desenvolvimento da criança, delimitar-se-ia então um espaço, na verdade, onde a aprendizagem seria possível, ou seja, dentro de um “universo” já conquistado pelo indivíduo. A *teoria da área do desenvolvimento potencial* considera que o espaço em que a aprendizagem deve ser explorada com intuito de fomentar o desenvolvimento é justamente aquela ainda não conhecida e explorada pelo aluno, pois se for utilizado um pressuposto que considera apenas o desenvolvimento efetivo da criança (já superado) e não a sua área de desenvolvimento potencial estaremos condicionando a educação a um aprendizado limitado.

Isso se visualiza de forma mais clara quando são consideradas técnicas utilizadas no passado (que se mostraram um tanto inadequadas e ineficientes) para educação de crianças especiais. Considerando apenas o “desenvolvimento efetivo” desses estudantes limitou-se a aprendizagem a um cercado medíocre, onde são utilizados apenas meios visuais no processo de ensino. Essa forma de ensinar resultou em uma formação manca em que não fora estimulada capacidade de abstração desses estudantes. Com isso,

Provou-se que um sistema de ensino baseado exclusivamente em meios visuais, e que excluísse tudo quanto respeita ao pensamento abstrato, não só não ajuda a criança a superar uma incapacidade, dado que ao insistir sobre o pensamento visual elimina os germes do pensamento abstrato nessas crianças (VIGOTSKII, 1988: p. 113)

Ou seja, a criança se estaciona em um estágio a ponto de a escola não mais proporcionar um desenvolvimento de aptidões ainda não exploradas. Essa realidade também pode ser aplicada aos estudantes regulares, pois o ensino não pode ser orientado por uma etapa já vencida pela criança, ou seja, pressupor que o limite da capacidade de aprendizagem é delineado pelo desenvolvimento efetivo é equivocado, pois têm-se uma corrida vã, que vai estar sempre atrás das possibilidades reais de desenvolvimento do indivíduo que, como já sugerido, deve ter na sua área de desenvolvimento potencial um trabalho acompanhado e mediado pelo professor (papel do adulto) para que o estudante expanda seus conhecimentos e, assim, possa experimentar um desenvolvimento que está em um estágio constante de progressão.

Partindo então desse princípio, vale ressaltar, embasado em ideias vygotskianas, retomamos a ideia “aprendizagem” e “desenvolvimento”. Ora, nesse

panorama traçado podemos então compreender que a aprendizagem não é um sinônimo de desenvolvimento, mas, quando o professor assume um papel de mediador, identificando a área de desenvolvimento potencial dos seus alunos e, com inteligência, introduz e desafia os seus alunos com novas perspectivas e percepções sobre diferentes áreas, essa aprendizagem estimulará não somente a “novidade” do saber ou do conhecimento adquirido, mas fomentará e corroborará o desenvolvimento, possibilitando, assim, uma constante e necessária ampliação dos saberes, experiências, vivências e disciplinas que virão a ser articulados (na escola ou em qualquer outro cotidiano do indivíduo) a partir de então.

O *Intervalo Filosófico* se inseriu dentro desses conceitos, partindo da ideia discutida no início do tópico, sobre desenvolvimento efetivo da criança, a “idade mental” do indivíduo, e, conseqüentemente todas as ideias intrínsecas a esse período no que diz respeito ao que tem, dentro dessa faixa etária, “capacidade de aprender”, nesse contexto, em paralelo ao *Intervalo Filosófico* (como um produto em uma hipótese ideal), podemos falar que a história em si, a estrutura narrativa com os personagens, o “início, meio e fim”, a trama, os efeitos sonoros, os cenários (quase todos eles muito próximos à realidade cotidiana de uma criança), a linguagem etc., estão e fazem parte da realidade e do desenvolvimento que o aluno até então “já conquistou”. O estudante está habituado a tal realidade. O seu “desenvolvimento” é capaz de compreender e identificar sem grandes esforços esse contexto traçado.

Mas, para explorar a área do desenvolvimento potencial, é necessário utilizar de toda a estrutura narrativa de uma história, já conhecida e desenvolvida através de diferentes aprendizagens experimentadas até então pela criança, para introduzir uma nova aprendizagem, a muitos desconhecida, que é a filosofia.

Ou seja, utiliza a linguagem, os cenários, os personagens, a trama, enfim, todos os elementos que são reconhecidos pelo desenvolvimento efetivo da criança para explorar a área de desenvolvimento potencial do estudante, oportunizando, através de uma ciência tão importante e amplamente discutida anteriormente neste trabalho que é a filosofia, com propósito de estímulo à alteridade e emancipação, o conhecimento de um saber que, infelizmente, é frequentemente limitado à adolescência em nossa educação formal.

Muito além introduzir esse saber através de uma história (etapa que foi vencida anos antes nos processos de alfabetização, leitura, interpretação e produção textual),

explorando o desenvolvimento potencial da criança para, sobre essa “estrutura”, construir uma nova aprendizagem (a da filosofia) e, conseqüentemente, possibilitar o desenvolvimento, utilizar um produto essencialmente sonoro, fugindo um pouco das imagens massivamente presentes em nossas salas de aula, com intuito de estimular a abstração, tão importante nos processos de aprendizagem que, como anteriormente mencionado, em uma educação que se alicerça apenas no desenvolvimento efetivo da criança dificilmente é uma área trabalhada. Produções que utilizam a linguagem radiofônica resgatam essa capacidade, despertando com seus recursos sonoros a imaginação capaz de “visualizar” todos os cenários e situações propostas pela narrativa.

A utilização do *Intervalo Filosófico* no processo de ensino pode representar esse modelo pedagógico que prefere alçar os seus estudantes a um terreno da novidade, do crescimento e do desenvolvimento. Se utilizado em sala de aula como uma ferramenta, tendo o professor como o mediador (adulto) desse processo que também deverá analisar e utilizar de outros recursos para um trabalho mais completo que abarque outras questões dentro do contexto (a questão será melhor abordada no capítulo 4 desta dissertação), o Intervalo Filosófico pode sim contribuir para uma aprendizagem que promova o desenvolvimento, pois, afinal, “o único bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento” (VIGOTSKII, 1988: p. 114).

3. CONTEXTOS CONJUNTURAIS E DE PRODUÇÃO DO INTERVALO FILOSÓFICO

O *Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp)* é uma instituição de ensino da rede adventista, uma das maiores do mundo. Através da sua mantenedora, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, o centenário centro de educação foi instituído em 1915 na cidade de São Paulo e, de lá para cá, teve um crescimento expressivo, expandido seus campi às cidades de Engenheiro Coelho e Hortolândia, além de possibilitar o ensino à distância através do campus virtual.

Atualmente, a instituição tem mais de 17 mil alunos matriculados desde a pré-escola até a pós-graduação, oferecendo educação básica e superior com mais de 30 cursos de graduação, 60 de especialização e dois programas de pós-graduação *stricto-sensu*. O desenvolvimento da instituição sempre esteve muito atrelado às necessidades da mantenedora, fator que influenciou o Unasp a canalizar investimentos na área da comunicação, já que a organização adventista tem uma histórica tradição em divulgar sua filosofia e princípios religiosos através de grandes meios.

A rede Novo Tempo de Comunicação (uma das maiores do gênero do país, concentrando uma cadeia nacional de rádio e TV, fazendo parte da rede mundial da Hope Channel), a Casa Publicadora Brasileira (uma das maiores e mais modernas editoras do país) e os portais na internet mantidos pela organização (sites religiosos que concentram, nesse segmento, importantes volumes de acessos no Brasil) são exemplos sólidos dessa vocação mediática da igreja, presente desde a sua chegada ao Brasil, quando materiais impressos da entidade desembarcaram no país, no final do século 19.

3.1 A Rádio Unasp

É importante retomar essas ideias para compreender as pretensões do Unasp no contexto dos investimentos na área da comunicação. Com mudanças em suas diretrizes e novos projetos de expansão, o centro universitário passou a experimentar um crescimento acelerado, principalmente na década de 90, quando foram criados novos cursos, dentre eles o de Comunicação Social (inicialmente com habilitações em Jornalismo e Publicidade e Propaganda), fundado em 1999 no campus Engenheiro

Coelho. Mas, antes disso, a instituição já tinha a ideia de instituir uma rádio no centro de ensino.

“O projeto da rádio já existia desde os anos 90, antes do surgimento do curso”, lembra o Dr. Ruben Dargã Holdorf (2017), coordenador do curso de Jornalismo da instituição e um dos responsáveis pela instituição da rádio no campus (entrevista completa no **Anexo 1**). Os primeiros passos nesse sentido foram concentrados sob responsabilidade de pessoas não conhecedoras da questão, o que gerou entraves legais para a instituição do projeto. Mas, após alinhamentos e consultas a especialistas, foi pleiteada uma concessão educativa, através da Fundação Horizontes (criada à época com intuito de atender às exigências legais e regulamentativas para concessão de uma rádio). Após a longa concentração de esforços, a emissora foi inaugurada no final de 2006, contando com a doação de empresários para a compra de equipamentos e adequação de estrutura física. Começando as transmissões,

A rádio ficou então, na realidade, com o curso de publicidade, que deitou e rolou na rádio e a rádio tomou um rumo totalmente estranho. Aí chegou o professor Wagner, assumiu a parte de jornalismo, só que foi na direção de quem já estava lá. E aí começaram a criar programas extremamente estranhos. Não tinha mais jornalismo. O jornalismo foi desenvolvido a partir de 2007 pelo Marcio Tonetti. Tiraram o Marcio Tonetti. Aí assumiu o André Leite e eu participei de alguma coisa ali tentando ajudar, mas aí praticamente fui impedido de fazer e tive que me retirar totalmente. Não teve mais graça, fiquei só na agência [Agência Brasileira de Jornalismo – ABJ – laboratório de prática do curso de Jornalismo do Unasp], e, em 2009, foi cortada a concessão, por que eles aumentaram a potência indevidamente que rádio dava para escutar lá em Atibaia. Eu escutei. Estou falando, pois eu estava no carro e escutei em um sábado a rádio em Atibaia. E aí o pastor Martini [diretor geral do Unasp, campus engenheiro Coelho] me chamou na metade de 2009 e falou assim: ‘assume a rádio! Sai da agência e assume a rádio, por que precisamos recuperar’. E, eu entrei na metade de 2009, em agosto de 2009, fui até o final do ano, apenas acompanhando para ver o que estava acontecendo e aí um dia voltei para uma reunião para mostrar um relatório e o relatório eu pedia a destituição de vinte bolsas. Tentaram resgatar algumas pessoas que estavam lá para trabalhar comigo e eu não aceitei, pois sabia que seria problema. E aí fiquei com apenas dois alunos, de vinte fiquei com dois, tirando os dezoito alunos, alguns até se rebelaram e saíram do Unasp, mas aquilo estava uma festa, descobri cartão de visita, com o logo do Unasp, de aluno. Tinham notas fiscais de pizzada, assim, R\$ 800, na época, há sete anos! E era uma coisa semanal, estava aquele monte de notas. Então eu peguei todo esse material, fiz o relatório, entreguei ao pastor Martini e falei assim ‘preciso de dois profissionais’. Aí tentaram indicar um pior que o outro, então aí eu chamei o Leandro

Oliveira, que tinha experiência de Jovem Pan, CBN, Novo Tempo; lembrei da Andréia Moura; e convidamos, eles vieram no final do ano como funcionários da Rádio. A Andreia assumiu a redação na parte de jornalismo e o Leandro como diretor técnico da rádio. E eu continuava como diretor geral da rádio. E foi nessa época que a sua turma chegou. Uma das melhores turmas de entrada que tivemos aqui. Estaria entre as três melhores turmas de todos os tempos de calouros. Pena que não continuou, por que seria um show no final. Então nós fizemos uma reestruturação em toda a programação e eu tentei incorporar e implantar a ideia da rádio online e esquecer no *dial*. Então, implantamos, fizemos o site, implantamos o webjornalismo e programação para internet, era um público maior, tava no início, fizemos uma divulgação maciça e a rádio começou, a Andreia dirigia muito bem o trabalho com vocês, e aí foram surgindo programas novos, coisas e ideias novas e nessa época surgiu o Intervalo Filosófico contigo. E que, foi assim, surpresa! Te conhecendo hoje, não ficaria surpreso que tenha essa capacidade. Mas, na época, não que a gente duvidasse da capacidade, mas pelo fato de ter um programa de filosofia em rádio. Um texto filosófico impresso, ou então um programa filosófico na televisão, que você consegue com imagens dar uma amenizada, né? Agora, no rádio falar de filosofia? Mas era dois, ou três minutos, tudo bem! Mas e a linguagem? Então, tudo isso foi feito um processo de adaptação, de aprendizado (Entrevista com o professor Dr. Ruben Holdorf disponível no **Anexo 1**).

3.2 O Intervalo Filosófico

Foi nesse contexto de muitas mudanças e adequações da Rádio Unasp para uma programação radiofônica genuinamente educativa e também com vínculo direto ao Curso de Comunicação Social (Habilitações em Jornalismo e Publicidade e Propaganda), servindo de laboratório prático para as respectivas graduações. O Intervalo Filosófico surgiu no primeiro semestre de 2010. O autor desta dissertação cursava Comunicação Social - Jornalismo no Unasp e atuava como produtor voluntário da Rádio Unasp, cumprindo suas horas complementares exigidas no semestre. Naquele mesmo período, a introdução (de forma mais reflexiva) ao universo da filosofia, através da disciplina obrigatória oferecida pelo curso, fez com que o então estudante passasse a se interessar e questionar os motivos que, até então, não havia sido apresentado à área de tal forma com viés tão altero e emancipatório.

Esse foi um dos motivos que o levou a propor aos responsáveis pela programação da rádio e também baseado em referências televisivas como o “Alô, Brasil” (programe-te que passava nos horários comerciais da TV Globo) de criar pequenos spots (de 30 a 60 segundos) informativos que tematizavam a filosofia (por esse motivo ficou cunhado o nome de “Intervalo” Filosófico).

Ao apresentar a proposta aos coordenadores da emissora, a ideia foi aprovada e, já na sequência, foi solicitado que se gravasse um piloto. Com o primeiro número gravado e editado (em um formato simples com um locutor narrando o texto de forma dinâmica e uma trilha acompanhando locução). A ideia foi definitivamente comprada e acordou-se de que a cada dia um novo tema filosófico seria abordado, fixando a responsabilidade de produção do projeto ao autor deste trabalho.

A partir de então, os assuntos foram elencados (tendo como referência o livro “Filosofia para Iniciantes”, de R. C. Sproul) de forma cronológica falando sobre os principais nomes da filosofia e seus respectivos pensamentos e correntes filosóficas (desde a Grécia Antiga), sendo que o primeiro programa foi uma contextualização básica do significado da palavra filosofia e sua importância histórica para o mundo. O “programete” era exibido diariamente em diversos momentos na grade da emissora, sempre durante os intervalos e sem possuir um horário fixo de transmissão. O semestre foi conduzido dessa forma, agradando a direção e coordenação da emissora.

Após o primeiro período acadêmico, já no segundo semestre, o desafio foi ampliado. O produtor do Intervalo Filosófico passou a ter uma bolsa de estudos vinculada à rádio (ou seja, o estudante possuía 40% de desconto e deveria cumprir algumas horas de atividades na rádio laboratório do centro universitário), podendo concentrar esforços e ampliar o projeto. E foi exatamente esse desafio proposto pela gerência da emissora, que delegou, a partir de então, mais tempo para o Intervalo, que passaria a ter cinco minutos. Nesse cenário seria preciso reformular o formato, pois, em função do maior tempo disposto ao projeto, seria arriscado manter ideia anterior, ousando tornar a “atração” um espaço tedioso e que fugisse por completo à proposta de falar de filosofia de forma leve, atrativa e interessante.

Então foi pensado um formato em que cada semana seria abordada uma corrente filosófica e os principais nomes representados pelos importantes pensamentos. O programa teria um apresentador que semanalmente convidaria um especialista em filosofia (que normalmente eram professores e colaboradores do Unasp, salvo exceções muito pontuais) para uma conversa sobre a temática proposta. Nesse novo cenário ficou definido três horários diários para exibição do programa.

Mas esse formato acabou não prosperando, pois sua produção dependia sempre da participação de especialistas que deveriam alinhar suas agendas à

disponibilidade do estúdio de gravação (que tinha uma enorme demanda e um calendário apertado, em função dos inúmeros projetos que eram produzidos), o que era muito difícil de conciliar. Esse fator fez com que diversas vezes programas antigos fossem reprisados, interrompendo, assim, a linha cronológica do desenvolvimento da filosofia ao longo dos anos que o programa propunha traçar.

Outra questão que também contribuiu para arrefecimento da proposta naqueles moldes foi que, muitas vezes, os especialistas não conseguiam elaborar e articular as ideias de forma acessível, o que tornou o programa denso e desinteressante, fugindo do propósito original do projeto que era a de tornar acessível tal saber. Ainda assim, foi se arrastando até o fim daquele semestre, cumprindo então à proposta feita à direção da emissora para o período.

Ao retornar o ano letivo, no primeiro semestre de 2011, a administração de programação da emissora decidiu manter o *Intervalo Filosófico* em sua grade. Recebendo a diretriz, o produtor do projeto passou então a pesquisar alternativas para tornar o programa mais interessante e que se focasse, a partir de então, no universo infantil.

Resgatando memórias de sua infância, recordou-se de alguns projetos televisivos de cunho educativo que poderiam servir como referência para composição da ideia. Atrações como Castelo Rá-tim-bum e Cocoricó, ambas da TV Cultura, serviram como referência para o que viria a ser o novo *Intervalo Filosófico*. Esses programas marcaram história como os projetos de maior repercussão e alcance da emissora de televisão pública do estado de São Paulo.

Falando sobre a produção que foi responsável por dirigir, Cao Hamburger confessa que, na concepção do projeto, resgatou memórias de sua infância para dar vida ao Castelo Rá-tim-bum¹⁸. O programa estreou na grade da TV Cultura em 1994 e se passava em um suntuoso castelo localizado na zona urbana da cidade de São Paulo. O imóvel era habitado pelo Dr. Victor, a bruxa Morgana e o menino Nino (sobrinho do Dr. Victor e sobrinho-neto de Morgana).

Cheio de mistérios, seres e objetos improvavelmente animados, Nino aprendia, juntamente com os seus amigos Zeca, Nino, Pedro e Biba, variados conhecimentos que as mágicas e surreais aventuras proporcionadas pelo castelo abordava, sempre

¹⁸ Entrevista em vídeo com Cao Hamburger. Disponível em: <http://bit.ly/2viEvhn>.

com muita abstração e divertimento. A produção representou a uma geração um marco importante de um trabalho, realizado por uma emissora com proposta educativa, atingindo milhões de crianças e adolescentes no Brasil (chegando a alcançar 10 pontos de audiência pelas pesquisas Ibope da época) e internacionalmente (já que o projeto foi exportado a outros 12 países da América Latina).

Essas duas referências (e outras como o “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, “Os Camundongos Aventureiros” e materiais infantis religiosos) foram muito importantes para a concepção da nova cara do Intervalo. Esse trabalho de pesquisa e criação durou mais ou menos duas semanas, tempo para sistematizar as ideias e gravar um piloto. Para tanto, foram contatados outros alunos e bolsistas colaboradores da rádio para participar do projeto.

A ambientação da trama seria na casa do Thiago (como já descrito na introdução desta dissertação como um menino meio rabugento, que acompanha sua coruja de estimação em suas aventuras filosóficas) e da Sofia (coruja domesticada, estabanada, falante e que ama filosofia). A cada semana os personagens encontrariam, em suas aventuras, um filósofo que aborda seus pensamentos de forma simples e inteligível.

A história começa e, pouco depois, é interrompida pela vinheta do programa. Após a vinheta, a trama segue. Em um ponto de tensão seria interrompida novamente pelo quadro Filosofês, que tem BG e vinheta características com o texto sempre narrado por Leandro Oliveira, tentando tornar fácil o entendimento de algumas palavras do cotidiano filosófico (um minuto).

Ao término desse momento, a história continua falando de filosofia da forma mais natural possível em situações cotidianas, cenários e também nos diálogos verbalizados, tudo dramatizado dentro de roteiro e texto previamente produzidos. O episódio termina em um momento de importante desenrolar com intuito de aguçar a curiosidade do ouvinte para, no dia seguinte, continuar acompanhando a história. Os créditos eram falados também de forma diferente, criativa e divertida.

Com formato, roteiro, e o texto definidos, foi gravado então o primeiro episódio abordando o darwinismo. Após esse processo técnico de gravação, a pós-produção também foi realizada na Rádio Unasp, montando as falas, adicionando a identidade sonora do programa (que também foi produzida nesse meio tempo – entre vinhetas e

seleção de trilhas) e todos os elementos sonoros necessários para dar vida às cenas e, conseqüentemente à história.

Finalizado, o projeto foi exibido para toda equipe da rádio no lançamento da programação daquele semestre, sendo recebido por todos, incluindo a direção da emissora, com muita surpresa e boas impressões. A equipe teve aval para seguir na produção, que passaria então a ter o seu formato fixado como uma radiodramaturgia para crianças. Definido isso, foi agregado como núcleo de produção do Intervalo Filosófico um grupo de oito pessoas exercendo às funções:

- Thiago Basílio (à época estudante de Jornalismo) – criador do projeto que passaria nessa fase a desempenhar as funções de roteirista, produtor, ator (interpretando o personagem Thiago) e diretor.
- Renan Lautert (à época estudante de jornalismo) – alocado ao grupo para colaborar exercendo a função de roteirista e redator.
- Raquel Derevecki (à época estudante de jornalismo) – escolhida para interpretar a Sofia, foi dada, dentre outras funções que exercia na rádio, a atribuição de dar via à personagem.
- Lucas Brasil (à época estudante de Administração de Empresas) – coordenador de pós-produção do programa.
- Prof^o Me. Leandro Oliveira (diretor técnico da rádio) – Se dispôs a dar voz ao quadro “Filosofês”, além de supervisionar os nossos processos de produção.
- Wanderson Isaac (à época estudante de Jornalismo) – auxiliar de edição.
- Henrique Tohnes (à época estudante de Publicidade e Propaganda) – auxiliar de edição.
- Prof^a Ma. Andreia Moura (à época gerente de conteúdo e jornalismo da rádio) – também era encarregada de supervisionar os nossos processos de produção.

À medida em que a cada semana um novo personagem “surgisse”, a produção do programa encontrava e articulava participações especiais, a nível de interpretação, de outros integrantes da rádio ou mesmo alunos da instituição que se destacasse na área de dramaturgia nos grupos artísticos e de teatro do centro universitário. Mas a equipe fixa se limitava aos nomes acima citados.

Para tornar tudo isso viável e já com as funções delegadas, foi definida então as sistemáticas de produção para alinhamento das correntes filosóficas que seriam abordadas e, semanalmente, um novo programa pudesse ser escrito e roteirizado. O

roteiro era alinhado conjuntamente entre roteirista e redator, levando-se sempre em consideração as ideias da corrente filosófica abordada (para que os episódios proporcionassem um contexto completo do assunto). Definido o roteiro (a história), o redator tinha um prazo de uma semana para escrever e detalhar falas e quadro.

Nesse meio tempo o trabalho de pré-produção já começava a ser alinhado, coordenando agendas de toda a equipe, horário no estúdio (que foi acordado que estaria à disposição para gravação do intervalo todas as sextas-feiras pela manhã) e questões logísticas inerentes ao programa. Com o texto finalizado, o material era enviado ao diretor, que revisava e, na sequência, enviava para análise da professora Andréia.

Após o processo, os detalhes da pré-produção eram fechados (como materiais para gravação de sons específicos, caso o acervo não tivesse algo que atendesse às necessidades do roteiro, como, por exemplo, aconteceu de gravar pássaros batendo asas com jornais, pessoas comendo, multidões falando etc.; tudo isso precisava ser previamente produzido) e o próximo passo seria o estúdio. Os atores normalmente recebiam o texto um dia antes da gravação.

Com o estúdio pronto, os microfones e os atores posicionados e a equipe técnica alinhada para dar “rec”, era conversado com toda a equipe os processos que seguiriam a partir dali. Em um dia eram produzidos cinco episódios. A gravação era dirigida de dentro do estúdio e corrigida pela equipe técnica que acompanhava tudo na ilha de edição. Terminadas todas as captações (incluindo as do quadro *Filosofês*, chamadas para a programação e dos créditos, que normalmente eram gravados após a captação da trama em si), o roteiro era completamente fechado (já contendo algum ajuste que tenha ocorrido durante a gravação) e encaminhado à equipe de edição que teria uma semana para finalizar os cinco programas de cinco a oito minutos cada, uma “temporada” (cada temporada eram abordados os pensamentos de um filósofo em cinco episódios, um para cada dia da semana que o programa era transmitido – de segunda a sexta-feira).

Quando terminavam a edição, o diretor da atração auditava cada áudio e ponderava ajustes necessários. Quando tudo estava alinhado, a diretora de conteúdo da rádio ouvia os programas e só então eram cadastrados no sistema de transmissão em seus horários que, nessa época, se fixavam em cinco momentos ao longo de todo o dia.

Da criação do roteiro até a transmissão de cada temporada era um processo de duas a três semanas. Nesse ritmo (com algumas variáveis, como em qualquer produção), o Intervalo foi sendo produzido e, ao término do semestre, acumulou 44 episódios e mais de 300 minutos de produção, fruto de um empenho coletivo e esforço da equipe envolvida nesse projeto que tanto marcou a trajetória dos seus participantes. Como a Rádio Unasp à época transmitia apenas via internet, possuía um público muito baixo (para não dizer irrisório) que acompanhava a sua programação. A maior parte dos espectadores era de alunos de graduação que acompanhavam a emissora e o Intervalo, mas não era o público que o programa propunha conversar (crianças entre 8 e 11 anos), por evidentes e equivocadas inadequações.

Mas, ainda assim, foi um projeto audacioso e, levando em consideração a estrutura e o perfil acadêmico dos envolvidos, obteve-se elevados resultados técnicos. Esses fatores foram fundamentais para que o Intervalo conquistasse, em 14 de setembro de 2011, o 24º Set Universitário (um dos principais festivais universitários de Comunicação Social do país, organizado anualmente pela Faculdade de Comunicação Social [Famecos] da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul [PUC-RS]) o prêmio de melhor produção, na categoria “Dramaturgia em rádio”. Para contextualizar o leitor, segue abaixo um pequeno resumo de cada temporada:

3.3 Episódios resumidos

- Temporada 1 – Charles Darwin

O primeiro episódio do “Intervalo” no formato de dramaturgia. O piloto incorporado aos programas transmitidos. Ele tinha um caráter de contextualização da nova atração falando de forma mais geral sobre a filosofia em si e apresentando os cenários e personagens.

O episódio se inicia com o Thiago chamando a coruja Sofia para lanchar, revelando na sua fala que a Sofia é uma coruja falante que gosta de estudar filosofia. Os dois comem e falam sobre a grande pergunta da filosofia que é respondida de diferentes formas, conforme cada pensamento: “De onde viemos?”. Enquanto conversam e comem, alguém bate na porta pedindo por socorro. Quando abrem a porta, descobrem que é Charles Darwin pedindo abrigo para fugir dos fanáticos que o perseguiram. A Sofia não o reconhece, e o Thiago o convida para lanchar. Enquanto

comem, Darwin fala sobre a Teoria da Seleção Natural e conta um pouco da sua história. Ao ouvir a história, Sofia lembra quem é Darwin e começa a falar sem parar. No “Filosofês” o propósito do quadro é apresentado e a palavra “razão” é esclarecida. Após o quadro, Thiago e Sofia convidam Darwin para passar um tempo em sua casa para que possam conversar mais sobre as teorias do autor, que aceita a estadia. Sofia começa a perguntar sobre a viagem que Darwin fez pelos mares e ele conta com empolgação a aventura.

No segundo episódio, o dia começa e Sofia apressa todos para irem à biblioteca, mas Thiago reclama da bagunça dos livros da Coruja e a lembra de que não tem certeza se ela poderá entrar na biblioteca sendo um animal. Eles aguardam o Darwin se disfarçar para não ser reconhecido publicamente, mas, sua aparição faz com que Thiago e Sofia caiam na risada, pois o cientista estava sem barba. Após os comentários, vão para a Biblioteca e Sofia descobre que não poderá entrar no recinto por ser uma coruja, o que a deixa aborrecida. Na biblioteca, Thiago e Darwin estudam o livro Teoria das Espécies e falam mais sobre a vida de Darwin, inclusive a parte em que estudou teologia. No Filosofês o termo “tese” é descomplicado. Darwin avista alguém vestido de detetive indo na sua direção e se amedronta pensando que é alguém o procurando. Quando o “detetive” chega bem perto, os dois descobrem que é a Sofia disfarçada para conseguir entrar na biblioteca.

No terceiro episódio Sofia fala que ia entrar de qualquer jeito. Darwin sugere que continuam a falar sobre a Seleção Natural no zoológico, o que deixa a Sofia em pânico por causa dos predadores que lá estão. No zoo, Sofia fica com medo e Darwin os convida para irem até a seção de pássaros, Darwin explica a teoria da Seleção Natural de forma mais prática, utilizando aves específicas como exemplos. No Filosofês a palavra abordada é “antítese”. Sofia ouve um barulho de um gavião, o animal se aproxima rápido em direção à coruja, o que desespera a todos.

Já no quarto episódio, o gavião passa bem perto, mas não pega a Sofia e sim um ratinho próximo. Após o momento, todos chegam à conclusão de que precisam ir embora e Darwin lembra que ele tem que fazer suas malas, pois precisa ir para a Inglaterra. Em casa, falam sobre os impactos que as ideias de Darwin causaram no mundo e suas referências seguindo as pesquisas de Thomas Malthus. O quadro Filosofês fala sobre “síntese”. Darwin lembra que tem de ir embora. No carro, indo para o aeroporto, Sofia dá sua roupa de detetive de presente para que Darwin possa

se disfarçar dos perseguidores. No aeroporto, Darwin se despede de Thiago e Sofia e embarca para Londres. Sofia reflete sobre os diversos pensamentos acerca do surgimento da vida e diz que quer saber mais sobre o criacionismo.

- Temporada 2 – Hipácia de Alexandria

O primeiro episódio da temporada se inicia com Thiago limpando o porão da casa e chamando a Sofia para ajudá-lo na limpeza. A coruja pede para esperar um pouco, pois está lendo um livro de Darwin. Sofia desce e os dois encontram uma caixa estranha escondida. Thiago abre e Sofia lembra que é o seu telescópio. Ela pede para que Thiago monte o objeto para conferir se ainda está funcionando e assim possam observar o céu. Thiago topa, mas limita o tempo a cinco minutinhos. Os dois vão para o jardim, começam a observar o céu e usar o instrumento. Percebem que tem uma moça se aproximando na direção deles. Ela chega e se apresenta como Hipátia de Alexandria, Sofia pede para falar mais sobre sua vida e Thiago fica bravo com a coruja, pois tinha avisado que ficaria ali só cinco minutos. Hipátia fala um pouco da sua história, suas áreas de estudo e o preconceito de ter sido professora mulher. Thiago fica impressionado com a filósofa. O Filósofo aborda a palavra “ideia”. Thiago chama Sofia para entrar, Hipátia fala que acabou de chegar de Atenas e está precisando de um hotel para ficar, pois passará um tempo por ali para terminar uns estudos. Thiago a convida para ficar em sua casa e a filósofa aceita ficar por alguns dias. Eles guardam o telescópio para irem para casa.

No segundo episódio, Thiago acorda Sofia para lanchar. Hipátia prepara um prato egípcio (Torta de húmus) para Thiago e Sofia. Todos comem e gostam da iguaria. Começam a conversar com a Hipátia, que continua contando a sua história, suas referências platônicas e o vanguardismo de ter se destacado naquele contexto como mulher. Thiago a elogia. No Filósofo o quadro descomplica a palavra “lógica”. Após uma interrupção, Thiago convida todos para que a conversa continue na sala, agradece gentilmente a comida feita por Hipátia, os conhecimentos compartilhados e convida todos para irem ao museu de história antiga. Elas topam, mas Thiago fala que lavará a louça primeiro.

O terceiro episódio inicia com os personagens vendo obras no museu. Hipátia vê algo se mexendo na janela e pergunta para o Thiago o que seria aquilo. Thiago observa e percebe que é a Sofia entrando voando sem pagar. Ele chama a atenção

do animal e a coruja explica que é a única forma de entrar, pois proíbem bichos. Thiago explica que estavam vendo algumas obras interessantes, e falam do papel da mulher em cada contexto. Thiago corteja Hipátia. Quando Sofia fala sobre os conflitos religiosos que Hipátia enfrentou, a filósofa tem um mal-estar e explica que esse assunto mexe um pouco com ela. Thiago vai buscar um copo de água. O Filosofês fala sobre “Metafísica”. Hipátia explica que falar de religião era um assunto complicado em sua universidade e, na sequência, todos comentam sobre a importância da tolerância, e Hipátia continua contando sua história e a destruição da biblioteca de Alexandria. O segurança se aproxima e Thiago pede para Sofia se esconder. O funcionário avisa que o museu vai fechar.

O quarto episódio começa com Thiago agradecendo que o guarda não viu a Sofia, mas ele e Hipátia se perguntam onde a coruja está escondida. Duas pessoas vêm em suas direções e Hipátia acha a situação estranha. O funcionário os aborda e pergunta se a coruja era deles, Thiago se desculpa e o guarda avisa que a Sofia derrubou uma peça rara e que precisariam acompanhá-lo para calcularem o prejuízo. Thiago reclama e briga com Sofia, Hipátia tenta apaziguar a situação falando que era um pequeno estrago, que não se comparava ao que fizeram com o seu povo. Thiago e Sofia voltam a discutir e o guarda pede para que todos o acompanhe até o escritório. Ao chegarem no escritório, outro funcionário diz que o prejuízo é incalculável, Thiago diz que pagará, mas o funcionário fala não acreditar ser possível, e propõe um acordo. O gerente é apresentado à Hipátia e fica chocado em vê-la. O Filosofês explica o que é “premissa”. Hipátia fala mais questões relacionadas à sua vida e aos conflitos que enfrentou. O gerente dá a ideia de a Hipátia atender os visitantes do museu, pois chamará a atenção de mais pessoas. E diz que assim a dívida será paga. Hipátia aceita.

O quinto episódio começa com Thiago e Sofia discutindo sobre o ocorrido no museu. Thiago comenta que a estadia da Hipátia estava acabando e que é para a Coruja se comportar na tentativa de causar uma boa impressão para, quem sabe um dia, a filósofa volte. A coruja brinca com Thiago insinuando que ele quer ter um relacionamento com a filósofa. Thiago rebate. Hipátia se despede e Thiago pede desculpas pelos problemas causados e compra um livro para a filósofa. No Filosofês a palavra “falácia” é descomplicada. Thiago e Sofia se despedem de Hipátia. No fim,

Thiago pergunta a Sofia se ele teria chances com a filósofa. Sofia diz que não, pois ele é só um garoto e ela uma grande filósofa.

- Temporada 3 – Jean Paul Sartre

O primeiro episódio se inicia com os personagens no aeroporto, embarcando com destino a Paris, pois conseguiram uma viagem de graça para irem a uma exposição de Shakespeare. Como animais só podem viajar no bagageiro, Thiago despacha Sofia dentro de uma gaiola. A Coruja reclama. Os dois chegam ao destino e Thiago procura por Sofia, que está com uma cara péssima, ela diz que a viagem foi horrível. Os dois passeiam pela cidade, Sofia pede Thiago tirar uma foto dela no corrimão da ponte, mas o dia está muito quente, enquanto Thiago encontra o foco, a coruja começa a passar mal por causa do calor e fica tonta. Ela se desequilibra e cai no rio, Thiago fica desesperado. No Filosofês a palavra “abstração” é explicada. Sofia pede socorro, Thiago pede ajuda a um senhor que estava por perto. Ao se apresentar, descobre que é Jean Paul-Sartre. Thiago lembra de seus conceitos básicos, fala que a Sofia já comentou sobre ele, Sartre acha interessante, mas diz que não pode ajudar a encontrar a coruja. Thiago diz que queria conversar mais com ele, mas tem que encontrar a coruja. Sartre acalma Thiago e oferece uma carona até o cais. Ainda na água, Sofia vê que um barco segue em sua direção e grita por socorro.

No segundo episódio, Sofia é resgatada do rio por um coruja francês chamado Pierre, após quase ser “atropelada” por um barco, e a leva para um lugar seguro. No carro, em outro ponto da cidade, Thiago se lamenta e Sartre o consola falando sobre “liberdade” e “loucura”, conta um pouco da sua história e mostra o Arco do Triunfo a Thiago, que, pouco depois, percebe que a gasolina do carro está acabando. Ele fala com Sartre, que não dá muita bola para a ressalva e continua falando sobre diferentes temas. O carro “morre” e não tem posto de combustível por perto. Thiago lembra da Sofia e se pergunta se ela ainda está viva. No Filosofês é desvendada a palavra “utopia”. Sofia agradece a Pierre por ter salvo sua vida e lembra que tem que achar o Thiago para ir à exposição no teatro da cidade. Pierre se surpreende, diz que sua avó foi coruja de Shakespeare e fala que vai levá-la ao teatro para encontrar com Thiago. Sofia concorda, mas diz estar com medo de não encontrar Thiago. Pierre acalma a coruja, afirmando que está cuidando dela. Em outro ponto da cidade, Thiago reclama que está dando tudo errado e ainda perdeu a coruja de estimação e pede ajuda a

Sartre, que tenta o acalmar oferecendo um chá, o que deixa o Thiago ainda mais nervoso. Sartre avista duas corujas voando e avisa Thiago, que confirma ser a Sofia. Ele grita para Sofia o ver.

No terceiro episódio Sofia passa perto de Thiago mas não escuta seus gritos, Thiago se lamenta, Sartre o conforta e diz que Sofia parecia bem feliz com o coruja. Thiago fica incrédulo com a possibilidade de ter sido trocado pelo coruja, mas Sartre reitera que pareciam muito bem juntos. Thiago briga com Sartre. Em outro ponto da cidade, no teatro, Sofia procura por Thiago, mas não o encontra e fica com medo de ter se perdido do amigo humano para sempre. Pierre a acalma e a chama para apreciar a exposição. Sofia diz que gosta mais de filosofia e Pierre diz que filosofia e teatro têm muito em comum. Os dois discutem sobre a questão e Pierre a convence de que as duas áreas têm sim proximidade. O Filosofês fala sobre “fenômeno”. Thiago se desculpa com Sartre, que o perdoa. Os dois vão em uma padaria parisiense. Enciumado, Thiago diz que não vai mais atrás de Sofia, pois ela o trocou pelo novo amigo Coruja. Sartre o convida para ir à Disney Paris e conversar sobre suas novas teorias. Enquanto o carro é consertado, os dois tomam um chá.

O quarto episódio se inicia na exposição com a Sofia dizendo a Pierre que gostou muito de tudo que viu e Pierre fala sobre o existencialismo de Hamlet. Sofia se desespera, pois não encontra Thiago. Pierre diz para ela ter calma, mas Sofia diz que vai procurar por Thiago sozinha e impede que Pierre a ajude. Thiago e Sartre falam sobre “negatividade”, “melancolia” e “vazio do ser”. Ao encerrar o papo, Thiago diz que está com um mau pressentimento sobre a Sofia. O Filosofês descomplica “dogma”. Sofia voa falando que ela tem liberdade para voar para onde quiser, de repente, bate a cabeça em algo e começa a cair. Thiago conta para Sartre o quão atrapalhada Sofia é, e algo cai perto deles. Thiago olha e reconhece. Sofia reclama.

No quinto e último episódio, Thiago pergunta onde Sofia estava e Sofia reclama que Thiago não a socorreu quando ela caiu no rio. Thiago pede desculpas e diz estar feliz em vê-la. Ela volta a reclamar e Thiago diz que fez de tudo para encontrá-la, mas não achou e não teve como ir à exposição, pois o carro do Sartre quebrou. Sofia fica feliz em conhecer o filósofo existencialista, diz que tinha falado sobre ele na exposição e pede um autógrafo do pensador. O Filosofês fala sobre “matéria”. Thiago fala com Sofia que vai levá-la ao veterinário e Sofia diz que não gosta e diz estar se sentindo melhor. Sartre diz que precisa ir embora, Sofia pede para que ele fique, mas ele se

despede e indica um veterinário de sua confiança para o Thiago e oferece uma carona. Thiago e Sofia aceitam. Na hora de entrar no carro, Thiago pergunta a Sartre se ele lembrou da gasolina e, mais uma vez, tinha esquecido de abastecer.

- Temporada 4 – René Descartes

No primeiro episódio da temporada, ainda em Paris, Thiago e Sofia decidem visitar o museu do Louvre. Sofia estava com o mapa e, ao chegarem, Thiago percebe que o local onde estavam não parecia ser o museu. Tomou o mapa da Sofia e descobriu que a Coruja atrapalhada leu o papel de cabeça para baixo e eles estavam em um terreno baldio. Ao brigar e chamar Sofia para ir para o caminho correto, os dois ouvem um pedido de socorro, vindo de um buraco. O Filósofo fala sobre “Racionalismo”. Thiago e Sofia avistam uma pessoa no buraco e Thiago o ajuda a sair de lá. Ele agradece, se apresenta como René Descartes e explica que pulou no buraco para se esconder dos perseguidores. Descartes conta que a igreja o persegue e Sofia fica indignada com tal intolerância. O filósofo concorda e diz que tem de tomar cuidado, pois os perseguidores podem voltar a qualquer momento. Segundos depois surgem gritos de ordem de uma multidão falando para capturarem o filósofo. Sofia, Thiago e Descartes começam a correr. Ouvem a buzina de um trem e Thiago diz para que todos pulem no trem para se salvarem.

No segundo episódio, os três conseguem ser salvos pelo trem. E, conversando com o filósofo, Sofia sugere que Descartes talvez tenha feito algo errado para que tanta gente o persiga, foi então que ele começa a contar a sua história. Fala sobre o controle do pensamento na idade média, seus estudos em astronomia, matemática, álgebra e geometria. O Filósofo descomplica a palavra “dilema”. Sofia questiona para onde eles estão indo e sugere que pensem nesse ponto. Thiago releva a questão, argumentando que o que importa é estar seguro. O maquinista chega ao vagão, olha para os três e pede para ver as passagens.

O terceiro episódio começa com o maquinista insistindo para ver as passagens e Descartes tenta contornar a situação, mas o maquinista se mostra irredutível e fala com os três que devem deixar o trem. Sofia apresenta Descartes ao maquinista, que muda o tom se mostrando surpreso e mudando de ideia, permitindo que todos fiquem no trem, sem problemas. O maquinista se apresenta como Michel e afirma que é um “ex filósofo” admirador de Descartes. Sofia questiona os motivos que o levaram a

parar de estudar e ele dá a entender que precisou arrumar um trabalho diferente para poder se sustentar, mas continua pensando, refletindo e, eventualmente, escrevendo. Eles conversam sobre o *Cogito ergo sum*, famoso “Penso logo existo”, a máxima cartesiana; e também sobre os fundamentos do iluminismo e a opressão gerada contra o movimento. O Filosofês aborda o termo “transcendental”. O trem chega ao seu destino e ninguém sabe onde está. O maquinista fica impressionado de saber que entraram no trem sem terem noção de onde chegariam, mas os “passageiros” preferem não entrar em detalhes. Ao abrir a porta, ficam surpresos do local em que irão desembarcar.

O quarto episódio começa com os personagens descobrindo que desembarcaram a duas quadras do museu do Louvre. Thiago fala que seria para o museu mesmo que seguiriam se a Sofia não tivesse se perdido. A coruja rebate falando que se não tivessem mudado o caminho não teriam encontrado Descartes. Todos agradecem ao maquinista a carona, e partem para o Louvre. No museu, Thiago conversa com Descartes sobre as maravilhosas obras da galeria e pergunta da Sofia. Descartes afirma que a viu pela última vez no pátio central. Continuam conversando sobre a arquitetura e as obras do local, e faz comparações das artes com contextos bíblicos. Afirma ser cristão e fala sobre a relação “ciência x fé”. O Filosofês fala sobre “valor”. Thiago pergunta como é possível conciliar fé com ceticismo e Descartes responde que quer provar que Deus existe pela lógica. Thiago fica meio confuso e discordante e começa a chamar Sofia pelo museu.

No quinto episódio, Thiago encontra Sofia e fala que Descartes está meio perdido em seus pensamentos. Sofia o chama para ver uma coisa. Thiago a segue e ela mostra Pierre para ele. Thiago lembra de ter visto os dois voando juntos (na temporada anterior). Pierre se apresenta e Sofia fala ter sido coincidência o tê-lo encontrado no museu. Pierre rebate e afirma ser obra do destino. Thiago fica impaciente com a situação e lembra que precisam ir para o aeroporto para voltarem ao Brasil. Thiago fala mal de Descartes e Sofia o defende, Pierre diz que não concorda sobre sua teoria da “supremacia da razão”, Descartes ouve e fica enfurecido com o coruja. Sofia defende o amigo de espécie. Descartes perde desculpa e Pierre elenca vários aspectos falhos das teorias do pensador, citando a psicologia que veio posteriormente complementando os pensamentos dele. Descartes não gosta nada do que ouve e Pierre reitera que os conceitos dele estão desatualizados. Descartes

ameaça atacar o Pierre e Sofia se desespera. Thiago apazigua a situação e, já vai se despedindo para se livrar do filósofo. Sofia se despede e diz que foi bom estar com ele. O Filósofo “decifra” as palavras “causa” e “efeito”. Já indo para casa do aeroporto no Brasil, Sofia se sente triste, saudosa e incompleta. Thiago diz que é paixão e ela rebate falando que Pierre era só um amigo dela. Thiago afirma que a viu toda chorosa se despedindo do coruja em Paris. Ela diz que ficou triste que ele não aceitou vir para o Brasil e Thiago afirma que irão encontrar um “corujo” certo para ela. Ela lembra de Descartes e fala que concorda com ele, pois prefere a razão e promete dedicar sua vida à filosofia apenas. Ela reclama estar cansada da viagem dentro da gaiola e diz que vai dormir.

- Temporada 5 – Santo Agostinho

O primeiro episódio começa com Thiago questionando que Sofia só sabe estudar e não faz nada que as outras corujas fazem. Sofia rebate falando que é domesticada. Thiago ri e diz que vai preparar um bolo para os dois. Quando ele vai olhar o bolo, a companhia toca e Thiago pede para Sofia atender. Ao abrir a porta, ela se depara com um senhor vendedor de livros cristãos. Ele oferece algumas promoções para a coruja e Thiago pergunta quem está na porta e Sofia responde que é um vendedor. O senhor insiste para que a coruja compre seus materiais. Ele se apresenta e Thiago e Sofia ficam espantados por estarem diante o “Santo” Agostinho. Sofia o convida para entrar e Thiago puxa assunto e o filósofo conta um pouco da sua história. No Filósofo palavra “teísmo” é descomplicada. Eles continuam falando sobre a conturbada história de Agostinho de Hipona. Thiago e Sofia o convidam para tomar café da manhã com eles e o filósofo aceita. A coruja sente cheiro de queimado e Thiago lembra do bolo e chama todo mundo para dentro para ele salvar o bolo.

No segundo capítulo Thiago explica que o bolo deu uma “queimadinha”, mas acredita que dá para salvar partes. Agostinho continua contando a sua história, informando em dado momento que chegou a ser casado, questão que deixa Thiago boquiaberto. Sofia pede para que o filósofo continue falando e Agostinho afirma que seguiu muito os escritos de Platão e falou também sobre sua fé em Deus e sua conversão ao catolicismo, deixando a família para servir à igreja. Thiago serve a mesa e convida todos para comer. Agostinho diz que sua garganta não está boa e tomará apenas um pouco de leite. O Filósofo fala sobre “moral”. Agostinho começa a tossir,

e reclama da bronquite. Tossindo com frequência continuando a contar sua história. O filósofo pergunta onde se localiza o banheiro e fica com uma cara doente. Indo para o banheiro o velhinho cai. Thiago e Sofia ficam desesperados.

No terceiro episódio o médico atende Agostinho e fala que ele precisa ficar em observação. Sofia diz que ela e Thiago cuidarão muito bem dele. O médico receita um remédio e se despede. Thiago dá remédio para Agostinho que conta estar acostumado com a rotina de remédios, pela saúde sempre frágil decorrente de sua bronquite, mas reitera que, apesar de tudo, tinha força nos ensinamentos religiosos. Thiago comenta e se admira com a fé do idoso e pergunta se realmente foi possível unir o saber grego à fé cristã. Ele afirma que sim, citando Platão. Conversam sobre “bem”, “mal” e “livre arbítrio”. Falam sobre mais algumas questões e o Agostinho volta a tossir. Thiago diz que buscará um chá. O Filósofo descomplica a palavra “milagre”. Agostinho continua tossindo e fala das suas principais obras. Thiago percebe que ele está ainda muito mal e fala com Sofia para deixá-lo descansar.

O quarto episódio se inicia com o despertador tocando. Thiago acorda e dá de cara com a Sofia o esperando com um animado “Bom dia!”. Sofia lembra que Agostinho está no quarto ao lado e pergunta se ele já acordou. Thiago acha que, por causa da doença, ele deve ainda estar descansando. Os dois entram no quarto do filósofo e são recebidos com um caloroso “Bom dia!”, vestido com roupa de caminhada e convida a todos a fazer um exercício no parque. No parque, Thiago e Sofia estão cansados e o Agostinho cheio de disposição correndo. Thiago pergunta o filósofo sobre o segredo da sua disposição e Agostinho afirma que está na oração, pois um corpo equilibrado é igual a uma mente equilibrada. Sofia o questiona sobre como ele consegue arrumar tempo para tantas coisas e Agostinho afirma que o tempo é uma dádiva de Deus. Eles falam sobre as teorias do filósofo a respeito do tempo. O Filósofo descomplica a palavra “númeno”. O tempo vira, anunciando a chuva e Agostinho chama Thiago e Sofia para uma corrida até em casa.

No quinto episódio começa a chover e Agostinho começa a ir mais devagar. Thiago e Sofia ficam preocupados. Um carro atropela o filósofo, deixando Thiago e Sofia desesperados. Eles falam com Agostinho, mas ele está muito mal e começa a falar sobre a questão da morte (encontrada em suas teorias). Sofia tenta reanimá-lo, mantendo um diálogo com ele. E eles continuam falando sobre a questão da morte. Sofia insiste. E Agostinho se despede e morre. Sofia e Thiago ficam aos prantos. O

Filosofês fala sobre “ceticismo”. Já em outro ambiente e contexto, Sofia e Thiago lamentam a morte de Agostinho e Thiago os conforta com uma de suas frases sobre a morte. Sofia cita algumas questões aprendidas pelo exemplo do filósofo. Thiago diz que começarão a colocar em prática os ensinamentos de Agostinho e deixa um suspense no ar para Sofia. Thiago leva a coruja para a academia de ginástica e são apresentados para a professora de ginástica. Sofia não gosta da ideia, mas no fim se rende aos exercícios.

- Temporada 6 – Platão

O primeiro episódio começa na academia com Thiago e Sofia malhando. Sofia reclama dos exercícios. Os dois relembram os ensinamentos de Agostinho sobre saúde. Eles avistam um velhinho entrando na academia. O senhor os aborda perguntando se é ali que fica a academia. Thiago confirma e o pergunta se está indo malhar, pois está cheio de livros e não aparenta muito estar no lugar certo. Mas ele insiste e afirma que está indo dar aula na academia. Thiago se assusta e pergunta se ele dá aula de ginástica. Sofia ri e diz que entendeu, explicando que a “academia” que ele procura é, na verdade, a escola-universidade. Ele fala um pouco sobre as áreas que domina como a matemática e a literatura, mas sua ênfase é filosofia. Eles descobrem que se trata de Platão. Sofia pede para olhar os livros do Filósofo e confirma que estão realmente falando com Platão. Sofia fala alguns marcos importantes da carreira do filósofo. No *Filosofês* a palavra “abstração” é descomplicada. Thiago e Sofia conversam sobre a honra de conhecer um filósofo tão importante. Platão fala de suas referências em Sócrates. Sofia complementa afirmando que ele deu continuidade aos pensamentos socráticos. Thiago diz que gostaria de acompanhá-lo à academia na qual leciona, mas pede para o filósofo esperar um pouquinho para que ele e Sofia terminem a sequência. Platão diz que quer fazer exercícios.

O segundo episódio começa com Sofia e Thiago ainda na academia aguardando Platão colocar roupas adequadas para a ginástica. Quando Platão sai do vestiário, Thiago e Sofia riem do seu visual. Thiago o acompanha nos exercícios. Eles começam a conversar sobre a fundação da Academia de Platão e os contextos da época; além de pontuar questões marcantes da sua história. O *Filosofês* aborda a

palavra “ideia”. Thiago fica admirado com o fôlego de Platão na academia. Platão fala sobre o significado do seu nome. Eles são interrompidos por um anúncio de assalto.

No terceiro episódio Thiago aconselha que todos se escondam e Platão diz que é melhor fazer tudo que o ladrão disser. O ladrão pede que todos passem o dinheiro. Thiago fala para Platão ligar para polícia e ele diz que vai conversar com o bandido. Platão fala com o bandido que o crime não compensa. O bandido se irrita e ameaça o filósofo. Platão continua argumentando que não vale a pena ter dinheiro estando na ignorância e o aconselha a sair daquela vida. O ladrão não entende nada. Platão vai explicando pacientemente para o bandido sua teoria sobre o mundo das ideias (se aplicando ao contexto) e Thiago o aconselha a parar. Platão continua seu discurso arrebatador e oferece uma vaga na sua academia-universidade para o criminoso. O ladrão fica muito nervoso e ameaça sacar a arma. O Filósofo fala sobre “mundo sensível”. O bandido diz que é a última chance que está dando para que entreguem os pertences se não vai atirar. Platão entrega a mochila. A polícia chega e o ladrão vai embora. Thiago fala com Platão que arriscou sua vida inutilmente, mas o filósofo afirma acreditar na humanidade.

O quarto episódio começa com Thiago conversando com Sofia sobre ir à academia. A coruja fica com medo de andar pelas ruas e Platão afirma não haver necessidade de permanecer medrosa. Thiago insiste que vai com ele. Sofia se convence a acompanhá-los. Conversam mais o pouco sobre a teoria das ideias seguindo o exemplo da cadeira. O Filósofo descomplica a palavra “platonismo”. Eles continuam conversando sobre a teoria da ideia e entram na definição do que é o homem.

O quinto episódio se inicia com a Sofia com medo e Thiago fala para ela ficar calma. Platão aconselha Sofia a sair da escuridão de dentro da blusa do Thiago e ir para a luz, mas ela se recusa. Ele fala sobre sua teoria da razão, espírito e apetite e aplica ao contexto da Sofia, que é convencida a sair de dentro da camisa do Thiago. O ladrão reaparece e Sofia se apavora. O ladrão (chamado “Furtado”) os acalma e fala que refletiu nas palavras de Platão e devolve tudo o que roubou dos três. Thiago agradece. No Filósofo a palavra “consciência” é desvendada. Os três chegam finalmente à academia. Platão agradece a companhia. Thiago e Sofia se despedem. Sofia convence Thiago a dar uma passadinha na biblioteca da universidade.

- Temporada 7 – Freud

No primeiro episódio Thiago acorda Sofia, mas ela pede para passar mais tempo dormindo. Thiago acha um comportamento estranho e pergunta o que está acontecendo. Ela diz que nas últimas noites tem sonhando com coisas estranhas que a tem deixado perturbada e com insônia, mas não conta detalhes. Thiago se mostra preocupado e procura psicólogos no jornal. Ele localiza um bom nome: Sigmund Freud. Sofia não gosta da ideia, mas Thiago a convence. No *Filosofês* é abordada a palavra “identidade”. No consultório, Freud atende Thiago e Sofia. Thiago explica mais ou menos o problema que a coruja tem enfrentado, Freud fala um pouco sobre a psicanálise e diz como funcionam as suas consultas. Chama Sofia para entrar e ela se mostra resabiada.

O segundo episódio já começa com uma conversa entre Freud e Sofia no consultório. E Sofia quer saber mais sobre inconsciente. Freud propõe uma conversa explica seus procedimentos e diz que, se necessário, utilizará a técnica da hipnose para o tratamento. Sofia não gosta da ideia. Thiago concorda com Sofia e Freud diz que a hipnose não é nada daquilo que eles estão pensando, explica o procedimento e conta um pouco da relação entre a psicologia e a filosofia, assunto que interessa Sofia. Freud diz que utilizou algumas referências de Platão para sistematizar suas ideias, e Sofia recorda os conceitos. O filósofo fala sobre *ide*, *ego* e *superego*. Após explicar, Sofia ainda tem ressalvas à hipnose, mas o médico começa a fazer perguntas sobre os sonhos. No *Filosofês* a palavra “bem” é abordada. Thiago pergunta se já tem um diagnóstico, mas o profissional diz que antes precisa saber mais detalhes sobre os sonhos da Sofia. Freud dispensa Sofia e marca uma nova consulta para o dia seguinte.

No terceiro episódio Thiago pergunta se Sofia está animada para a próxima consulta e a coruja se mostra amedrontada com a possibilidade de ser hipnotizada. Finalmente ela consegue dormir. Ela acorda assustada no meio da noite reclamando que novamente teve o pesadelo. Thiago tenta acalmá-la e Sofia fala que precisa contar para o Dr. Freud. Thiago fala com ela que precisa esperar o dia raiar. No consultório, Sofia diz que na madrugada leu o livro “*Interpretação dos Sonhos*” e se convenceu de que seria um bom tratamento. Freud fala um pouco sobre os fatores que os sonhos se relacionam. Sofia fala sobre “culpa” e “desejo reprimido” e Freud concorda. Sofia diz que contará todo o sonho para o médico. No *Filosofês*

descomplica a palavra “estética”. Sofia lembra o sonho: está batendo as asinhas e chega ao céu, lá encontra sua mãe que a repreende falando que foi uma filha mal-educada. Sofia fica feliz de ver a mãe e fica triste de levar a bronca após tanto tempo sem vê-la. A mãe da Sofia diz que ela se comportou muito mal e, por isso, cortará suas asas. Sofia fica desnorteada e começa a cair.

O quarto episódio inicia com Sofia afirmando que esse sonho tem se repetido toda a noite. Freud sugere que possivelmente o problema possa estar relacionado ao ato de voar e pergunta se aconteceu algum episódio relacionado a isso recentemente. Sofia diz que tem um pouco de medo. Freud pergunta se alguma coisa relacionada a voar tem a ver com a mãe da coruja. Sofia diz não lembrar. Freud começa uma conversa sobre a mãe de Sofia. Ele pergunta sobre a última vez que ela a viu e a coruja diz que fazia muito tempo e afirmou ter sido abandonada (mesmo sendo um ato normal da espécie) e não conseguia se virar sozinha. Ela se lembrou de mais um episódio de que quando era criança a mãe teve que sair para procurar comida, pois era inverno e estava muito difícil, Sofia ficou para cuidar dos ovinhos que sua mãe botara, mas estava com muita fome e foi procurar mel numa colmeia. Ao voltar, um urso tinha comido todos os ovinhos. Ela ficou muito triste com a lembrança. Freud diz que acha ter um diagnóstico. No *Filosofês* a palavra “inferência” é estudada. Sofia pergunta se é grave e Freud diz que depende dela. Ele afirma que ela tem um distúrbio causado por culpa e por isso ela não consegue voar como outra coruja normal. Sofia pergunta como vai lidar com isso e Freud pede para ela ter calma.

No quinto episódio Sofia quer saber como vai lidar com o sentimento de culpa e Freud explica que toda a ação humana tem raiz baseada no sentimento de culpa (ele fala sobre o assunto). Sofia fala que o que fez foi muito grave e acha que devia se arrepender disso. Freud fala que é esse o caminho: assumir e tomar responsabilidade pela situação. Sofia concorda e pergunta como pode resolver a questão. Freud sugere duas seções de hipnose e Thiago e Sofia descartam a ideia. Freud insiste e Thiago sugere fazer um exercício para praticar o perdão e fala com Sofia para ela se perdoar. Freud diz que não é tão simples assim, mas Sofia agradece os serviços e se despede falando que seguirá os conselhos do Thiago. No *Filosofês* a palavra “hedonismo” é descomplicada. Thiago incentiva Sofia a voar. Ela vai toda empolgada, mas bate no poste.

- Temporada 8 –Berkeley

O primeiro episódio começa dando continuidade à temporada anterior. Após Sofia colidir com o poste, Thiago se desespera com a Coruja que parece não lembrar de nada. Não reconhece o Thiago, inclusive. Thiago fala em levá-la ao veterinário e ela pede para antes passar numa igreja Anglicana que está vendo. Thiago acha estranho e recusa a opção da coruja. Eles são abordados por um homem oferecendo soluções médicas para diferentes problemas de saúde. Ele oferece um líquido verde para Sofia prometendo que os problemas que ela enfrenta serão sanados, além se apresentar como Berkeley. Sofia tem impressão de conhecer esse nome, mas não lembra. Thiago diz para não beber. Berkeley explica que é água de alcatrão. Sofia toma e acha o gosto do “remédio” desagradável. Thiago a chama para ir embora e Berkeley promete que em alguns minutos fará efeito. No Filosofês a palavra “empirismo” é descomplicada. Thiago pergunta se a coruja está se sentindo melhor e ela responde que ainda não se lembra dele. Berkeley afirma que amnésia demora um pouquinho para ser curada. Sofia volta a questionar se Berkeley é alguém conhecido. Berkeley se apresenta como teólogo, bispo anglicano e professor de grego e hebraico, e filósofo. Thiago comenta que, mesmo com o remédio, Sofia continua mal.

O segundo episódio começa com Thiago alertando para que Sofia tome cuidado ao se envolver com o bispo. Berkeley pede respeito e diz que se não fosse por ele o mundo estaria perdido com os pensamentos racionalistas. Sofia vai resgatando sua memória e Berkeley fala sobre o empirismo e a diferença do empirismo com o materialismo. E utiliza o exemplo da amnésia da Sofia para explicar a frase “ser é ser percebido”. No Filosofês a palavra “percepção” é abordada. Thiago lembra da situação da Sofia e diz que levará o bicho ao veterinário. Sofia diz que não conhece Thiago e condiciona sua ida ao médico à companhia do Berkeley. Thiago se lamenta por Sofia não se lembrar dele.

No terceiro episódio, Berkeley topa acompanhá-los se não demorarem muito, mas alerta que seu remédio milagroso começará a fazer efeito. Thiago duvida. Sofia acusa Thiago de não ter fé. Sofia demonstra insegurança quanto à consulta e Thiago a repreende. Berkeley diz que o seu remédio vai curá-la. Thiago e Sofia discutem com Berkeley sobre seus pensamentos relacionados à “realidade”. Thiago sugere que as ideias vão contra Deus e não entende como Berkeley se mantém bispo. Berkeley pede calma e complementa colocando Deus acima de tudo e explicando detalhes da sua

teoria. Thiago torna a insistir em levar Sofia a um médico. No *Filosofês* a palavra “refutação” é estudada. No consultório médico, Sofia se recusa a fazer o teste. Thiago insiste. A Dra. Sandra diz que Sofia pode ter danos cerebrais e afirma que é preciso fazer o raio X. Sofia cede, mas afirma que ela já vai melhorar por causa da solução milagrosa do Berkeley.

O quarto episódio começa com a Sofia fazendo o exame. Enquanto Sofia fala, Berkeley concorda com suas divagações falando que “é melhor ser uma ostra do que um homem, o mais estúpido de todos os animais” e fala sobre seus pensamentos a respeito de “ideia”. Thiago questiona Berkeley sobre o que o ser humano é, seguindo os pensamentos do filósofo, que responde que os seres humanos são espíritos. Únicos não formados por ideias. Thiago acha loucura. Sofia diz estar passando mal fazendo o exame. A Dra. Sandra pede silêncio. Thiago chama Berkeley para conversar fora da sala de exame. Sofia reclama que não quer ficar sozinha. No *Filosofês* a palavra “representação” é abordada. A veterinária avisa que o exame foi bem-sucedido e nenhum trauma foi encontrado. Thiago fica feliz. E a doutora avisa que Sofia vai relembrando as coisas aos poucos.

No quinto episódio, Thiago questiona a “água de alcatrão” de Berkeley e o filósofo reafirma que seus métodos funcionam. Thiago também sugere que as teorias de Berkeley são contraditórias e o bispo os convidam para irem ao seminário para que ele possa detalhar mais seus conhecimentos. Thiago recusa e Sofia aceita. Thiago chama Sofia para ir para casa. Berkeley reitera o convite e se despede. No *Filosofês* a palavra “idealismo” é descomplicada. Sofia comenta positivamente sobre Berkeley, Thiago discorda. Sofia acha estranho voltar para casa sem lembrar o caminho e Thiago a acalma argumentando que brevemente ela recuperará sua memória.

- Temporada 9 – Nietzsche

No primeiro episódio da temporada, Thiago e Sofia desembarcam em Berlim, pois o esquecimento de Sofia persistia e o Dr. Freud recomendou que os médicos alemães tinham mais propriedade para tratar o caso. Como eles iriam ao médico somente no outro dia, Sofia sugere que eles andem pela cidade para conhecerem melhor a capital alemã. Thiago acha uma boa ideia, mas diz que não sabe o que fazer. Os dois ouvem uma mulher vendendo ingressos para que possam ver Nietzsche. Sofia e Thiago se interessam. Sofia comenta com palavras-chave as principais ideias

do filósofo. A palavra abordada no filósofos é “identidade”. Ao pegar o ingresso, Thiago vê que o endereço é de um hospício e questiona a vendedora. Ela afirma que está correto e Thiago se enfurece. Sofia fala que quer ir mesmo assim. Thiago diz que isso vai gerar uma confusão.

No segundo episódio, Sofia e Thiago chegam ao sanatório acompanhados da vendedora e são apresentados ao Nietzsche que se mostra um tanto transtornado. Os dois começam a conversar com o filósofo. Sua irmã deixa o local. O filósofo fala um pouco sobre a sua história e aborda algumas de suas ideias (como a devolução humana e a crítica ao cristianismo) com o Thiago e a Sofia. O filósofo descomplica a palavra “retórica”. Nietzsche continua a culpar a religião pelas mazelas da sociedade. Sofia fala sobre a frase “Deus está morto”. Thiago diz não estar gostando do assunto. O filósofo continua falando suas teorias anti-religião e se apresenta como um grande salvador.

O terceiro episódio começa com Nietzsche concluindo seu raciocínio afirmando que as pessoas precisam ser mais egoístas e tem um novo delírio. Thiago o acalma e confronta seus argumentos com uma pergunta antagônica falando sobre a importância das leis. O filósofo concorda em partes, mas mantém seus argumentos anti-caridade e anti-religião. Sofia critica o filósofo, que se defende falando em “autopreservação”. Thiago brinca com a situação em que o pensador chegou com suas ideias (ao sanatório). Nietzsche compara sua teoria aos negócios. Sofia concorda em partes. Nietzsche fala em “Super-homem”. O filósofo pede ajuda a Thiago e Sofia para sair da cadeia. Thiago ironiza e o filósofo torna a falar coisas dispersas e desconexas. O filósofo fala sobre “niilismo”. Um médico aparece e pede para os visitantes saírem, pois é hora do remédio dos pacientes. O médico confunde Thiago com um dos pacientes e pede para que volte. Thiago fala que é visitante. Nietzsche se aproveita da situação e diz que o visitante está mentindo. O médico continua acreditando que Thiago é um paciente e o segura, enquanto Nietzsche se dissimula e sai. Thiago pede socorro para Sofia.

No quarto episódio, Sofia encontra Nietzsche do lado de fora e se assusta. O filósofo diz que o soltaram. Sofia pergunta sobre o Thiago e o filósofo responde que os fracos não têm vez e fala que ele não estava preparado para sair de lá. Sofia sente que algo está errado e sugere que ele tenha trocado de papel com o Thiago e repreende Nietzsche, que contra-argumenta falando que não existem virtudes e fala

não se arrepende de sua atitude. Sofia se choca com a frieza do homem. O Filosofês fala sobre “ceticismo”. Sofia intima Nietzsche a fazer a coisa certa e tirar o Thiago do hospício. Ele se recusa e Sofia fica muito brava, a ponto de agredir fisicamente o filósofo.

No quinto episódio, a irmã do Nietzsche chega e se espanta com a cena. E Nietzsche culpa Sofia. A vendedora de ingressos fala que é a segunda vez que ele foge do sanatório. Os dois discutem com o filósofo argumentando usando suas próprias teorias. Sofia o repreende, mas ele continua argumentando com suas ideias. A irmã fala que o levará novamente para o sanatório e Sofia o manda soltar Thiago. No Filosofês é abordada a palavra “relativismo”. Já em outro cenário e com o Thiago solto, a coruja conta ao seu tutor a surra que deu no filósofo. Thiago lembra que eles precisam resolver ainda a questão com o psicanalista e Sofia pede para que esqueça a situação pelo menos naquele dia. Thiago insiste e Sofia cede, pedindo para ir ao Zoológico. Thiago diz que sim.

O Intervalo Filosófico parou de ser produzido, já que, no semestre seguinte (2011/2) a bolsa do produtor-chefe foi transferida para a editora universitária da instituição, além de vários outros integrantes da equipe terem se desvinculado da Rádio Unasp por diversos motivos. Atualmente a emissora teve a sua concessão novamente cedida pela agência reguladora (em 2015), ainda mantém uma programação educativa e transmite através da sintonia 91.3 FM, agora com o nome Unasp FM, utilizando também a internet para levar sua programação a todo o mundo.

Imagem 1: Redação atual da Unasp FM.



Imagem 2: Foto panorâmica da redação da Unasp FM



Imagem 3: Estúdio de transmissão ao vivo



Imagem 4: Mesa de transmissão ao vivo

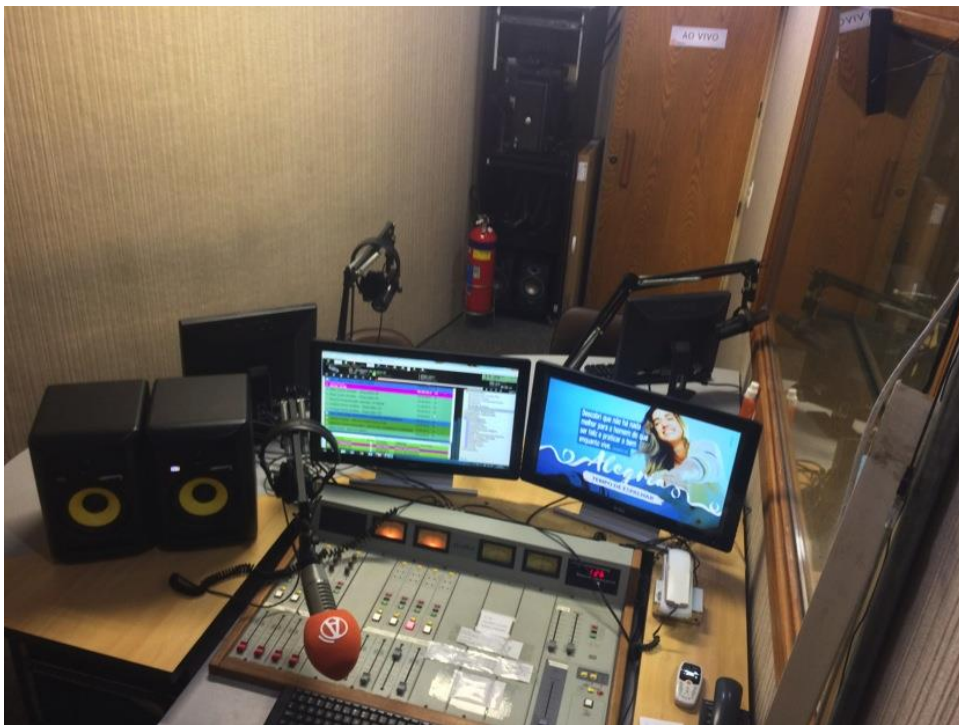


Imagem 5: Estúdio de gravação (utilizado para as captações do Intervalo Filosófico)



Imagem 6: Estúdio de edição da Unasp FM (utilizado para a pós-produção do Intervalo Filosófico)



Além de funcionar como uma rádio ao vivo, o espaço também é utilizado como laboratório dos cursos de Jornalismo, e Comunicação Social nas habilitações em Rádio e TV, e Publicidade e Propaganda, possibilitando que os estudantes façam estágios por meio das diversas parcerias que já foram firmadas ao longo dos anos (Agência Rádio WEB, EBC, Rede CBN - Mogi Guaçu e Campinas-, Novo Tempo, Rádio França Internacional e inúmeras emissoras da região).

Ainda seguindo um estilo de programação educativo, atualmente existe um programa sobre filosofia chamado “Encontros filosóficos”, mas o formato e o público que a produção se propõe conversar fogem completamente da proposta do *Intervalo Filosófico*, que ficou marcado na história da Rádio Unasp por sua complexa e premiada produção.

4. ANÁLISE DAS LINGUAGENS, ABORDAGENS FILOSÓFICAS E EFETIVIDADE EDUCATIVA AO PÚBLICO PROPOSTO PELO INTERVALO FILOSÓFICO

Para que essa análise se sustente foram utilizados procedimentos metodológicos com objetivos de aferir os resultados propostos para o estudo. Portanto, foram realizadas entrevistas em profundidade (semiaberta), utilizando os seus resultados articulados com a pesquisa teórica deste trabalho para, então, analisar o produto em questão, ouvindo e fazendo apontamentos, conforme as questões estruturadas.

A entrevista em profundidade “é um recurso metodológico que busca, com base e teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir de experiência subjetiva de uma fonte selecionada por deter informações que se deseja conhecer” (DUARTE, 2011: p. 64). As hipóteses trabalhadas para condução das entrevistas foram:

- Estrutura da linguagem radiofônica e dramaturgia - O programa é tecnicamente bem concebido. A narrativa é intrigante, divertida, bem editada, situando o ouvinte com os cenários propostos, através dos recursos sonoros (músicas e efeitos) que tornam o programa atrativo e cativante ao público.
- Linguagem e abordagem filosófica - O texto, por vezes é inadequado para o fácil entendimento proposto pelo projeto, no caso, falar de filosofia de forma leve, chamativa e lúdica. Existem muitas palavras e conceitos que precisam ser melhor esmiuçados para alcançar a eficiência desejada.
- Entendimento dos conteúdos – Com a utilização de uma perspectiva histórica dos filósofos e correntes filosóficas no roteiro dos programas, o objetivo da produção de contribuir com a construção da alteridade e emancipação da criança se torna inviável. Para se alcançar esse norte, é necessário trabalhar do forma prática as ideias sistematizadas pelos pensadores e não somente episódios marcantes de suas vidas.
- Forma mais adequada do material chegar ao público – Transmitir por uma rádio online ou mesmo via AM ou FM se mostra um cenário inviável, considerando que a criança não tem o costume (em via de regra) de escutar rádio em seu cotidiano. É necessário fazer um projeto mais amplo e efetivo para trabalhar com os áudios do produto.

As entrevistas foram feitas em dois momentos: o primeiro com estudantes do quarto ano do Ensino Fundamental, com idade entre 9 e 10 anos (para inferir pareceres do público do programa). São estudantes do Colégio Unasp, escola privada da rede adventista de ensino, localizada à Estrada Municipal Pastor Walter Boger, Engenheiro Coelho (SP). O Colégio Unasp é um tradicional centro de ensino da região, com 944 alunos matriculados desde a pré-escola até o ensino médio.

Para a realização da dinâmica, foi enviada uma autorização aos pais, permitindo que os alunos participassem do projeto. Foram três dias de atividade, 23/06/2017, 26/06/2017 e 27/06/2017. No primeiro das 15h30 às 16h30; e nos outros das 16h45 às 17h40. A escola disponibilizou uma sala de aula com equipamentos de som e vídeo e um monitor para acompanhar os alunos. Para a entrevista, as cadeiras foram dispostas em formato meia lua direcionadas do quadro.

As atividades seguiam sempre a sequência: boas vindas, escuta de programas (dois episódios por dia, sendo que no dia 23 foram os dois primeiros da temporada Descartes; no dia 26 os dois primeiros da temporada Agostinho; e no dia 27 os dois primeiros da temporada Hipátia) e a entrevista, em que as perguntas, previamente preparadas, eram feitas, deixando os estudantes responderem às questões de forma à vontade. Ao término, os alunos eram dispensados. Toda a conversa foi gravada por meio do aparelho de celular particular do autor desta dissertação. Participaram da entrevista:

Giovanna Karla Cafaro dos Santos – 9 anos

João Artur Neres Bento – 9 anos

José Augusto Rodrigues Nogueira - 9 anos

Laís Dias Paes Silva – 10 anos

Lucca Matheus Vicente de Abreu Cáfaró - 9 anos

Maria Julia Valuta – 9 anos

Milton Luiz Piazzentin dos Santos Filho – 11 anos

Roberto dos Santos – 9 anos

Sara Alves Teixeira de Araújo – 10 anos

Para inferir pareceres da visão de um especialista, no dia 05/07/2017 foi entrevistado o professor Dr. Marciel Aparecido Consani, Doutor em Ciência da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP, 2008), com Mestrado (IA-UNESP, 2003) e graduação em Artes/Música,

possui Licenciatura Plena em Educação Artística e Especialização em Tecnologia da Educação (PUC-SP). Concluiu em 2013 seu pós-doutorado junto ao Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (IA-UNICAMP). Atualmente é professor do curso de Licenciatura em Educomunicação do Centro de Comunicação e Artes (CCA) da ECA/USP¹⁹. Consani é autor do livro *Como usar o rádio em sala de aula* (Editora Contexto, 2007).

Todo o material das entrevistas está transcrito nos **Anexos 2 e 3** desta dissertação.

Considerando o conteúdo recolhido nas entrevistas e toda a articulação teórica realizada nos capítulos anteriores, foram analisados pelo autor os 44 episódios produzidos pelo Intervalo Filosófico (o material faz parte do seu acervo pessoal e está disponível o acesso para consulta no **Anexo 4**). A análise abaixo se concentra em observar três questões: Linguagem radiofônica (que se atém aos detalhes técnicos da produção radiofônica); linguagem filosófica (concentrando em observar as formas como a filosofia foi abordada no programa e as linguagens adotadas); linguagem educativa (que analisa a viabilidade do projeto ser utilizado em contexto escolar). Com os principais detalhes metodológicos esclarecidos, segue abaixo a articulação.

4.1 Linguagem radiofônica

A estrutura narrativa, tendo uma história roteirizada respeitando o princípio “início, meio e fim”, com uma trama, personagens e competente pós-produção, tornam o programa tecnicamente profissional, alcançando o propósito de falar com a criança (de 8 a 11 anos) através da linguagem radiofônica, utilizando um texto que considera coloquialidade e palavras mais frequentes ao linguajar do público em questão. A interpretação tem um papel fundamental para tal efetividade. Os timbres muitas vezes caricaturados ajudam a despertar simpatia e caracterização dos personagens. Os cenários sonoros e as músicas trabalhadas também são pontos fundamentais para que construção da radiodramaturgia se desenrolasse de forma mais realista e capaz de estimular a imaginação. Esses pontos foram observados e sistematizados nos tópicos abaixo.

¹⁹ Currículo Lattes completo do Dr. Marciel Aparecido Consani. Disponível em: <http://bit.ly/2wxtU6E>.

4.1.1 Cenário sonoro

A linguagem radiofônica trabalha muito com a imaginação das pessoas, ao contrário da TV, ela precisa fazer com que as pessoas consigam visualizar aquilo que será consumido através de sons. Para o contexto do formato de radiodramaturgia, é necessário evidenciar os cenários sonoros, para que os ambientes em que a narrativa se desenvolve também comuniquem e permitam um envolvimento mais próximo do ouvinte, que, a partir de determinados efeitos, possam imaginar os locais em que a história se passa.

Escutando os programas, isso fica bastante evidente, às vezes surpreende pelos detalhes e sutilezas dos efeitos utilizados, dando muita veracidade aos programas. Algumas vezes essa sensação é tão forte que parece que a história realmente foi filmada e retirou-se as imagens, mantendo todos os sons do ambiente.

No “episódio 1” da temporada “Darwin”, por exemplo, tem uma cena logo no início do programa que a Sofia está se aproximando do Thiago e essa sensação é nitidamente percebida com o efeito gerado da sua voz aumentar enquanto fala (ou seja, enquanto vai se aproximando do Thiago). Nessa mesma temporada, no episódio três, os personagens ouvem um som de gavião muito forte, gerando pânico e medo na Sofia, o barulho é capaz de assustar o ouvinte, que também fica angustiado juntamente com os personagens diante a possibilidade de a coruja ser atacada. Aliás, nessa cena, não só os sons do gavião causaram esse envolvimento, a trilha sonora escolhida juntamente com a interpretação dos atores torna todo o contexto muito envolvente.

O último episódio dessa temporada e no primeiro da terceira são ambientadas cenas no aeroporto. Os sons de movimento de pessoas, chamadas de voos nos autofalantes e o ruído de avião decolando contextualizam o ouvinte do local em que estão, sem a necessidade de um dos personagens ter de falar que está no aeroporto.

E isso fica muito claro quando o público entra em contato com o material. Na temporada “Descartes”, no primeiro episódio, Thiago e Sofia, por uma leitura errada de mapa da coruja domesticada, chegam a um local errado ao que pretendiam inicialmente (o museu do Louvre, em Paris) e vão parar num terreno baldio, que, nessa cena, se utiliza sons de natureza, pássaros para caracterizar melhor o cenário. Nesse contexto, Thiago e Sofia encontram Descartes dentro de um buraco se escondendo de seus perseguidores e, pouco depois, são obrigados a fugir junto com o filósofo,

pois foram encontrados. Enquanto corriam, sons de passos pisando rapidamente na grama aumentavam a sensação de fuga dos personagens e, na sequência, a buzina do trem indica que o transporte está passando perto. Na entrevista feita com os estudantes participantes, o autor desta dissertação perguntou: “Onde vocês imaginaram que os personagens estavam? Como era esse lugar?”. Duas respostas chamaram atenção, a do Lucca: “Eu imaginei que ele estava perto de uma linha de trem. Tipo assim, com matos do lado. Aí o trem foi lá”; e a da Giovana complementando: “Muito mato”. Evidenciando que todos esses efeitos criaram na imaginação das crianças o ambiente realmente proposto pela história.

Nesse sentido, vale destacar também mais três cenas que tiveram uma construção sonora com interessantes resultados técnicos:

No primeiro episódio da temporada “Jean Paul-Sartre”, ao chegarem em Paris, e andarem de taxi pelas ruas da Cidade Luz, a música utilizada já foi capaz de passar uma ideia “parisiense”, já que os acordes e ritmos são claramente franceses (é evidente que, para ter essa relação direta, é necessário que o ouvinte tenha um repertório com alguma memória que relacione a música à França, mas, mesmo para quem não tenha essa memória, passa então, por influência da produção, a relacionar o tipo de música à capital francesa). Já na sequência, Sofia pede para Thiago tirar uma foto sua à beira do rio Senna, mas o calor a deixa tonta e ela cai no rio. Um momento tenso que dá novos rumos à programação dos dois na cidade. Foi um acontecido bem dramático, que necessitava articular bem os elementos sonoros que dariam o tom adequado ao momento. Desde o texto contextualizando a posição que a coruja deveria permanecer para a foto, até a demora do Thiago fotografar; chegando à parte da queda da Sofia, em que os efeitos sonoros simulando a água do rio são evidenciados, e tudo isso acompanhados de uma trilha sonora tensa, que dá um realismo e um forte envolvimento do ouvinte com a cena.

Em diversos outros momentos dá para se perceber a preocupação técnica em deixar os cenários com bons elementos sonoros capazes de realmente possibilitar a criação dos ambientes propostos pelo programa. Na temporada “Agostinho de Hipona”, “episódio 5”, o som da chuva e de trovões ao fundo das falas dos atores indicam o mau tempo; No “episódio três”, da temporada “Platão”, as sirenes indicam a chegada da polícia em uma situação de assalto, e as pegadas rápidas indicam que o ladrão está fugindo; Na temporada “Nietzsche”, “episódio 2”, os gritos humanos ao

fundo da conversa que Thiago e Sofia têm com o filósofo realçam a ideia de um sanatório; Na temporada “Hipátia”, início do primeiro episódio, a limpeza realizada por Thiago é bem retratada com sons muito claros dele “tirando a poeira” dos móveis; etc.

Sobre essa questão, é importante notar como os elementos sonoros (para além da fala dos personagens) são importantes no entendimento da história. Na entrevista com as crianças participantes deste estudo, comentava-se como terminou o “episódio dois” da temporada “Agostinho”, a Laís respondeu que o filósofo “pediu a chave do banheiro. Mostraram para ele onde era e, no caminho, ele caiu e desmaiou”. Perguntados como eles conseguiram identificar que o filósofo caiu, Lucca respondeu: “O Thiago, quando ele ouviu o barulho, aí ele se levantou e já chamou a Sofia e falou: ‘meu Deus do céu!’”. Novamente perguntado sobre como conseguiu detectar que o filósofo caiu, Lucca responde: “teve o barulho no chão”. Isso mostra como o som do Agostinho caindo no chão foi importante para todo o contexto dramático se completar.

Outro importante ponto louvável ao Intervalo relacionado à utilização de recursos sonoros, é destacado na temporada “Jean Paul-Sartre”. Quando a Sofia cai no Rio, é levada para longe do Thiago e encontra o Pierre, cria-se um novo núcleo dramático (Thiago e Sartre em um local; Sofia e Pierre em outro), ou seja, dois contextos diferentes precisavam ser retratados e desenvolvidos. Para a linguagem radiofônica, é uma tarefa complicada que, se os sons característicos de cada cenário não estiverem claros, pode-se gerar uma confusão muito grande ao ouvinte, que não entenderá as distinções de núcleo. Na referida temporada, única que utiliza o recurso, em nenhum momento têm-se margem para confusão, já que a pós-produção se ateve a delimitar e caracterizar muito bem cada momento da trama em seus respectivos ambientes.

Todos esses exemplos e muitos outros constatados escutando o material, tornam a narrativa mais palatável e estimula a capacidade de abstração. No momento em que se observa as crianças escutando o programa percebe-se, através de reações surpresas e onomatopéias exclamativas que elas respondem de forma muito natural, tornando os recursos sonoros, tão importantes para se contar uma boa história no contexto da produção em áudio, em elementos fundamentais do gênero.

Vale aqui um registro que mostra o quão marcante é toda a estrutura e dinâmica sonoras inerentes à produção (falando, nesse caso, de trilhas sonoras). No primeiro encontro com os estudantes que participaram, uma das crianças fez um comentário

sobre o programa que reforça essa relevância. O Milton Luís, de forma espontânea em um momento, inclusive, que se falava sobre os personagens da atração, fez o seguinte comentário: “Eu ouvi a música, que é quase igual a um filme que eu conheço. O Ratatouille, sabe? Daquele filme lá que eu conheço. Eu assistia, sabe? Quando eu tinha 5 anos. Aí eu parei”. E, nos episódios que haviam sido passados (1 e 2 da temporada “Descartes”), foram utilizadas, em maioria, justamente as trilhas da referida animação recordada e assistida pelo aluno. Ou seja, ficou em sua memória.

Os sons articulados por uma produção em radiodramaturgia precisam marcar e cativar a atenção do ouvinte para que ele tenha suporte suficiente para acompanhar a história proposta e, assim, tenha sustentação mínima para compreender as ideias que o programa pretende passar. Isso em sintonia, evidentemente, com uma interpretação honesta, convincente e dinâmica.

4.1.2 Vozes da emoção

Como já teorizado no primeiro capítulo desta dissertação, além dos elementos sonoros, um bom radiodrama precisa extrair de seus atores uma interpretação que consiga transmitir as emoções de cada situação, evidentemente, através da voz, por se tratar de rádio. O Intervalo Filosófico, além de se preocupar com esse componente, precisava se atentar também ao universo infantil. Para se chamar a atenção de uma criança, tudo precisa ser mais exagerado, caricaturado, intenso etc., mexendo, de fato, com a imaginação daqueles que vão escutar o programa, como é o caso das produções infantis da televisão que serviram de referência para a construção do Intervalo Filosófico no rádio.

E tudo isso é encontrado no intervalo. A Sofia, um animal falante (que por si só já desperta a curiosidade infantil) com sua personalidade um tanto estapafúrdia, tem uma voz aguda, utilizando um vocabulário com palavras doces e o grunhido “ru-ru”, é praticamente uma marca do Intervalo Filosófico, assim como a Emília é para o Sítio do Pica-Pau Amarelo. Todas essas características somadas a uma interpretação muito envolvente e vívida da Raquel Derevecki agregam sucesso à personagem.

O Thiago tem o seu jeito mais reservado, muitas vezes duro, rabugento, mas demonstra muito carinho pela Sofia e interesse por filosofia. Apesar de não ter a mesma desenvoltura que a Derevecki, a interpretação do personagem também se mostra verdadeira, empolgante e convincente. É bem provável que se a interpretação

fosse mais caricata, trazendo mais aspectos particulares do personagem, como no caso da Sofia, ele pudesse gerar mais empatia por parte do público, mas, de modo geral, cumpre bem as funções dramáticas de uma produção do gênero.

No *Filosofês*, a interpretação do Leandro Oliveira se mostra uma locução muito natural, simpática e de credibilidade. O quadro apresenta alguns problemas relacionados à linguagem (que serão abordados mais para frente) que também afetariam a sua forma mais adequada de produção, seguindo o propósito do espaço. Seria uma linha mais ou menos na sugestão para melhoramentos da interpretação do personagem Thiago, ou seja, uma voz mais caricata, com personalidade bem característica. Um personagem, de fato.

Com relação aos filósofos, em grande maioria, conseguiram dar vida aos personagens com características próprias que muitas vezes eram construídas a partir de predicados reais do filósofo contados pela história. Muitos deles são feitos de formas caricatas realçando características de cada personagem.

Dentre as inúmeras cenas, vale destacar uma, na temporada “Agostinho”, episódio 5, pela boa interpretação e toda a estrutura dramática do contexto. Quando o filósofo é atropelado, percebe-se uma sensibilidade muito grande na interpretação da Raquel Derevecki, do Hamilton Menezes (que interpretou o filósofo) e, também, do autor desta dissertação. Frases bem encenadas e muito apropriadas, com o Agostinho demonstrando verdadeira paz no momento difícil, e a Sofia e o Thiago demonstrando o desespero característico de uma situação desse tipo. Junto a isso, o trabalho de edição, com a construção dos cenários em que o carro buzina, freia e bate no filósofo, tudo isso em um ambiente chuvoso, o que naturalmente intensifica ainda mais a cena, sem esquecer de uma trilha musical dramática que acompanhasse todo o clima do momento.

Mas, muito além da interpretação propriamente dita dos “atores”, algo muito visto ao longo dos programas era a concepção de cada personagem em diversos contextos do cotidiano do programa que possibilitam o ouvinte a imaginar detalhes das figuras dramáticas interpretadas. Abaixo, alguns exemplos:

- No “episódio 1” da temporada “Darwin”, primeira do programa, estava se construindo as características de cada personagem, em um certo momento Thiago diz a Sofia: “Nada de ficar lendo esses livros o tempo todo!”. Ou seja, o

ouvinte entende que a Sofia gosta muito de estudar. Uma das características elementares da coruja domesticada.

- No “episódio 1” da temporada “Jean Paul-Sartre”, no momento em que a Sofia cai no rio e ele se desespera, avista uma pessoa para pedir ajuda e diz: “Ei, senhor! Você aí de cachimbo”. O ouvinte “avista” um fumante. Ao responder, Sartre fala com sotaque, mostrando que não é brasileiro.
- No “episódio 1” da temporada “Descartes”, enquanto correm para ver quem está clamando por socorro dentro do buraco, Thiago diz à Sofia: “Acho que tem alguém preso no buraco. É uma mulher!”. E Sofia responde: “Ah não. É um homem. Só que bem cabeludo. Olha lá o bigodinho!”. Dando uma característica real do filósofo que, pelo menos nas pinturas que o retratam, aparece sempre cabeludo. Ao falar com Thiago e Sofia, Descartes também fala com sotaque.
- No “episódio 1” da temporada “Platão”, Sofia diz a Thiago na academia de ginástica se referindo a Platão: “Olha lá aquele velhinho que tá entrando. Que engraçado, parece que ele tem uns dois mil anos!”. Thiago responde: “E com essa roupa, está parecendo que ele veio da Grécia antiga”. Mais para frente, Sofia comenta: “A história dizia que Platão era barburdo, tinha ombros largos, entendia de matemática, poesia e filosofia”.
- No “episódio 2”, quando Thiago e Sofia foram apresentados a Nietzsche, o filósofo, no contexto em que se encontrava de insanidade, demonstrava marcas claras de transtorno e comportamento infantilizado. Uma característica presente em toda a temporada.

Também é relevante destacar alguns problemas que foram constatados nesse aspecto:

- Na temporada “Agostinho”, Thiago, Sofia e o próprio personagem o taxarem de velho, mas sua voz aparenta ser jovem. Cria-se uma incoerência.
- Na temporada “Freud” não se encontram marcas físicas que melhor detalhassem o filósofo, nem sugeridas por Thiago e Sofia, nem comentadas pelo personagem.

Mas essas são exceções pontuais, que fogem à rotina percebida no programa. É importante ponderar também que fica bastante evidente que a partir da temporada “Platão”, considerando questões de ordem técnica relacionadas à pós-produção do programa e também no texto e no roteiro, têm-se uma diminuição de elaboração. Fica

nítido que o processo foi simplificado, sem grandes efeitos sonoros ou histórias muito complexas, como aconteceu principalmente nas cinco primeiras temporadas. Isso ocorreu, pois a equipe de produção chegou em um ponto em que não conseguia se dedicar a outras demandas da rádio, pois o intervalo consumia muito tempo, principalmente de concepção de roteiro e texto, e na pós-produção. Apesar de não ter representado perda de qualidade, passou a surpreender menos os ouvintes.

De modo geral, no que tange à sua proposta, construção narrativa, características de formato, plástica, produção e pós-produção, o projeto foi bem-sucedido. Isso se esclarecia quando, no momento em que as crianças que participaram deste estudo ouviam os episódios, percebia-se o interesse, envolvimento e satisfação em ouvir a atração. Nessas ocasiões, dispersões pontuais eram observadas. E, em diferentes momentos, olhos encantados se revelavam. Consani observa que o Intervalo é

um produto criativo, um produto original, está uma proposta interessante, está bem executado. Assim, mesmo você não sendo um radioator, você cumpre bem o papel que faz. Acho que a proposta se sustenta enquanto produção. É uma produção bem-acabada, profissional (Entrevista disponível no **Anexo 2**).

Mas somente esses fatores não são suficientes para se concluir a proposta desta dissertação que é a de verificar se é possível utilizar o Intervalo Filosófico com propósito de ensinar filosofia a crianças. Para tanto, é necessário analisar a forma como as ideias filosóficas são abordadas e se efetivamente são interpretadas pelo público. Por isso, o próximo tópico vai se delongar em analisar o conteúdo e as formas como o Intervalo Filosófico utilizou para abordá-los dentro do contexto das temporadas.

4.2 Linguagem filosófica

A ideia de falar de filosofia para crianças de uma forma simples e acessível talvez seja a principal bandeira do programa. Na época em que foi produzido, a equipe se desdobrava na tentativa de se alcançar esse objetivo, mas, como era um experimento que, como já citado, não tinha, através da transmissão da rádio online, um contato com o público que propunha. Sem falar também das dificuldades naturais de leigos tentarem compreender conceitos para então desmitificá-los, e, a partir disso, construir um roteiro dramático abordando todos os conceitos de forma simples. Por si

só, era uma tarefa extremamente ambiciosa que, principalmente no que se refere às formas de abordagem, pecou bastante, mas também revela caminhos exitosos.

Para que possamos trabalhar de forma mais organizada todos os conceitos, vamos dividir essa análise em dois aspectos: *técnicos* e de *abordagem*, se delongando mais no segundo, pois parte do primeiro foi amplamente desenvolvida no tópico anterior.

4.2.1 Aspectos técnicos

Um dos princípios básicos para a produção radiofônica é evitar os ruídos na comunicação. Normalmente, a pessoa tem uma única oportunidade para ouvir a informação e, por isso, é necessário ser o mais assertivo possível. Existem alguns aspectos que se revelaram um tanto problemáticos para que o Intervalo alcançasse de fato mais clareza em seus episódios.

O primeiro problema se revela nos dois episódios que se passam em Paris, onde os filósofos e outros personagens locais que eventualmente fizessem alguma participação no programa, falavam o português, puxando o sotaque francês. A ideia de imprimir veracidade ao contexto não foi positiva se considerarmos a importância do fácil entendimento como princípio do programa. Ou seja, principalmente na temporada “Descartes”, várias frases e palavras ficaram difíceis de serem compreendidas.

A questão foi evidenciada quando o filósofo começou a falar, no “episódio 1” (momento em que Thiago e Sofia o encontram no buraco após gritar por socorro), que, quase como uma reação imediata, a Giovana, uma das crianças participantes da entrevista, disparou um “eu não estou entendendo nada”, arrancando concordâncias dos colegas que também escutavam o programa. A partir de então, era possível perceber na sala algumas expressões faciais se esforçando para conseguir, por vezes inutilmente, compreender determinadas palavras, dentre as quais, podemos destacar “filósofo”, “jesuíta”, “ideais”, “herege”, “Copérnico”, além de outras em francês mesmo como “*Mlle*” (senhorita) e “*oui*” (sim).

Questões como essa podem comprometer o entendimento de todo o programa, por um detalhe que faz uma grande diferença, principalmente quando a proposta é tornar um saber acessível, no caso, a filosofia.

O outro ruído que precisa ser abordado é a questão do ritmo das falas. Por vezes são muito rápidas, fazendo com que vários pontos importantes não sejam compreendidos calmamente, por serem abordados de forma muito acelerada, causando até distorção de algumas palavras.

Essa questão é derivada de um problema que roteirista e redator sempre tinham dificuldade de lidar: fechar o programa com os seis minutos determinados pela emissora. Era um grande desafio, aliás, poucos episódios conseguiram alcançar a meta. Nesse sentido, as temporadas a partir da sexta foram as que mais conseguiram se adequar ao tempo. Com os textos grandes, era pressionado para que os atores também falassem mais rápido, o que certamente contribuiu para geração desse ruído que, em um projeto visando maximizar o entendimento, deve ser muito ponderado.

4.2.2 Aspectos de abordagem

Ao ouvir todos os 44 episódios do Intervalo Filosófico, percebe-se que o programa encontrou dois caminhos para abordar os assuntos que envolviam os filósofos: a história do pensador, contando raízes, contextos históricos e curiosidades; e explicar os pensamentos dos nomes apresentados. De modo geral, todos os programas tentam abordar esses dois aspectos, mas uns se inclinam mais para a história, e outros se concentram mais em abordar os pensamentos.

Na entrevista com as crianças, perguntadas sobre a história do Agostinho que haviam acabado de escutar, observa-se as seguintes respostas:

Giovana – “Ele falou que quando ele era adolescente ele saiu de casa, e ficou na rua”.
Laís – “Ele contou que tinha uma mãe que era católica e um pai que era ateu. Ele amava os dois, e sobre a religião ele não sabia qual escolher. Ficava em cima do muro. Aí ele saiu de casa, porque naquela época ele só queria curtir a vida. Como era tradição, e a família dele inteira era católica, não tenho certeza, ele fugiu. Ficou na casa de uma mulher, teve um filho e tal. Aí não lembro mais”.

Quando foi perguntado o que significava a palavra “teísmo”, abordada no “Filosofês”, que em todos os episódios têm um caráter de explicar conceitos, ninguém se manifestou. Ou seja, a abordagem através das histórias dos personagens era muito melhor interpretada e compreendida pelas crianças do que em casos de explicações de conceitos. Em todas as temporadas é possível perceber um grande esforço para tornar os conceitos mais “palatáveis”, mas, por vezes, as linhas de raciocínio e as

palavras muito distantes do vocabulário infantil tornavam a explicação de inúmeras ideias fracassadas.

Outro exemplo que demonstra bem o problema está na temporada “Hipátia”, que tem um caráter que explora mais a história da filósofa, falando das suas áreas de estudo, mas sem entrar em muitos detalhes sobre os seus pensamentos. Especificamente falando da história da filósofa, as crianças opinaram sobre quem era Hipátia, após ouvirem os episódios:

José – “Ela era matemática, filósofa e entendia de estrelas. Ele era do Egito, depois foi para a Grécia. Aí eu esqueci”.

João Artur – “Ela era formada em matemática quase formada em filosofia”.

Roberto – “Ela era formada em coisas de matemática. Ela falava essas coisas de estrela, era filosófica”.

Lucca – “Ela era filósofa, astrônoma e matemática”.

Pouco tempo depois quando foram perguntados sobre o que significava a palavra “ideia”, falada no Filósofês da mesma temporada, ninguém sabia explicar. A abordagem dada pelo quadro acaba complicando mais o conceito do que o explicando. Aqui vale contar outra reação do momento em que o programa estava sendo apresentado. Após uma explicação cheia de termos e linhas de raciocínio muito difíceis de se compreender (até mesmo para um adulto), o apresentador do quadro questiona dentro do programa: “Deu para entender?”. Nesse momento a Sara respondeu a indagação com um “não!” audível. Abaixo, algumas observações pontuais observadas em outros episódios de diferentes temporadas com problemas de entendimento ao abordarem os conceitos dos filósofos:

- No “episódio 1” da temporada “Darwin”, o cientista fala sobre suas pesquisas utilizando, sem explicar, termos como “evolução a partir de um ancestral comum, por meio de seleção natural”.
- No “episódio 5” da temporada “Platão”, o filósofo explica a divisão da mente em “razão, espírito e apetite” de forma cansativa, sem esclarecer e utilizando um vocabulário complexo. Platão: “Segundo um estudo que eu fiz, a nossa mente é dividida em razão, espírito e apetite. Sendo que o apetite é o desejo por coisas físicas, todos nós precisamos saciar esse apetite para ter uma mente equilibrada”. Sofia: “Mas o apetite não é o que distorce a noção da realidade?”. Platão: “Nosso cérebro é um constante conflito entre razão e apetite. A razão é

a que deve sempre controlar as nossas decisões, mas isso não quer dizer que a gente deve viver afastado do mundo exterior...”. As frases são construções complexas, difíceis de serem entendidas.

- No “episódio 5” da temporada “Descartes”, o conceito de “razão” não é explicado de forma simplificada e clara em nenhum momento da temporada, o que torna uma linha de raciocínio nesse episódio, mesmo que bem articulada, impossível de ser entendida, já que o ouvinte não conseguirá compreender se não souber o que é razão (da mesma forma a “emoção”). Esse é um diálogo em que Pierre argumenta que as ideias de Descartes estão desatualizadas: Pierre: “O Senhor errou quando disse que a razão é a única fonte de conhecimento confiável. Hoje em dia foi provado que as emoções produzem conhecimentos que nem a razão consegue explicar”. Descartes: “O que? Emoção acima da razão? Isso é coisa de leigo. Eu não discuto com coruja. Me poupe!”. Pierre: “Não sou eu quem digo, mas a psicologia, uma ciência que veio depois do senhor. Freud explica que o comportamento humano é a chave para muitos questionamentos da filosofia. O senhor me desculpe, seu Descartes. Eu respeito o senhor. E acredito que o senhor contribuiu muito para o pensamento humano, mas esse conceito em específico está desatualizado, totalmente por fora!”.
- No “episódio 2” da temporada “Berkeley”, o empirismo é explicado pelo filósofo de forma muito complexa e teórica. Berkeley: “...eu digo que não existe nada além da experiência. Tudo que imaginamos, pensamos ou temos ideia, são, na verdade, cópias mentais daquilo que experimentamos através dos sentidos”.
- No “episódio 2” da temporada “Descartes”, em conversa com Sofia, Agostinho continua contando a sua história quando, em dado momento, menciona as ideias de Platão como sendo as que mais lhe inspiraram: Agostinho: “Platão era o meu pensador preferido. Influenciou bastante nos meus primeiros escritos”. Sofia: “Que legal! E achou as respostas que você queria? Filosofia é demais, né?! Fala sério!”. Agostinho: “Sinceramente, não achei as respostas que eu precisava na filosofia. Eu ainda era bastante ligado aos conselhos da minha mãe, sabe?! Eu sabia no fundo que precisava de Deus na minha vida, mas os filósofos gregos não diziam muita coisa sobre isso”. A menção à Platão fica um tanto descontextualizada, pois não explica quem é esse pensador.

Aliás, nenhuma temporada anterior aborda as ideias de Platão (que seria a temporada posterior), que é um pensador bem anterior. Situação detectada também em outros programas (problema de sequência de pensamento), que é uma questão fundamental para o entendimento de conceitos que surgiram bebendo de pensamentos anteriores. A sequência de temporadas do Intervalo Filosófico não segue uma cronologia de correntes, o que é bem prejudicial para articular ideias e progredir em conceitos que evoluíram ao longo de milênios.

Poderíamos listar vários outros momentos em que, quando os personagens começam a explicar conceitos através de diálogos, por mais que o texto tenha sido muito simplificado para abordar a ideia, ainda assim não consegue se despir de frases com linhas de raciocínio difíceis e utilização de palavras e conceitos desconhecidos. Como já exemplificado nos parágrafos anteriores, no que tange à história, as crianças conseguiram compreender, mas, quando se trata das teorias, a forma amplamente abordada no Intervalo filosófico, presente em diálogos que tentam explicar esses conceitos, se mostra um tanto ineficiente e problemático. Consani comenta os motivos que tornam a abordagem histórica mais eficiente do que a conceitual.

Em Santo Agostinho há o problema do mal. É aquela história: como que um Deus infinitamente bom criou o mundo, criou o homem, como Ele permite a existência do mal? Aquela coisa que depois eles vão buscar justificativas no livro de Jó, enfim. Mas assim, isso é muito difícil de você contextualizar para uma criança nessa faixa etária. Porque? Porque ou ela teve uma educação religiosa, e você vai confrontar ela com as contradições da doutrina ou ela não teve uma educação religiosa e não vai ver muito sentido nesse tipo de discussão. Ela vai mais uma vez estar frente a conceitos abstratos... capacidade cognitiva de processar isso. Então o que eu estou dizendo em outras palavras, o jeito de você apresentar a filosofia para essa faixa etária, é contando sobre os filósofos e envolvendo a narrativa de vida dos filósofos. Você está dando o contexto histórico, você está mostrando que houve outros períodos históricos, outros lugares, onde surgiram os conceitos filosóficos, os pensamentos filosóficos, você está mostrando que existe um interesse perene na história pela filosofia e suas questões. Você está trazendo isso para um universo que a criança entende, um lugar de narrativa. Por isso que eu digo que não vejo problema. Eu, particularmente [...]. E, assim, para essa faixa que você se propõe a trabalhar é muito precoce você entrar no conceito. Então a introdução da filosofia se faz normalmente pela história da filosofia mesmo (Entrevista disponível no **Anexo 2**).

E são exatamente essas histórias que podem inspirar as crianças abrirem espaços para novos saberes, sendo desafiados a pensar diferente. Na verdade, mais do que isso, são motivadas a buscarem diferentes entendimentos sobre as coisas da

vida, assim como tantos nomes fizeram ao longo da história. Nesse sentido, na entrevista com as crianças, foi questionado quais lições haviam aprendido sobre Hipátia. As respostas abaixo foram extraídas:

Milton – “Ter sabedoria. Não desrespeitar os outros”.

Giovana – “A gente aprende que deve estudar bastante, para a gente ter sabedoria”.

Sara – “Que a gente tem que aprender um monte de coisa, porque a sabedoria lá no futuro você pode até precisar”.

A conscientização de que é importante adquirir e produzir conhecimento é o que deve ser fomentado a crianças nessa etapa da vida em que o ser humano está em processo constante de formação. Outro exemplo, também da temporada “Agostinho”, pode ser encontrado no “episódio 1”. O filósofo conta diferentes fatos da sua história de forma inspiradora, já que superou uma série de obstáculos para chegar ao panteão do saber no pensamento ocidental.

Trabalhar esses conceitos pode significar um futuro com cidadãos mais interessados e conscientes do poder que as ideias, que a participação social, que as discussões em prol de uma sociedade mais justa, que a curiosidade em buscar, descobrir, investigar etc. podem revolucionar estruturas sociais, assim como ocorreu com as ideias de tantos na história.

E foi partindo desse conceito de fazer da história e do relato histórico dos filósofos pano de fundo para se falar de filosofia que é possível destacar no Intervalo Filosófico exemplos de abordagem de alguns conceitos em determinadas temporadas e episódios de forma natural, sem a necessidade dos diálogos explicativos que acabam complicando o entendimento das ideias. São exemplos práticos das teorias sendo explicadas através do desenrolar dos contextos e das cenas do programa, ou seja, a própria história do episódio (o roteiro), trazendo elementos que abordam de forma simples e prática tais conceitos. Abaixo, alguns exemplos:

- A temporada de “Freud” teve um roteiro que incrementou nele mesmo a explicação da psicanálise. O sonho que estava incomodando Sofia fora causado por um fato na sua infância que gerou um sentimento de culpa. Os episódios se desdobram entre as consultas com o filósofo e os sintomas apresentados pela coruja, ou seja, a história em que o programa se passou foi,

por si, responsável por falar sobre psicanálise sem a utilização de conceitos complexos.

- Na temporada “Platão”, “episódio 3”, Thiago, Sofia e o filósofo sofrem um assalto na academia de ginástica. Mesmo correndo perigo, Platão tenta convencê-lo de que ele deve entrar para o mundo das ideias, pois “só a verdade liberta e isso a gente consegue com a educação. Seu ladrão, eu posso conseguir uma vaga para você lá na academia. A de filosofia, claro!”. Mais um exemplo de que a história por si só é capaz de aludir de forma eficiente e simples o famoso Mito da Caverna.
- No último episódio da temporada “Agostinho”, a cena da morte talvez seja um pouco inadequada para o universo infantil e, na história, tenha sido realizada de forma forte e um tanto traumática. Mas o simbolismo dela, dentro da filosofia de Agostinho foi muito articulado, pois ele estava doente, se recuperou e acabou morrendo atropelado, de uma forma inesperada, dando um sentido claro à frase “o que é a morte se não parte da vida?”. O diálogo entre Sofia e o filósofo se mostra profundo. Agostinho: “Ai, a morte... o que ela e se não parte da vida?”. Sofia: “Não. Não fala isso... você é cheio energia. Você vai viver muito ainda! Fala comigo, Agostinho. Não morre. Não morre. Fala comigo!”. Agostinho: “Não chores por mim, minha querida, pois a morte não é o fim é só o começo da minha jornada!”. Sofia: “Ai, para com isso, Agostinho! Eu sei que você é a favor da imortalidade da alma, que o espírito continua vivendo depois que a alma abandona o corpo, mas não é hora de ficar falando nisso. Por favor, fica com a gente só dessa vez, por favor?!”. Agostinho: “Minha missão aqui nesta Terra já está cumprida. Agora chegou minha hora de cumprir os propósitos de Deus, receber a minha recompensa. Adeus, Sofia! Foi muito bom conversar com você! Fica com Deus”. Sofia: “Também foi bom conhecer o senhor, mas, por favor, tenta continuar com a gente, só mais um pouquinho, pelo bem da ciência!”. Agostinho: “Estou... percebendo... que chegou... a minha hora. Adeus!”. A questão da morte explorada de forma natural fluindo dentro do contexto da história/roteiro do Intervalo Filosófico da semana.

Com essa abordagem de fazer da história um pano de fundo para trabalho prático de conceitos mais simples que tenham a possibilidade de serem abordados como parte natural do roteiro do programa. Partindo desse princípio e também da ideia

já utilizada pelo Intervalo Filosófico de trabalhar uma abordagem mais histórica em seus episódios, evitando densificar abordagens, pois é necessária uma intenção realmente introdutória, o que se adequa mais a realidade no que diz respeito à repertório, do público, levando-se em consideração que, na maioria das vezes, será o primeiro contato da criança com esse universo.

Em sua concepção original, o Intervalo Filosófico propunha conversar com um público de 8 a 11 anos, mas:

Existe um problema nas crianças com 8 a 11 anos, que é assim: elas até podem ter acesso à mídia radiofônica. Eles podem escutar coisas no celular. Eles podem ter o hábito de escuta mudado por relações familiares, porque o pai e a mãe escuta, porque tem um avô que tem rádio. Mas de um modo geral, nessa idade, as crianças acabam, assim, em termos de objeto de aprendizagem funcionam melhor, ainda, os conteúdos audiovisuais, as animações [...]. Dos anos 70, diria que dos anos 60 para cá, você tem uma hegemonia do audiovisual. Então é muito difícil você introduzir um universo narrativo, uma proposta, personagens, contexto, histórias. É difícil você introduzir pela mídia radiofônica, mídia rádio. Então, normalmente o que acontece é o inverso. Por isso que eu digo, isso funciona melhor quanto mais velho é o seu público. Nessa faixa etária, uma criança de 7 para 8 anos não tem muita diferença cognitiva. Uma criança de 8 para 10, é como se fosse uma geração. Gerações infantis a cada dois, três anos elas mudam. A criança olha para trás e pensa, “como é que eu gostava disso?”. Ela gostava disso há dois anos atrás. Ela já não se reconhece porque as transformações são muito rápidas. Entendeu? Então, assim, do ponto de vista pedagógico seria recomendável que você pensasse em um público mais maduro, para você introduzir os personagens a partir da linguagem radiofônica (Entrevista disponível no **Anexo 2**).

E esse certamente é outro problema do programa. As crianças que participaram da entrevista tinham entre 9 e 11 anos, uma faixa que representa a média de idade do público que o programa pretendia conversar quando foi produzido (de 8 a 11 anos), apesar do Intervalo, como analisado no tópico anterior, o produto tecnicamente tenha se apresentado interessante aos estudantes, ao término da entrevista, quando perguntados sobre onde eles gostariam de acompanhar o intervalo a Sara respondeu: “Na sala”. Se referindo à sala de casa. O entrevistador, não satisfeito, instigou; “mas aonde vai sair o som, do computador? Do rádio? Onde vocês queriam?”. Prontamente, ela respondeu: “da televisão!”, acompanhada com de outros colegas em gritos dispersos sinalizando concordância com a colega. Para concluir esse momento, o mediador fez a última pergunta: “Porquê da televisão? Você queria ver?”. De diversas verbalizações simultâneas, uma enxurrada de “por causa da imagem!”, mostrando

que, de fato, a ideia da linguagem radiofônica causa uma certa reticência aos que fazem parte dessa faixa de idade.

4.3 Linguagem educativa

Como abordado no tópico *Aprendizagem e Desenvolvimento segundo Vigotzkii* no segundo capítulo desta dissertação, “o único bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento”, ou seja, é o ensino que trabalha para além do chamado “desenvolvimento efetivo” da criança estimulado a aprendizagem na área de “desenvolvimento potencial” que seria uma região da diferença entre o tanto que ela pode se desenvolver sendo auxiliada por um adulto e quanto ela já sabe.

Adequando-se à realidade do Intervalo Filosófico, considerando que a criança entre os 8 e 11 anos tenha familiaridade com a linguagem narrativa (já passou pela alfabetização, trabalha com produção textual, leitura de livros de literatura infantil, materiais em audiovisual etc.) podemos pressupor que, seguindo a condição do Intervalo Filosófico como uma radiodramaturgia, narrativa adequada ao contexto do rádio, ela, com sua função primária de contar uma história, com início, meio e fim, agregando personagens, conflitos, clímax, e desfecho, podemos então afirmar que esse tipo de linguagem já é inerente ao desenvolvimento efetivo da criança.

Como exemplo, podemos citar algumas respostas dadas pelas crianças que participaram deste estudo quando indagadas sobre questões que envolvem a construção da narrativa do programa. Quando o entrevistador questionou quem eram os personagens do Intervalo na Temporada Descartes, obteve as seguintes respostas:

José Augusto – “É a coruja, aí tem mais dois que eu não sei. Aquele lá que falou que a Terra era redonda, e tem os amigos da coruja”.

Maria Júlia – “A Sofia, que era a coruja; O Thiago, amigo da coruja; [...] Descartes, que é o que cai no buraco”.

Lucca Matheus – “Aquele lá que estava correndo atrás do... Descartes. Ah, eu esqueci o nome [...] Condutor do trem”.

Essas e várias outras respostas relatadas sugerem que eles têm sim esclarecido conceitos básicos de uma narrativa, portanto essa ideia já faz parte do desenvolvimento efetivo. Ou seja, se não for estimulado que, a partir dessa fase já conquistada, a criança venha a expandir horizontes mais desafiadores, o estudante

ficará estacionado em seu desenvolvimento. Para que seja explorada a “área de desenvolvimento potencial” é importante que se considere os saberes já conquistados, mas também que, a partir deles, a criança possa, sob orientação de um adulto (nesse caso o professor), ser alçada a potencializar novas aprendizagens que vão colaborar com o seu desenvolvimento.

Ora, se a linguagem narrativa já é um saber conhecido à criança, você utilizar essa área conquistada para introduzir uma nova aprendizagem através da filosofia, um campo de estudo até então desconhecido ao estudante, é, supostamente, alçar o estudante a um desbravamento pelo território de desenvolvimento potencial, onde poderá, no caso, através do Intervalo Filosófico, desenvolver-se como indivíduo por meio desse novo saber.

A lógica aparenta estar correta, mas um detalhe é muito importante ponderar: expor o aluno ao programa e esperar que o projeto em si, ou seja, passar apenas aquele produto para estudante, seja suficientemente capacitado a mediar os saberes ali abordados é um engano que, evidentemente, vai contra essa linha vygotskiana, que deixa claro que o trabalho utilizando esses pressupostos só será efetivo quando o educando for adequadamente orientado.

Vamos supor que estamos em uma sala de aula e o professor apresente um episódio do Intervalo Filosófico e, ao terminar, encerra a aula, ou dá sequência ao período falando sobre outro assunto que nada tem a ver com as abordagens do programa. Certamente os alunos tiveram dúvidas, pensaram em possibilidades, reconstruíram ideias, mas, se esses estímulos provocados pela produção não forem exteriorizados, debatidos, esclarecidos e desafiados para que sejam expandidos, de nada valerão, pois a aprendizagem é construída de forma social e acompanhada por alguém que está em um nível de desenvolvimento mais avançado (o adulto, nesse caso o professor) para que, a partir dos questionamentos abordados pelos alunos em consequência desse novo campo do saber sendo explorado no programa, ele interfira e auxilie os alunos para que, agora sim, comecem a explorar de forma verdadeiramente efetiva a área do desenvolvimento potencial da criança.

Um exemplo dos inúmeros e importantes questionamentos que surgem a partir da escuta do programa ocorreu na entrevista com as crianças deste estudo na temporada “Agostinho”. Por vezes, Thiago e Sofia se referem ao filósofo como “santo”. Pouco tempo após começar a dinâmica posterior à escuta do programa, o Roberto

questionou ao entrevistador: “Ele é santo mesmo?”. Demonstrando que uma gama enorme de questões surgirá por parte das crianças para esclarecerem e explorarem o novo saber apresentado. Isso só é possível se ocorrer de forma mediada pelo professor.

4.4 Intervalo Filosófico na escola

Então, diante essas constatações, qual seria a melhor forma de levar o intervalo filosófico ao contexto escolar. Tal iniciativa é, de fato, possível? Manter a ideia inicial do projeto, de transmitir um programa desse tipo em uma rádio online ou aberta se demonstra ineficiente por dois claros motivos: de forma geral, criança não ouve rádio; e seria muito difícil o professor conciliar horários para ter acesso a esse material.

Portanto, dois caminhos se mostram possíveis de trabalho com o programa em sala de aula: o primeiro é disponibilizar os arquivos em plataforma digital, para que o professor acesse, baixe, ouça os conteúdos e, colocando o programa como base de um possível projeto, planeje todas as aulas em que os materiais serão utilizados, reiterando que o programa deve figurar, dentro do projeto, como uma das ferramentas e não a única.

A outra possibilidade, mais complexa e que requer mais frentes de trabalho por parte da produção do programa, propõe elaborar um conteúdo completo, que tenha nos áudios como uma das frentes de trabalho para tornar viável a utilização do material em contexto escolar. Nesse sentido, Consani complementa:

Você enquanto produtor. Você enquanto protagonista da proposta, você oferecer um conjunto de livro apostilado, história em quadrinhos, vídeo, link na internet, seja lá o que for, um conjunto de mídias, um conjunto de estratégias midiáticas que elas reforcem a produção que você fez em áudio. Você oferece o pacote todo para o educador que vai discutir filosofia na escola. Entendeu? Ou você parte da iniciativa da criança, muito raro muito difícil. Tem que ter um esforço grande, uma cultura familiar grande. Ou você parte do esforço individual de um professor. Que aí também você não funciona em todos os contextos ou você assume que está trabalhando um produto midiático educativo voltado para o ensino da filosofia, e você oferece as plataformas de apoio para potencializar o seu objeto de aprendizagem em formato de programa de rádio (Entrevista disponível no **Anexo 2**).

Sozinho, o Intervalo Filosófico com propósito de ensino se mostra um material incompleto. Para sua efetividade no contexto da aprendizagem é necessária a utilização de outras ferramentas complementares para que o aluno tenha uma

experiência adequada, mediada pelo professor, fazendo assim com que efetivamente o seu desenvolvimento seja desafiado através da aprendizagem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Estamos voltando”

Muitos podem não saber, mas este estudo começou na prática em 2010, quando o primeiro *Intervalo Filosófico* foi ao ar, ainda em formato de spot-informativo, jamais imaginamos que chegaria à uma dissertação de mestrado. Tudo era experimental. Ninguém da equipe sabia de filosofia. Ninguém sabia de radiodramaturgia.

Mas, a cada temporada gravada, os atores saíam do estúdio conhecendo mais um pouco sobre determinado assunto. A cada episódio editado, a sensação de dever cumprido era renovada. O retorno do público é algo que certamente motiva, mas, mesmo sem ter essa percepção, tudo naquele projeto era satisfatório.

É possível que parte desse sentimento fosse alimentado pela certeza de que aquele era um produto original. E isso motivou a equipe a continuar e sempre melhorar, mesmo sem saber se realmente estava avançando ou regredindo. Não havia parâmetros! A crença era a de que, do jeito que se produzia, era a forma mais mágica e perfeita que a história registraria sobre um produto divertido, para crianças, falando de filosofia e no rádio. Feito digno de ganhar verbete no Wikipédia! Não chega a ser um orgulho assoberbado e maléfico, mas existia sim uma soberba de, de certo modo, “tirar leite de pedra”. Quando veio o prêmio, então, parecia um Oscar para o “melhor programa de rádio filosofia para crianças do mundo”. Mas nenhuma criança ouvia.

A verdade é a de que, para chegarmos até as pessoas precisamos nos reinventar. E, ironicamente, esse era o único sentimento que não nutríamos. No *Mito da caverna*, Platão mostra a importância de sairmos da condição de escuridão para explorarmos a luz da verdade, do saber. Trazendo essa alegoria à realidade do Intervalo, de alguma forma precisávamos fazer com que todo aquele esforço se convertesse em luz. Gostávamos das trevas e nos agarrávamos às pequenas frestas de claridade para fingir que tudo seguia coerentemente.

Após muito tempo, influenciado por amigos que jogaram potentes “refletores” em nossas percepções, fomos capazes de nos questionar: por qual motivo o intervalo não saiu daqui? Como posso fazer para que ele realmente ilumine as pessoas? É exatamente nesses momentos que as oportunidades surgem clareando e

esclarecendo as nossas vidas. Iria finalmente me dedicar (com um grande apoio da Sofia, que sempre me incentivou a estudar) para tentar encontrar essas respostas.

Para tanto, o Intervalo Filosófico foi avaliado em três frentes: linguagem radiofônica, linguagem filosófica e linguagem educativa. Na primeira foi observado como um produto de comunicação, apresentando histórias fluentes, atrações cativantes, os cenários sonoros construídos de forma criativa e coerente, certamente é uma das questões que precisam ser mantidas para uma efetividade do projeto que, pasmem, foi ouvida pela primeira vez por um grupo maior de crianças para este estudo. Como amplamente abordado na análise, as reações foram surpreendentes.

Esse ponto garantido da produção precisa ser mantido e aprimorado, para que a dinâmica alcançada seja um atrativo aos ouvidos infantis. É exatamente esse conjunto de fatores que deve ser o chamariz para a atração. São eles que provocam as primeiras sensações quando a gente ouve e acompanha qualquer atração.

No que se refere ao tópico Linguagem Filosófica, que trata dos conteúdos explanados e a abordagem da filosofia dentro do programa, o que se mostra extremamente eficiente é partir do princípio de contar a história do filósofo, e não ficar em uma tentativa, muitas vezes inútil, de abordar conceitos que não têm muita adequação ao contexto radiofônico, nem à faixa etária que devemos conversar, pois as crianças estão sendo apenas iniciadas ao universo da filosofia.

Isso se evidenciou ao constatar que os episódios que mais se arrastam, são os que insistem em apresentar expressões difíceis e conceitos um tanto confusos. Junto a isso, o quadro Filosofês também precisa ser reformatado, levando-se em consideração todas essas ponderações aqui registradas.

Na verdade, é necessário falar como surgiu o pensamento; de onde vieram os grandes pensadores do mundo; quais mudanças e impactos causaram em seu contexto; quais desafios enfrentaram para pensar; incontáveis descobertas feitas, mesmo em períodos onde as “trevas” dominavam a sociedade. São esses conceitos que precisam ser trabalhados, e justamente essas histórias favorecem a construção da narrativa do Intervalo, que não passa de uma história. Qual criança (ou adulto, sejamos honestos) não gosta de ouvir uma boa história?

Muito além disso é poder inspirar os pequenos com o estímulo de que, assim como muitos fizeram e marcaram a história, ainda existe espaço para pensar diferente

e ir além. Mas, para tanto, precisam ser desafiados, estimulados, estar sempre dispostos a se exporem à “luz”.

Por fim, a aprendizagem dá-se na área de desenvolvimento potencial da criança, tão lembrada durante a trajetória do nosso estudo. Um produto com características de narrativa se trabalhado como acompanhamento do professor e da escola torna possível levar o Intervalo Filosófico para o contexto escolar, a alunos com idade entre 11 e 13 anos (que, como, argumentado, é o momento mais apropriado para se trabalhar a linguagem radiofônica com a criança/pré-adolescente).

Para chegar à escola, o programa não pode ser oferecido em uma transmissão de rádio, pois é forma menos eficiente de se chegar ao professor e, conseqüentemente, à criança. O mais adequado é estabelecer um projeto multidisciplinar, com uma dinâmica de funcionamento na qual o Intervalo seja apresentado, mostrando a história do filósofo em questão, e abordando os principais fatos e feitos de suas vidas.

Em outro momento, utilizando o auxílio de apostilas (previamente concebidas, pedagógica e metodologicamente ajustadas), propostas de debates, feiras, ou apresentações artísticas, o tema é expandido, possibilitando troca e alargamento de ideias. E, claro, a grande mascote do projeto seria a Sofia, dando suas dicas filosóficas a todos os estudantes. Tudo esmiuçado e bem planejado, sempre em contato e articulação com a escola e o professor, para que assim finalmente o Intervalo Filosófico venha a ter um sentido possível e praticável, chegando então ao contexto escolar. Inclusive, não seria nada mau associar, dentro dessa programação, “Intervalo Filosófico” a alguma programação do projeto que ocorra... no intervalo! Diferentes ideias que, juntas à linguagem radiofônica introdutória do áudio, farão do intervalo um programa muito especial.

Desde o início deste estudo, algumas hipóteses trabalhadas sinalizavam que provavelmente o Intervalo não tivesse o fôlego de utilização com um propósito realmente educativo. Na verdade, muitas delas estavam corretas em suas negativas, mas me senti novamente desafiado a encontrar possibilidades de torná-lo possível.

Este é um projeto que, por anos, representou muita satisfação em nossas vidas. Àquela época era uma alegria por nos sentir seres mais completos, expandir horizontes do saber, conhecer inúmeros filósofos, viver aventuras por todo o mundo, fazendo algo que adorávamos (e adoramos), que é trabalhar com linguagem

radiofônica. Mas, infelizmente, notamos agora que era uma satisfação cômoda, limitada, que não se expandia. A nossa maior descoberta é a de saber que hoje nos rendemos, de fato, ao mundo das ideias, e só agora fomos capazes de compreender os motivos pelos quais o Intervalo entrou em nossas vidas.

Poder participar deste processo de descobertas de diferentes possibilidades para o Intervalo é certamente muito mais prazeroso. Os estudos, as leituras, as orientações e as constatações nos mostraram que este material poderia ser expandido e que a filosofia só faz sentido quando passa a arrebanhar gente nova. Essa “gente nova” está na escola. Então é para lá que o Intervalo Filosófico precisa ir! Como diria Platão, “podemos facilmente perdoar uma criança que tem medo do escuro; a real tragédia da vida é quando os homens têm medo da luz”. Então, Sofia, vem comigo que, definitivamente, eu não quero ser este homem! “Ru-ru” (risos)!

Thiago

6. REFERÊNCIAS

ADAMI, A. **O rádio com sotaque paulista**: pauliceia radiofônica. São Paulo: Mérito, 2014.

_____. La literatura en la radio: Los paisajes sonoros en la era de la sonosfera. In: CILEC, XV. **Anais do Congresso**. Barcelona, 2014.

_____. Comunicación y sociedade brasileira: radio y cultura em debate. **Historia y Comunicación Social**, v. 17, n. esp., p. 503-514, 2013. Disponível em: <http://bit.ly/2Ib6Rd2>.

AFANASIEV, V. **Fundamentos de filosofia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

AGUIAR, R. C. **Almanaque da rádio nacional**. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2007.

ALVES, P. H. **Educom.rádio uma política pública em Educomunicação**. Tese. (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ASPIS, R. P. L. O professor de filosofia: o ensino de filosofia no Ensino Médio como experiência filosófica. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 24, n. 64, p. 305-320, set./dez. 2004.

ATKINSON, S. (Ed.). **O livro da filosofia**. São Paulo: Globo, 2011.

BACCEGA, M. A. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. In: COSTA, M. C. C.; CITELLI, A. O. (Orgs.). **Educomunicação**: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

BACCEGA, M. A. Comunicação/Educação: alguns caminhos. **Revista USP**, São Paulo, n. 48, p.18-31, dez/fev 2000-2001.

BONVENTTI, R. Memória? César de Alencar. **Cartão de Visita**, 2016. Disponível em: <http://bit.ly/2kz5O3q>. Acesso em: 6 fev. 2017.

BRITO, F. (Org.). **Ciência e Público**: caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ, 2002.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar y salir de la modernidade. Cidade do México: Grijalbo, 1989.

CANDOTTI, E. Ciência na educação popular. In: MASSARANI, L.; MOREIRA, C.; CRUZ, M. N.; FONTANA, R. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CONSANI, M. **Como usar o rádio na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

COSTA, J. S. Passagem do Mythos para o Logos. In: CABRAL, A. M.; SAMPAIO, J. L.; BITTENCOURT, R. N.; BARROS, T. M. S. (Orgs.). **Filosofia: um panorama histórico-temático**. Rio de Janeiro: Mauad, 2013.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2011.

FERNANDES, R. F. **Brincando com os sons**: os programas infantis de rádio como experiência da cultura do ouvir. Revista Rádio-Leituras, Mariana-MG, v. 07, n. 01, pp. 108- 125, jan./jun. 2016.

FERRARETTO, L. A. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Editora Sangra Luzzatto, 1965.

FILHO, J. P. O Rádio e a Educação: A experiência do MEB e as contribuições para a educação popular. In: PRETTO, N. L.; TOSTA, S. P. **Do MEB à WEB**: o rádio na educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GALLINA, S. O ensino de filosofia e a criação de conceitos. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 24, n. 64, p. 359-371, set./dez. 2004.

HOBSBAWM, E. **Era dos extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IVANISSEVICH, A. A mídia como intérprete. In: BOAS, S. V. (Org.). **Formação e informação científica**: jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2005

KAPLÚN, M. **Produccion De Programas De Radio**: El Guion - La Realizacion. Quito: Editorial Quipus, 1999.

KROHLING, C. M. Comunicação comunitária e educação para cidadania. **Pensamento comunicacional Latino-Americano**. São Paulo. v. 4, n. 1, out./nov./dez. 2002. Disponível em: <<http://bit.ly/21iNitR>>. Acesso em 29 mar. 2014.

MACHADO, A.; MAGRI, C.; MASAGÃO, M. **Rádios Livres**: a reforma agrária no ar. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MARCHÃO, M.J. Ativar a construção do pensamento crítico desde o jardim da infância. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, v. 32, n. 32, p. 47-58, fev./abril. 2016.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MELLO, S.A. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. **Perspectivas**, Florianópolis, v. 25, n. 01, p. 83-104, jan./jun. 2007.

MORIN, E.; CIURANA, E. R.; MOTTA, R. **Educar na era planetária**. São Paulo: Cortez, 2000.

MURCE, R. **Bastidores do rádio**: fragmentos do rádio de ontem e de hoje. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MURCHO, D. A natureza da filosofia e o seu ensino. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 22, n. 44, p. 79-99, jul./dez. 2008.

ORLANDI, E. P. Análise do discurso. In: ORLANDI, E. P.; RODRIGUES, S. L. **Discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006.

ORLANDI, E. P. Texto e discurso. **Organon**, v. 9, n. 23, p. 111-118, 1995.

OROFINO, M. I. **Mídias e mediação escolar**: pedagogia dos meios, participação e visibilidade. São Paulo: Cortez Editor

PERUZZO, C. M. K. Rádios Livres e comunitárias, legislação e educomunicação. In: PRETTO, N. L.; TOSTA, S. P. **Do MEB à WEB**: o rádio na educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PILETTI, C. **Didática Geral**. São Paulo: Ática, 2003.

PINHEIRO, C. (org.). **A rádio nacional**: alguns momentos que contribuíram para o sucesso da rádio nacional. São Paulo: Nova Fronteira, 2005.

SCHAFER, R. M. **A afinação do mundo**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

SOARES, I. O. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 19, p. 12-24, set/dez, 2000.

SOARES, I. O. Rádio como política pública: uma experiência paradigma em educomunicação. In: PRETTO, N. L.; TOSTA, S. P. **Do MEB à WEB**: o rádio na educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOUZA, J. B. **Meios de comunicação de massa**: jornal, televisão, rádio. São Paulo: Spione, 1996.

SPERBER, G. B. **Introdução à peça radiofônica**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1980

SPROUL, R. C. **Filosofia para iniciantes**. São Paulo: Vida Nova, 2002.

TEIXEIRA, M. M.; PÁES, J. J. P.; TEIXEIRA, M. G. D. A Rádio WEB Universitária como modalidade educativa audiovisual em contexto digital. In: PRETTO, N. L.; TOSTA, S. P. **Do MEB à WEB**: o rádio na educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone Editora, 1988.

ZAMBIONI, L. M. S. **Cientistas, jornalistas e divulgação científica**: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica. Campinas: Autores Associados, 2001

ANEXO 1 – ENTREVISTA

Dr. Ruben Dargã Holdorf – 22/06/2017

Thiago - Como surgiu, quais foram os primeiros movimentos de instituição da Rádio Unasp. Foi via curso, via Unasp? Havia outras pretensões na época? Como que foi?

Holdorf - O projeto da rádio já existia desde os anos 90, antes do surgimento do curso. Era o pastor Valiante quem cuidava disso aí. Tanto é que depois fez a coisa errada. Quando eu cheguei aqui e vi como estava o processo, eu tentei interferir, sendo o único professor de jornalismo, mas fui impedido. Estava na mão de um professor de teologia, então não foi possível interferir. Quando eu tive acesso à documentação, eu falei: "vai dar problema". Não deu outra. Depois ele se arrependeu de ter feito. Pois é, foi o que eu falei. Não façam rádio educativa. Peçam rádio comercial, FM, na pior das hipóteses AM, ondas curtas, ondas tropicais, sai lá! Mas não façam isso porque tem restrições que pesam muito em relação à nossa posição ideológica, educacional e religiosa. Então isso vai ser um tiro no pé. Fizeram. Hoje, desde a época que eu assumi, depois passando para o Leandro, conseguimos contornar isso. O segundo problema é que foi feita uma fundação pra abrir a rádio. São vários problemas. Primeiro que a rádio é do município de Artur Nogueira e não de Engenheiro Coelho. Porque de Engenheiro Coelho, o prefeito já tinha apanhado para ele uma concessão, que ele tinha conseguido com um deputado federal. E aí vem outro problema. A fundação precisa ter uma propriedade, aí ao invés de eles colocarem algo restrito, fazer uma partilha de um terreno, colocaram o Unasp inteiro. Isso é uma concessão do governo. Se o governo quiser retirar, ele toma o Unasp inteiro. Se for um governo mal-intencionado, faz isso. Então tem vários erros.

Thiago - Mas a fundação está nessa situação até hoje?

Holdorf - Sim, a situação da Fundação Horizontes está assim até hoje. A rádio ficou então, na realidade, com o curso de publicidade, que deitou e rolou na rádio e a rádio tomou um rumo totalmente estranho. Aí chegou o professor Wagner, assumiu a parte de jornalismo, só que foi na direção de quem já estava lá. E aí começaram a criar

programas extremamente estranhos. Não tinha mais jornalismo. O jornalismo foi desenvolvido a partir de 2007 pelo Marcio Tonetti. Tiraram o Marcio Tonetti. Aí assumiu o André Leite e eu participei de alguma coisa ali tentando ajudar, mas aí praticamente fui impedido de fazer e tive que me retirar totalmente. Não teve mais graça, fiquei só na agência [Agência Brasileira de Jornalismo – ABJ – laboratório de prática do curso de Jornalismo do Unasp], e, em 2009, foi cortada a concessão, por que eles aumentaram a potência indevidamente que rádio dava para escutar lá em Atibaia. Eu escutei. Estou falando, pois eu estava no carro e escutei em um sábado a rádio em Atibaia. E aí o pastor Martini [diretor geral do Unasp, campus engenheiro Coelho] me chamou na metade de 2009 e falou assim: ‘assume a rádio! Sai da agência e assume a rádio, por que precisamos recuperar’. E, eu entrei na metade de 2009, em agosto de 2009, fui até o final do ano, apenas acompanhando para ver o que estava acontecendo e aí um dia voltei para uma reunião para mostrar um relatório e o relatório eu pedia a destituição de vinte bolsas. Tentaram resgatar algumas pessoas que estavam lá para trabalhar comigo e eu não aceitei, pois sabia que seria problema. E aí fiquei com apenas dois alunos, de vinte fiquei com dois, tirando os dezoito alunos, alguns até se rebelaram e saíram do Unasp, mas aquilo estava uma festa, descobri cartão de visita, com o logo do Unasp, de aluno. Tinham notas fiscais de pizzada, assim, R\$ 800, na época, há sete anos! E era uma coisa semanal, estava aquele monte de notas. Então eu peguei todo esse material, fiz o relatório, entreguei ao pastor Martini e falei assim ‘preciso de dois profissionais’. Aí tentaram indicar um pior que o outro, então aí eu chamei o Leandro Oliveira, que tinha experiência de Jovem Pan, CBN, Novo Tempo; lembrei da Andréia Moura; e convidamos, eles vieram no final do ano como funcionários da Rádio. A Andreia assumiu a redação na parte de jornalismo e o Leandro como diretor técnico da rádio. E eu continuava como diretor geral da rádio. E foi nessa época que a sua turma chegou. Uma das melhores turmas de entrada que tivemos aqui. Estaria entre as três melhores turmas de todos os tempos de calouros. Pena que não continuou, por que seria um show no final. Então nós fizemos uma reestruturação em toda a programação e eu tentei incorporar e implantar a ideia da rádio online e esquecer no *dial*. Então, implantamos, fizemos o site, implantamos o webjornalismo e programação para internet, era um público maior, estava no início, fizemos uma divulgação maciça e a rádio começou, a Andreia dirigia muito bem o trabalho com vocês, e aí foram surgindo programas novos, coisas e ideias

novas e nessa época surgiu o Intervalo Filosófico contigo. E que, foi assim, surpresa! Te conhecendo hoje, não ficaria surpreso que tenha essa capacidade. Mas, na época, não que a gente duvidasse da capacidade, mas pelo fato de ter um programa de filosofia em rádio. Um texto filosófico impresso, ou então um programa filosófico na televisão, que você consegue com imagens dar uma amenizada, né? Agora, no rádio falar de filosofia? Mas era dois, ou três minutos, tudo bem! Mas e a linguagem? Então, tudo isso foi feito um processo de adaptação, de aprendizado.

Thiago - Foi um aprimoramento de formatos também, né?

Holdorf - Foi algo fantástico. A premiação coroou o trabalho feito por vocês. Eu acredito que teria coroado outros programas se eles também tivessem continuado. Programas que foram premiados foram o Intervalo Filosófico e o Canal da Imprensa. Outros programas poderiam ter sido premiados. Aquele América Sem Fronteiras, aquilo foi fantástico. Um dos melhores programas que tivemos aqui. Talvez volte. Tem uma turma hispânica boa. Estão tentando voltar, ainda mais com essa vinda do William de Bogotá, né? E eu fiquei até o final de 2010. Tava muito pesado pra mim. Tem a questão dos estudos. E mesmo assim eu tinha o apoio, não só do Leandro e da Andreia, mas também dos próprios alunos que levavam a sério a programação. Foram feitas várias parcerias com a CBN e outras várias emissoras aqui da região, produziram vários rádiojornais, jornais matutinos e distribuía pra sete emissoras da região. Tempos depois foi feita uma parceria com a CBN de Campinas, pra qual era mandada uma reportagem semanal, sempre na quinta-feira, e a PUC mandava também e eu me lembro até hoje que um dos diretores lá da CBN falou que durante a semana, o maior drama era receber o material da PUC, que era muito ruim. E o do Unasp era altamente profissional. Então não é uma depreciação contra a PUC, mas a importância do curso ter o ambiente de trabalho também. Um ambiente de oportunidade para estágio e é um laboratório. Porque você vai fazer uma testagem, erro e acerto. E vai levar isso pra sua vida profissional. E a PUC não tem isso, então nós tivemos essa vantagem. Só que aí houve uma pressão, acredito que institucional e da própria Igreja Católica, da comunidade, pra não ter mais na CBN de Campinas material dos adventistas. E aí ficou só a PUC.

ANEXO 2 – ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE COM ESPECIALISTA

Dr. Marciel Aparecido Consani - (05/07/2017)

Thiago - Como você, professor, vê o intervalo filosófico, a nível de narrativa, roteiro, estrutura e até mesmo a edição do programa?

Consani - Do ponto de vista de produção, ele está bem melhor acabado agora. Tinha algumas “rebarbinhas” daquela vez que a gente escutou, você corrigiu praticamente todas. Está um produto criativo, um produto original, está uma proposta interessante, está bem executado. Assim, mesmo você não sendo um radioator, você cumpre bem o papel que faz. Acho que a proposta se sustenta enquanto produção. É uma produção bem-acabada, profissional. Se é o que você queria saber. Segundo, é uma produção que pode se adequar ao público infantil, mas não ao público infantil de menos idade. Então só recapitulando: Qual a faixa etária ou ciclo, série que você destinou esse produto?

Thiago - De 8 a 11 anos.

Consani - Então assim, ele está puxado um pouquinho mais para cima. Eu já pensaria em 10 a 12. Pensaria em 11, 13, sabe? Eu pensaria assim porque não parecem ser conteúdos introdutórios da filosofia, nem a linguagem, nem a temática específica. Parece assim, crianças que já começaram com aquela sensibilização filosófica que acontece no ensino fundamental. Que é aquela questão assim: “ah, para que serve a filosofia? O que é um filósofo? Quando começa a filosofia?” Dessas questões básicas, já está entrando mais em correntes. Você ainda está usando uma abordagem de contextualização dos temas para a infância. Mas para mim, está muito mais para um público pré-teen, teen, adolescente, do que um público infantil.

Thiago - Só para esclarecer uma questão professor. Os programas que eu te passei e que passei para os alunos, são os programas que já tinham sido produzidos na

época em que ele surgiu. Então na verdade estou estudando a eficácia dentro de todos esse contexto que a gente conversou, dessas produções. E a partir delas...

Consani - Eu não sei exatamente. Isso está em seu trabalho, o contexto no qual você trabalhou. Estou falando do ponto de vista de fora.

Thiago - Sim, exatamente. Só para situar, eu não fiz eles agora. É isso que eu estou querendo dizer.

Consani - O meu parâmetro é rede pública, município, São Paulo, Estado de São Paulo, periferia, que é o universo onde eu mais atuei. Mas assim, quando faço esta colocação, é em relação a parcela do perfil de público que eu conheci nesses contextos. Me parece que o seu programa pede um pouquinho mais de maturidade. É lógico que o seu objeto, aí você já está fazendo uma defesa, você precisa ter essa defesa pronta quando houver o questionamento. Desculpa te cortar, mas estou dando o contexto.

Thiago - É que você tinha falado que percebeu uma melhora do programa e tudo mais, é que na verdade eu não fiz eles agora. Sobre isso que eu estou falando, são os mesmos programas que já estavam prontos.

Consani - Possivelmente porque no dia que você apresentou a gente não tinha aquela qualidade para escutar. E agora é diferente porque eu escutei em um bom sistema, com fones de ouvido. Então assim, havia coisas que eu não tinha nem percebido, eles estão melhores. Está mais nítido para mim agora. Então, enquanto produção, agora estou tendo uma apreciação melhor. A observação que eu faço na verdade é de adequação ao público. Já estou avançando para a segunda parte. Pode pôr um "ok" aí. Qualidade técnica passou, passou no teste.

Thiago – Ok.

Consani - Agora vamos falar: adequação ao público.

Thiago - Sim, questão de linguagem então. Vamos lá. Gostaria que o senhor falasse, você acha que ela está adequada, principalmente, considerando que são crianças dentro desse público, que são de faixa etária que eu te disse, que era na verdade a intenção do programa inicialmente de conversar entre crianças de 8 a 11 anos?

Consani - Existe um problema na criança com 8 a 11 anos, que é assim, eles até podem ter acesso a mídia radiofônica. Eles podem escutar coisas no celular. Eles podem ter o hábito de escuta mudado por relações familiares, porque o pai e a mãe escuta, porque tem um avô que tem rádio. Mas de um modo geral, nessa idade, as crianças acabam, assim, em termos de objeto de aprendizagem funcionam melhor, ainda, os conteúdos audiovisuais, as animações. É muito mais difícil você transpor uma narrativa do áudio para o vídeo do que ao contrário. Certo? Então existe assim. Esse é um conceito conhecido pelos publicitários, o que eles faziam desde os primórdios da televisão? Eles colocavam um programa de televisão, um spot comercial, esse spot apresentava um personagem, um conceito, e depois, devido ao custo alto que havia na veiculação televisiva, as campanhas eram transportadas ou replicadas na mídia rádio. Então tinha lá o *“Cobertores Paraíba”*, que mostrava o menininho indo dormir com o cobertor. Não sei se você gosta de jingles. Eu trabalhei muito com esse formato. Tinha lá as *“Casas Pernambucanas”*, era o frio, não sei o que lá... estou falando das coisas da época de 60, para você ter uma ideia. Então o que acontecia? Você fazia um spot, que era uma produção cara na época, de 30 segundos, você veiculava na televisão em horário nobre durante algumas semanas. Depois você ficava o ano inteiro tocando isso no rádio, porque o rádio remetia aquele aspecto visual do comercial. Ele reitera. Certo? Então o que acontece, aí tem uma transposição: TV para rádio. Hoje em dia você diria vídeo para áudio. Então, você mentaliza o visual e não precisa do visual porque você já sabe o que é. Então o rádio ele funciona nesse contexto. Quando você faz ao contrário, já introduz toda a narrativa, todo o universo de personagens, todo um clima. Essa contextualização dramática já começando do áudio, você está exigindo mais do seu público. Certo? Esse é um fenômeno menos comum na produção radiofônica. Você tem alguns pontos fora da curva, por exemplo você tinha uma rádio novela. Então pouca gente sabe, mas depois da história em quadrinhos o super-homem foi primeiro para a rádio novela para depois virar animação e depois virar filme. E quando ele virou filme, ele virou primeiro

seriado de cinema, depois seriado de TV, por último longa-metragem. Então ele foi uma transposição midiática bastante complexa e tortuosa. Mas a primeira transposição foi o rádio, porque você tinha uma conexão entre o universo do leitor das revistas de HQ antigas, das PUP, que era um público que estava familiarizado com as mídias de massa: o rádio; Que era a mídia de massa dominante na época. Então você tinha, como era a mídia dominante na época, o hábito de escuta disseminado. Dos anos 70, diria que dos anos 60 para cá, você tem uma hegemonia do audiovisual. Então é muito difícil você introduzir um universo narrativo, uma proposta, personagens, contexto, histórias. É difícil você introduzir pela mídia radiofônica, mídia rádio. Então, normalmente o que acontece é o inverso. Por isso que eu digo, isso funciona melhor quanto mais velho é o seu público. Nessa faixa etária, uma criança de 7 para 8 anos não tem muita diferença cognitiva. Uma criança de 8 para 10, é como se fosse uma geração. Gerações infantis a cada dois, três anos elas mudam. A criança olha para trás e pensa, “como é que eu gostava disso?” Ela gostava disso há dois anos atrás. Ela já não se reconhece porque as transformações são muito rápidas. Entendeu? Então, assim, do ponto de vista pedagógico seria recomendável que você pensasse em um público mais maduro, para você introduzir os personagens a partir da linguagem radiofônica. Está é minha observação.

Thiago - Agora falando da questão da filosofia em si. Como que você acha que é a abordagem do conteúdo e, principalmente, da proposta do programa de falar de filosofia de forma leve, promovendo a alteridade e emancipação da criança dentro desse contexto. Como você avalia?

Consani - Eu guardei uma observação muito importante para você. É assim, eu sou professor de ética do meu curso, e eu trabalho só com crianças grandes, crianças da sua idade. São jovens adultos. Não é fácil. Não é fácil porque todo mundo tem opinião antes de ter repertório. Então você vê lá o jovem educador, o educador, da informação e fala vamos discutir ética. Todo mundo já tem uma opinião do que é ética, para quê que serve, o quê que falta na ética, por onde... O pessoal sobe no caixote e começa a fazer discurso. Eu falo: espera um pouquinho pessoal, vamos começar do começo. Não sei aí se a Tia Chauí, se alguém leu aquele catatau da Tia Chauí, que ela coloca lá o convite a filosofia, que tem gente que tem trauma, vê a capa do livro e

quer sair correndo. Chauí de novo, não. Pois é gente, é a Chauí, porque? Porque a alternativa é você ler os originais. Você ler Kant no original é uma experiência que vai te traumatizar, Kant, Espinoza, Weber. Então espera aí, tem que começar devagar. No mínimo você pega aquele livro dos textos básicos que Danilo Marcondes compilou, tudo mastigadinho, com exercícios, tudo contextualizado e você sobrevoa os tópicos da filosofia. Você tem uma vaga noção e você descobre o quanto a gente é ignorante a respeito da filosofia. Inclusive os professores de filosofia, pouquíssimos deles conseguem abarcar todo o universo do conhecimento filosófico. É uma coisa desumana. Então são temas e conceitos que eles pedem que haja um repertório. Nessa faixa etária a criança não tem um repertório. Nem a criança, nem o pré-adolescente e, geralmente, o adolescente também não. Esses dias eu adquiri um livro da federal do ABC, que é a introdução a filosofia em quadrinhos para crianças. Eu achei, assim, um material muito interessante. Eu cheguei a seguinte conclusão: o rádio, ele é um recurso poderoso assim como o vídeo, mas dificilmente ele vai funcionar sozinho. Ele vai funcionar no conceitual de instrucional. Então o produto que você fez, ele cabe dentro de uma estratégia de introdução aos temas filosóficos. Você tem que ter um planejamento de aula incluindo outros recursos além do rádio em si. Aí assim, você está pedindo. A sua proposta, ela seria realizada dentro de um projeto transmidiático, onde você trabalhasse com texto, com ilustrações online, eventualmente com história em quadrinhos, vídeos. Se você conseguisse instrumentalizar o professor, não com uma linguagem midiática, mas com um conjunto integrado de produções midiáticas a respeito dos temas. Certo? Você tem um potencial forte dentro do que você produziu da sua proposta, mas enquanto educador, enquanto educador desde 1985, enquanto conhecedor do universo infantil e formação de professores, eu esbarro nessa concepção de que o produto em si, radiofônico, ele tem um alcance limitado, ele pede todo um conjunto de estratégias para contextualizar esses conteúdos na sala de aula. Não sei se você concorda, mas foi essa a conclusão que eu cheguei.

Thiago - Sim. Outra questão deste tópico que eu esbarrei foi que ouvindo os programas agora, eles têm uma abordagem mais histórica do que conceitual dos filósofos e das corrente filosóficas, essa abordagem...

Consani - Isso para mim não é um problema.

Thiago - Isso que eu iria perguntar. Essa abordagem, você acha que ela é capaz de ajudar nessa construção emancipatória, enfim, de alteridade, dentro desse conjunto transmidiático que você está propondo?

Consani - Isso funcionaria muito bem em um projeto interdisciplinar envolvendo história. Porque essa fase de ensino da filosofia, ela realmente começa introduzindo o contexto. “Houve um filósofo tal, que viveu não sei quando, ele refletiu, descobriu isso”. Porque? Porque você está colocando na narrativa. É uma narrativa de vida? Tudo bem. É uma narrativa histórica? Tudo bem. É uma narrativa que não enfatiza o conceito? Tudo bem. Na faixa que você colocou de 8 a 11 anos, é pedir muito esse nível de abstração para que a criança entenda a ideia, o conceito, assim, de Santo Agostinho, nessa coisa do problema do mal. Como que você vai explicar o problema do mal? Não cabe isso, é algo que pede um outro tipo de abordagem. Isso causaria uma confusão na cabeça da criança. Em Santo Agostinho há o problema do mal, é aquela história: como que um Deus infinitamente bom criou o mundo, criou o homem, como Ele permite a existência do mal? Aquela coisa que depois eles vão buscar justificativas no livro de Jó, enfim. Mas assim, isso é muito difícil de você contextualizar para uma criança nessa faixa etária porque? Porque ou ela teve uma educação religiosa, e você vai confrontar ela com as contradições da doutrina ou ela não teve uma educação religiosa e não vai ver muito sentido nesse tipo de discussão. Ela vai mais uma vez estar frente a conceitos abstratos... capacidade cognitiva de processar isso. Então o que eu estou dizendo em outras palavras, o jeito de você apresentar a filosofia para essa faixa etária, é contando sobre os filósofos e envolvendo a narrativa de vida dos filósofos. Você está dando o contexto histórico, você está mostrando que houve outros períodos históricos, outros lugares, onde surgiram os conceitos filosóficos, os pensamentos filosóficos, você está mostrando que existe um interesse perene na história pela filosofia e suas questões. Você está trazendo isso para um universo que a criança entende, um lugar de narrativa. Por isso que eu digo que não vejo problema. Eu, particularmente. Pode ser que outra pessoa na banca vá te criticar, questionar, puxar o pé e dizer: “ah, mas, sei lá, você só falou de história da filosofia, não falou da filosofia em si, não tocou nas questões éticas e morais”. E assim, para

essa faixa que você se propõe a trabalhar é muito precoce você entrar no conceito. Então a introdução da filosofia se faz normalmente pela história da filosofia mesmo. Você não errou nesse lado, ao meu ver.

Thiago - Agora com relação à última questão. O intervalo, na época que ele passava na programação da Rádio Unasp, ele passava em uma rádio, com transmissão na web, mas com uma produção educativa normalmente, como qualquer rádio, com grade, e tudo mais, de programação. Para que ele seja utilizado em ambiente escolar, que faz parte da proposta desse projeto. Você acha que deveriam ser utilizadas quais plataformas? Seria eficiente a gente continuar na rádio? Como que seria a forma mais adequada de se fazer isso professor?

Consani - Aí a gente volta a primeira pergunta que você fez. Eu não penso na mídia rádio como um veículo só. O rádio pra mim, no caso, é linguagem, é oralidade. Oralidade elétrica, eletrônica, e, hoje em dia, digital. Então é um formato acessível porque ele coloca a narrativa, diálogo, efeitos. Ele estimula a imaginação com a sonoplastia, ele afeta a emotividade com a trilha, ele tem todo um conjunto de ferramentas poderosas que faz com que ele funcione. Só que ele só funciona se as pessoas sentarem para ouvir o rádio. As pessoas, no caso, elas são crianças. Então é um grande desafio fazer uma criança sentar e ouvir o rádio, isso você faz em três circunstâncias. Primeiro se a criança tem o hábito ou a cultura de escutar rádio, nem que seja no celular. Esse é o caminho mais difícil que você vai encontrar, isso é raro. Segundo caminho, você faz um projeto. O professor de filosofia, ele descobriu seu material, ele sabe quando passa o seu programa, então ou ele vai ligar o rádio ou ele vai gravar os áudios. Ele vai usar isso na aula dele, ele vai fazer um plano de aula envolvendo como objeto de aprendizagem, como tema gerador, ele vai colocar o seu programa para fazer a provocação e depois ele vai complementar os conteúdos usando a sua produção como ilustração na aula dele. Essa seria uma segunda estratégia. A terceira estratégia é como eu te falei, você já ver previamente. Você enquanto produtor. Você enquanto protagonista da proposta, você oferecer um conjunto de livro apostilado, história em quadrinhos, vídeo, link na internet, seja lá o que for, um conjunto de mídias, um conjunto de estratégias midiáticas que elas reforçam a produção que você fez em áudio. Você oferece o pacote todo para o

educador que vai discutir filosofia na escola. Entendeu? Ou você parte da iniciativa da criança, muito raro muito difícil. Tem que ter um esforço grande, uma cultura familiar grande. Ou você parte do esforço individual de um professor. Que aí também você não funciona em todos os contextos ou você assume que está trabalhando um produto midiático educativo voltado para o ensino da filosofia, e você oferece as plataformas de apoio para potencializar o seu objeto de aprendizagem em formato de programa de rádio.

Thiago - Ok. Queria que você, para a gente finalizar, fizesse um panorama em questões que você acha que foram assertivas e que não foram assertivas.

Consani - Eu diria o seguinte: você partiu da realização para reflexão. Essa seria a minha análise. Você tinha uma ideia, produziu essa ideia, você utilizou uma intervenção pedagógica para testar a sua ideia e você colheu as conclusões. Agora você está tentando transformar isso em um produto reflexivo, em uma dissertação. Você está tentando tirar conclusões de tudo isso que você já fez. O tipo de intervenção que você propõe, ele pede agora o percurso ao contrário. Você tem que pegar essa experiência toda, transformar essas reflexões em novas orientações de produção. Você já sabe agora o que funciona e o que não funciona. Você tem que reposicionar suas estratégias e aí sim você oferecer um produto diferente. Esse produto diferente, ele pode ser alguma coisa focando uma parceria com um professor ou pode ser um conjunto de estratégias, até quem sabe pendurado na internet, na forma de uma plataforma a qual você consiga potencializar a linguagem radiofônica como objeto de aprendizagem. Eu acredito muito no potencial educativo do formato radiofônico. Logicamente para crianças maiores, em cliques mais curtos quebrados em blocos de cinco minutos. Eu acho que conforme vai passando dos cinco minutos, seis minutos já começa a ser um desafio para a criança manter a atenção.

Thiago - Nesse ponto, você acha que tinha um tempo adequado?

Consani - Eu acho o ideal seria quebrar ele em três blocos. Nessa faixa etária que você propôs, quebrar ele em três blocos. Inclusive, porque o bloco dá uma

possibilidade de fazer uma intervenção. Você pode usar começo, meio e fim. Introduzindo a história do filósofo. Então, “será que virão o contexto em que ele viveu? Ah, vamos ver qual a importância desse cara”. Aí toca o segundo bloco. O segundo bloco já vai falar mais. Aí o intervalo. Ele não ficou naquele início, ele teve um desenvolvimento. O filósofo, ele teve uma trajetória. “Ah, vamos ver como acaba a história?” Aí você vai para o fim. No fim normalmente você fala: olha está vendo, até hoje a gente aproveita contribuições filósofo. Ele foi importante, a gente usa ideias dele no dia a dia. Aí você compara, por exemplo com, sei lá, uma série de televisão que vai colocar uma questão que você pode puxar o Descartes, Santo Agostinho e puxar quem você quiser, entendeu? Então a chave toda para que funcione o processo educacional é o contexto. Então, você não deve pensar em materiais auto instrucionais, autossuficientes. Que eles apresentem o histórico. Apresentem o conceito. Induzam à reflexão e levem uma conclusão no final. Aí é muito difícil, mesmo filme, mesmo audiovisual. Tem que ser extremamente bem feito, extremamente curto, extremamente atraente em recursos audiovisuais. É muito difícil. Então, aí acho que você deveria direcionar um conjunto de estratégias e ferramentas que podem ter o rádio, a linguagem radiofônica, como centro, como objeto principal. Mas que não fique entregue toda a responsabilidade educativa para o programa de rádio.

**ANEXO 3 – ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE COM PÚBLICO PROPOSTO
(CRIANÇAS COM IDADE ENTRE 9 E 11 ANOS)**

Giovanna Karla Cafaro dos Santos – 9 anos

João Artur Neres Bento – 9 anos

José Augusto Rodrigues Nogueira - 9 anos

Laís Dias Paes Silva – 10 anos

Lucca Matheus Vicente de Abreu Cáfaró - 9 anos

Maria Julia Valuta – 9 anos

Milton Luiz Piazzentin dos Santos Filho – 11 anos

Roberto dos Santos – 9 anos

Sara Alves Teixeira de Araújo – 10 anos

23/06/2017

Thiago - Quem são os personagens do programa?

José Augusto - É a coruja, aí tem mais dois que eu não sei. Aquele lá que falou que a Terra era redonda, e tem os amigos da coruja.

Maria Júlia - A Sofia, que era a coruja; O Thiago, amigo da coruja; E De...

Thiago - Descartes.

Maria Júlia - Descartes, que é o que cai no buraco.

Thiago - Alguém mais quer falar?

Milton - Eu ouvi a música, que é quase igual a um filme que eu conheço. O Ratatouille, sabe? Daquele filme lá que eu conheço. Eu assistia, sabe? Quando eu tinha 5 anos, aí eu parei.

Thiago - Sim, algumas trilhas foram utilizadas do Ratatouille.

Milton - Eu ouvi alguns caras falando assim. Eu esqueci o nome da música, Como era mesmo?

Thiago - Tá, enquanto você pensa aí a gente vai falando. Alguém mais identificou algum outro personagem na história? Não? Pode falar.

José - Aquele lá que estava correndo atrás do lobo. Ah, eu esqueci o nome.

Thiago - Descartes.

Milton - Lembrei.

José - Condutor do trem.

Thiago - Como que é? Ah, o condutor do trem.

Thiago - Tá, você identificou mais algum?

Milton - O que falou assim para moça: “Nós estávamos perdidos, o mapa estava virado de ponta-cabeça”. Aí ele falou assim: “Socorro, socorro!”.

Thiago - É, foi o Descartes. Um dos personagens que a gente falou aqui. Quais lições nós tiramos dessa história que a gente ouviu? Quem quer falar? Podem falar, fiquem à vontade.

Maria Júlia - A gente tem que ajudar as pessoas mesmo em situações difíceis. Porque uma hora a gente pode estar nessa situação.

Thiago - Ouvindo esse programa, como vocês imaginaram a França?

Milton - Ah, eu já sei. Acho que a França tem a Torre Eiffel, assim, que eu estava tirando foto. Tinha um barco assim, reto. Uma ponte. Aí, eu estava sonhando isso. Descida da Torre Eiffel, fui para o apartamento. Quer dizer, um hotel. Aí eu peguei um

quarto de 200 metros, e uma cozinha. Cozinha não. Uma sala com 500 metros e um banheiro de 400 metros.

Thiago - Legal! Vai lá, você.

Giovana - Imaginei a torre no meio da cidade, muitos carros indo e voltando, árvores, lojas e essas coisas.

Thiago - Você ia falar? Vai lá.

Sara - Eu imaginei no meio da cidade também, em volta dela tinha um lago, e depois tinha um jardim com flores.

Thiago - Mas alguém? Onde vocês imaginaram que os personagens estavam? Como era esse lugar?

Roberto - No meio do oceano.

Thiago - No oceano?

Lucca - Eu imaginei que ele estava perto de uma linha de trem. Tipo assim, com matos do lado. Aí o trem foi lá.

Giovana - Muito mato!

Thiago - Vamos a última pergunta. O que vocês aprenderam com o quadro Filosofês? Vocês lembram?

Milton - Eu aprendi que isso me fez motivar, deixou eu mais feliz e deixou a história mais legal.

Thiago - Entendi. Você.

Lucca - Aprendi a não julgar, assim, ver o que ela errou. Porque todo mundo erra.

Thiago - Tá bom, muito obrigado! Na semana que vem a gente vai continuar ouvindo a historinha, e a gente vai conversar depois do mesmo jeito. Muito obrigado!

26/06/2017

Thiago - A primeira questão que eu gostaria que vocês falassem comigo é: quem é Agostinho?

Lais - Ele é um escritor famoso.

José - É um escritor famoso que escreveu a Bíblia. Ah, esqueci.

Sara - Acho que é um filósofo e escritor famoso.

João Artur - Ele é Santo.

Thiago - Ele falou que ele é santo. Vai lá. Alguém mais quer falar alguma outra coisa de quem foi Santo Agostinho pelo que ouviu do programa? Onde os personagens estavam no episódio de hoje?

Lucas, Lais e José - Estavam na casa deles.

Thiago - O que eles estavam fazendo?

Sara - Estavam fazendo bolo

Giovana - A Sofia eu acho que estava, acho que vendo, e o Thiago fazendo bolo.

Thiago - Isso! Ok, vai lá.

João Artur - O Thiago estava fazendo bolo, a Inês mandou a Sofia atender quem estava na porta.

Thiago - Porque?

Lais - Porque a campainha estava tocando, aí ele pediu que ela fosse porque estava ocupado. No que ela abriu a porta tinha um homem vendendo, e ela não sabia dizer quem era. Ele estava vendendo as coisas. Livros bíblicos que ele mesmo escreveu. Aí o Thiago perguntou quem estava lá, e ela falou que era só um vendedor chato e tal. Aí depois ele foi lá ver e era Santo Agostinho.

Roberto - ele é santo mesmo?

Thiago - Ele é conhecido. Como vocês falaram ele é escritor, e foi um teólogo também. Ele estudava a Bíblia e tinha vínculo com a Igreja Católica. Ele foi bispo da região que ele viveu lá na Argélia, Norte da África. Depois de um tempo que ele morreu, ele foi tão importante para a igreja católica, que ela o tornou um santo. Em ambiente acadêmico, quando a gente vai estudar essas coisas, a gente fala Agostinho de Hipona, que é onde ele vivia. Uma cidade que fica no norte da África. Fazia parte do império romano. Então, a Igreja Católica o chama de Santo Agostinho e na universidade se referem a ele como Agostinho de Hipona. Depois que vocês ouvirem a história dele, quais são as lições que vocês conseguem tirar dessa história?

Sara - Como a Sofia falou que era um vendedor chato. Nossa, ela pensou que era só mais um vendedor. Mas quando ele falou o nome dele, aí ela falou nossa...

Thiago - Ela viu que era um cara importante.

João Artur - Não pode julgar a pessoa pela aparência dela.

Thiago - Quais lições a gente tira da história dele? De tudo que foi falado?

Laís - Uma das lições é que a gente tem que não tem pregar sempre da nossa religião, mas sim sobre Deus. Não interessa o que a gente está pregando ali sobre Deus, mas se a gente estiver pregando sempre está bom.

Thiago - Vai lá, você.

Roberto - Não julgar os outros, porque a gente não sabe quem é a pessoa.

Thiago - Quem mais queria falar? Mais alguém?

Laís - Mesmo conhecendo a pessoa a gente não pode julgar ela. Temos que aprender um pouco sobre ela para a gente poder ajudar.

Thiago - Agora deixa eu perguntar uma coisa para vocês. Ele conversou com a Sofia, vocês lembram, esperando o bolo ficar pronto. Aí ele contou um pouco da história dele. Quem pode contar um pouco da história dele?

Giovana - Ele falou que quando ele era adolescente ele saiu de casa, e ficou na rua.

Thiago - Vai lá, Laís

Laís - Ele contou que tinha uma mãe que era católica e um pai que era ateu.

Thiago - Vai lá, continua.

Laís - Ele amava os dois, e sobre a religião ele não sabia qual escolher. Ficava em cima do muro. Aí ele saiu de casa, porque naquela época ele só queria curtir a vida. Como era tradição, e a família dele inteira era católica, não tenho certeza, ele fugiu. Ficou na casa de uma mulher, teve um filho e tal. Aí não lembro mais.

Thiago - E o que que ele se tornou?

Muitos respondem - Filósofo e escritor.

Thiago - E o que a gente pode aprender com isso?

Laís - Que quando a gente cresce e continua estudar, o que a gente pode ter perdido na infância e na escola, lá para frente a gente tem como conseguir voltar atrás.

Thiago - Tem como recuperar, né? Vocês lembram do quadro Filosofês? Que ensinam as palavrinhas e tudo mais. Uma das palavras que ele ensinou foi teísmo. Isso no primeiro programa. Alguém poderia falar o que entendeu do que é teísmo? Vocês lembram dessa parte do programa?

Muitos respondem - Não.

Thiago - Não lembram? No último programa também teve o quadro Filosofês, e foi falado o que é moral. Alguém lembra e pode falar o que é moral? Não lembram?

José – É lição de moral ou moral?

Thiago – Moral.

José – Não lembro.

Thiago - Como que o programa terminou, levantem a mão?

Giovana - O Santiago.

Thiago - O Agostinho.

Giovana - É isso. Ele começou a ficar tonto e caiu.

João - O Thiago e a Sofia ficaram perguntando porque Santo Agostinho desmaiou na rua.

Thiago - Ele estava no banheiro ou não?

Laís - Ele não estava no banheiro, estava indo.

Thiago - Como vocês conseguiram identificar que ele caiu?

Lucca - Fez um barulho. Ele falou: Eu tô tonto.

Laís - Porque ele não estava se sentindo bem. Ele pediu a chave do banheiro. Mostraram para ele onde era, e no caminho ele caiu, desmaiou.

Thiago - Desmaiou, isso. Como você identificou que ele caiu?

Lucca - O Thiago, quando ele ouviu o barulho, aí ele levantou e já chamou a Sofia e falou: meu Deus do céu.

Thiago - Mas como você detectou que ele caiu?

Lucca - Teve um barulho no chão.

Thiago - Entendi. Agora todo mundo vai ter que falar um pouco. Um por um. O que vocês imaginaram quando ouviram programa?

Giovana - Eu pensei uma casa. Uma porta. Um banheiro.

Laís - Eu imaginei uma casa comum, e ali estava Sofia, o Thiago e tal.

Lucca - Ele estava numa casa, fazendo um bolo. A coruja, Sofia, estava na biblioteca e depois ela foi na porta. Ah não sei.

Sara - Eu imaginei uma casa na árvore, estava cheio de livro lá. O Thiago estava fazendo bolo. Eu não sei se ele é a coruja.

Thiago - Quem?

Sara - Santo Agostinho.

Thiago - Tá, vai lá.

Sara - Aí ele entrou todo verde lá, desmaiou e morreu no banheiro.

João - Eu imaginei o Thiago e a Sofia dentro de uma casa pequena, toda bagunçada.

Thiago - Por que você imaginou isso?

João - Porque ela falou que estava bagunçado. Aí o Thiago colocou a massa no fogão. A campainha tocou, Sophia foi atender. Ela viu o vendedor normal. Depois eles tomaram café, Aí o Santo Agostinho estava pálido, pediu para ir ao banheiro e morreu.

Thiago - Ok. Agora vamos ouvir o Roberto. Vamos lá. Quais lugares você imaginou alí no programa?

Roberto - A casa, e o Thiago estava fazendo bolo. Tocou a campainha, Thiago estava ocupado e falou para Sofia atender a porta. Ela falou ah que saco.

Thiago - Quais lugares mais você imaginou? Cenário, onde eles estavam?

Roberto - Na cozinha comendo. Aí ele foi para o banheiro e faleceu.

Thiago - Última pergunta. O que vocês acharam desse programa?

Laís - Ali fala de bastante pessoas importantes para vários lugares e tal. É isso.

Thiago - Quem mais? Vai lá.

Luca - Ensina várias coisas para a vida.

Thiago - Ensina o que para a vida?

Luca – Humildade.

Thiago - Mais alguém? Sara, o que você achou do programa?

Sara - Eu achei da hora.

Thiago - Você achou da hora porquê?

Sara - Ah, sei lá. Porque apareceu o Agostinho e depois ele bateu as botas, e isso não apareceu em nenhum episódio.

Thiago - Entendi. Vai lá Giovana, o que você achou do programa?

Giovana - Legal, muito divertido porque contou a história de um homem.

Lucca - Eu gostei porque ele faleceu ou tropeçou em alguma coisa.

Thiago - Quer falar, Roberto?

Roberto - Eu achei legal.

Thiago - Porque?

Roberto - Porque ele era um escritor famoso.

Thiago - Porque Agostinho era um escritor famoso, ok. Pessoal, é o seguinte. Amanhã será nosso último encontro. Terá surpresa para vocês. Muito obrigado e até amanhã.

27/06/2017 (a Laís não compareceu à escola neste dia).

Thiago - Com bastante sinceridade. Vamos lá. Quem era a Hipátia?

José - Ela era matemática, filósofa e entendia de estrelas. Ele era do Egito, depois foi para a Grécia. Aí eu esqueci.

João Artur - Ela era formada em matemática quase formada em filosofia.

Thiago - Tá, vai lá.

Roberto - Ela era formada em coisas de matemática. Ela falava essas coisas de estrela, era filosófica.

Thiago - Filósofa. Alguém mais quer falar?

Luca - Ela era filósofa, astrônoma e matemática.

Thiago - Isso.

Milton - Eu entendi que começou a história e ele falou assim: Nossa que bagunça Sofia, que bagunça. Está tudo bagunçado nessa casa. Daí ela falou assim: Ah, o que que tem? Acho que o que é esse negócio? Um telescópio falou a Sofia. Depois a Sofia foi, foi...Depois eles foram passeando por aí.

Thiago - E quem eles encontram?

Milton - Uma mulher.

Thiago - Isso, ela era o que?

Milton - Uma coruja.

Thiago - Ah sim. Vamos a outra questão. Onde os personagens estavam?

Luca - Em casa.

Giovana - Primeiro, quando começou eles estavam na casa dele. Depois a coruja, o Thiago achou o telescópio e eles foram para fora da casinha encontrar com a mulher.

Maria Júlia - Eles estavam arrumando a casa, daí o Thiago pegou e achou uma caixa, na caixa tinha um telescópio.

Thiago - E onde eles estavam? Que lugar era esse?

Maria Júlia - Na casa deles. Daí eles foram para fora de casa para ver as estrelas e viram uma mulher lá. Daí, depois eles foram ver a mulher e voltaram para dentro de casa. Conversaram. Eles acordaram, estava ainda na casa deles e disseram que iam almoçar.

Thiago - Ok.

Maria Júlia - Eles estavam no porão, na casa deles. Aí eles estavam vendo o telescópio na casa deles e saíram. Ele viu aquela mulher.

Thiago - A hora que você falou que eles saíram da casa deles, para onde eles foram?

Maria Júlia - No porão, depois eles estavam na casa deles. Aí eu acho que eles foram para o quintal. É isso.

Thiago - Alguém mais?

Lucca - Eles estavam no porão. O Thiago falou que estava tudo sujo lá, para ele arrumar as coisas da coruja, que tinha um monte de coisa, caixas, essas coisas. E ele abriu uma caixa. O que é essa caixa aqui? Aí ele não sabia o que que era. Ele abriu

e era um telescópio. Aí a Coruja falou: Nossa estava procurando a tanto tempo. Agora nós achamos.

Thiago - Tá bom, obrigado. Vai lá, Roberto.

Roberto - Eles estavam em casa.

Milton - Estavam na casa deles.

Thiago - Depois eles foram para onde?

Milton - Ela estava botando os ovos a noite.

Thiago - Mas onde eles estavam na história?

Milton - Eu já sei! Eles estavam no mato.

Thiago - Entendi. Agora, outra questão. Quem gostaria de falar? E quem sabe, quem conseguiu captar, quais foram as lições da história que nós ouvimos. Quem quer falar?

Milton - Ter sabedoria, não desrespeitar os outros.

Thiago - É isso aí. Vamos lá, Giovana.

Giovana - A gente aprende que deve estudar bastante, para a gente ter sabedoria.

Thiago - Isso. Alguém mais? Quais lições?

Sara - Que a gente tem que aprender um monte de coisa, porque a sabedoria lá no futuro você pode até precisar.

Thiago - Outra questão. O que a Hipátia gosta de estudar?

José - Matemática.

Thiago - O que mais?

Roberto - Estrelas.

Thiago - Estrelas. O que mais?

Lucca - Filosofia.

Thiago - Isso aí. O que a Hipátia, tem um momento que eles falam o que ela faz da vida. Qual a profissão dela?

Lucca - Professora lá na biblioteca. Ela pegou o cargo mais bom.

Thiago - Melhor.

Lucca - Depois, ela foi a melhor cientista.

Thiago - Ela ganhou o prêmio, né?

Lucca - É, troféu de ouro.

Thiago - Lucca.

José - Ela era professora, trabalhava na biblioteca, aí ela ganhou um troféu de ouro. Foi a melhor cientista do mundo e também assumiu esse cargo, que era a primeira mulher.

Thiago - Tá. Quem mais quer falar? Tem um momento na história dela. Porque ela gosta de estudar? De onde veio isso? Alguém lembra?

Sara - Pai dela?

Thiago - Foi isso? Você lembra? Vai lá, Maria Júlia. Você lembra?

Maria Júlia - O pai dela era bem sábio e obrigava ela a estudar.

Thiago - Tá, mais o pai dela gostava que ela estudasse. O que ele fez para ela estudar mais e melhor?

Lucca - Ele forçou ela a estudar mais.

Thiago - Vai lá, Maria Júlia.

Maria Júlia - Ela entrou na academia.

Thiago - Na Grécia, tá. Tivemos dois Filosofês, né? Dois quadros que ensinam as questões. Alguém lembra o que é ideia? Vocês entenderam o que ele explica lá? O que é ideia? No segundo programa, vocês entenderam essa parte? Foi lógica. Vocês lembram?

José - Eu esqueci. Ia falar um exemplo.

Thiago - Mas ele deu um exemplo geral. Vocês lembram?

José - Madeira, aí ela falou mais alguma coisa e depois falou cadeira.8

Thiago - O que vocês acharam desse programa?

Giovana - Super, super, super, super, super, mas super legal!

José - Achei legal.

Roberto - Da hora.

Thiago - Vamos supor uma coisa, que vocês pudessem, de alguma forma, ter acesso a todos os programas. Que vocês pudessem ouvir. Onde vocês acham que seria o melhor lugar para ouvir o Intervalo Filosófico?

Lucca - No banheiro.

Thiago - Não, estou falando em qual lugar. Mas, porque no banheiro?

Lucca - Ah sei lá, lá faz a necessidade.

Sara - Na sala.

Thiago - Na sala de aula, tá. Mas aonde vai sair o som? Do computador? Do rádio? Onde vocês queriam?

Sara - Da televisão.

Thiago - Porquê da televisão? Você queria ver?

Todos - Imagem, imagem.

Thiago - Última questão. Como vocês imaginam a Sofia e o Thiago?

José - O Thiago é um homem comum, branco eu acho. A coruja é aquela lá gigantona, que tem um “zoião” assim.

Thiago - Vai lá, Sara.

Sara - O Thiago é uma pessoa comum também. Ele tem cabelo preto, é um pouco branco. Da cor dessa menina. A Sofia é uma coruja, daquelas corujas branquinhas com preto.

Thiago - Ok. Vai lá, Maria.

Maria Júlia - Eu acho que ele é negro e usa óculos.

Thiago - E a Sofia?

Maria Júlia – Eu imagino ela grande!

Thiago - Vai lá, Giovana.

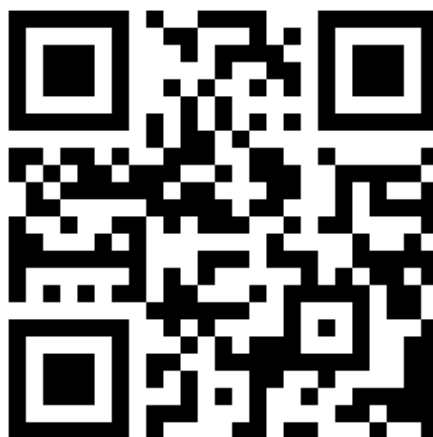
Giovana - Eu imagino o Thiago com óculos e marrom, com o cabelo preto, preto. Ele tem o cabelo marrom. A Sofia eu também imagino, uma criança, uma jovem e é o apelido dela pra mim.

Lucca - O Thiago igual a você, e a coruja rosa.

Thiago - Rosa? Vai Lucas. Como você imagina o Tiago e a Sofia?

Milton - O Thiago, ele é verdão e ela branca.

Thiago - É isso. Pessoal, muito obrigado pela colaboração!

ANEXO 4 – ACESSO AOS PROGRAMAS DO INTERVALO FILOSÓFICO

Para acessar o conteúdo, basta utilizar um aplicativo de leitura de QR Code (em smartphone ou tablet) através da câmera do aparelho, focando a imagem acima, ou por meio do link <https://goo.gl/1mcAeY>.